

REVISTA

EDIÇÃO Nº 127 | JANEIRO DE 2026

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ESPECIAL

O PEQUENO PRÍNCIPE

de Antoine de Saint-Exupéry



E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br



EXPEDIENTE / JANEIRO / 2026

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

6

O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT- EXUPÉRY

É uma obra que atravessa gerações, idiomas e culturas, mas, acima de tudo, atravessa a vida de quem a lê. [...] Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: [@conexaoliteratura](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



ÍNDICE

Expediente, pág. 02

Editorial, pág. 04

Patrocinadores da Revista Conexão Literatura, pág. 05

O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, pág. 06

O Príncipe e a Flor, por Clarissa Machado, pág. 10

Poema: Pássaros na cidade, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 18

Poema: A natureza da beleza, por Jaff Silva, pág. 20

Lucky Per, um homem de sorte, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 23

Poema: Não dá para fugir, por Sellma Luanny, pág. 28

Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny, pág. 30

Dicas para leitura, pág. 34

Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 36

Fragmentos do livro Bragof, de Fauno Mendonça, pág. 44

Suplício e alteridade, por Emerson Pagnussat, pág. 50

Memórias que tocam a alma, por Aniceia Pereira do Nascimento, pág. 58

7 gatos, por Flávio Joppert, pág. 60

Já tem 2025 anos...!!!, por Mônica Palacios, pág. 66

Pelas janelas da solidão, por Sandra de Castro Profeta, pág. 69

Resumo semiótico do conto Branca de Neve, por Flavio Joppert, pág. 71

Cinema: O agente secreto: Jonas e a baleia, por Sela - Maria Selenir Nunes dos Santos, pág. 75

Poema: Fiel da balança, por Matheus Ariete, pág. 80

Poema: Fajrero (Fagulha), por Ivana Souza, pág. 82

Lusofonia em sala de aula: um relato de experiência, por Pedro Panhoca da Silva, pág. 84

Resenha O Auto da Compadecida, por Max Moreira, pág. 89

Resenha: Pesquisa na escola: o que é, como se faz, por Max Moreira, pág. 92

Café da manhã, por Fátima Cordeiro, pág. 94

Procuro uma crônica que me aperta o peito, por Fátima Cordeiro, pág. 97

O encontro (Contém altas doses de rotina), por Marcos Carneiro, pág. 98

Entrevista com Ademilde Felix, pág. 101

Entrevista com Andréa Rukop Marques, pág. 108

Entrevista com Dionysius Fredericus, pág. 112

Entrevista com Ildebrando Pereira da Silva, pág. 116

Entrevista com Idicampos, pág. 119

Entrevista com Matsuki Pichorim, pág. 123

Entrevista com Raul Schaefer Filho, pág. 127

Entrevista com Tatiana Riceli, pág. 130

Citações de grandes autores, pág. 133

Conto: Se eu fosse, por Idicampos, pág. 137

Conto: De novo?, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 140

Conto: Coisas de dragões, por Ney Alencar, pág. 146

Conto: A vendedora de laranjas, por Raul Schaefer Filho, pág. 152

Conto: Meu avô errante, por Roberto Schima, pág. 155

Baixe as edições anteriores, pág. 177

Colecione, pág. 178

Mídia Kit, pág. 180

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 182

EDITORIAL

Começamos 2026 com o coração aberto e o olhar atento para aquilo que realmente importa. Nossa primeira edição do ano chega inspirada por O Pequeno Príncipe, obra atemporal de Antoine de Saint-Exupéry, fazendo-nos recordar que o essencial é invisível aos olhos. Escolher esse livro como destaque de janeiro foi um convite à reflexão: sobre afeto, responsabilidade, amizade e sobre o valor das pequenas grandes coisas da vida, temas que dialogam diretamente com a literatura e com o nosso tempo. Esta edição marca um novo começo, um novo ciclo de leituras, encontros e descobertas. Reunimos textos que celebram a sensibilidade, a imaginação e a força da palavra escrita, reafirmando nosso compromisso com autores, leitores e com a literatura em todas as suas formas. Desejo a todos os autores e leitores que acompanham a Conexão Literatura um feliz ano novo, repleto de livros e histórias inesquecíveis. Que 2026 seja um ano de muitas conexões literárias.

Para saber como participar da nossa edição de fevereiro/2026, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.



Ademir Pascale

ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser
adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: @gilmarduarterocha



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado



**FAPAZ - Cursos EAD
Educação a Distância**

Instagram: @fapaz.br
Facebook: fapaz.rn



Jaff Silva

Youtube: @Jaffkamphorst
Instagram: @jaffkamphorst

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

clique aqui



O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - JANEIRO/2026

POR ADEMIR PASCALE

"O narrador, um piloto perdido no deserto do Saara, encontra um menino vindo de outro planeta. Esse encontro improvável serve como ponto de partida para reflexões sobre amizade, solidão, amor, responsabilidade e o sentido da existência. [...]"

Saint-Exupéry escreveu uma história que fala diretamente ao adulto que fomos um dia e, muitas vezes, esquecemos no meio do caminho.

O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. É uma obra que atravessa gerações, idiomas e culturas, mas, acima de tudo, atravessa a vida de quem a lê. Volto a esse livro em diferentes momentos da minha trajetória, e a cada releitura ele parece outro — ou talvez seja eu que já não seja mais o mesmo.

À primeira vista, O Pequeno Príncipe costuma ser classificado como um livro infantil. Há ilustrações simples, personagens curiosos e uma narrativa aparentemente ingênua. No entanto, basta avançar algumas páginas para perceber que se trata de um grande livro filosófico, sensível e, em muitos aspectos, melancólico. Saint-Exupéry escreveu uma história que fala diretamente ao adulto que fomos um dia e, muitas vezes, esquecemos no meio do caminho.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

O narrador, um piloto perdido no deserto do Saara, encontra um menino vindo de outro planeta. Esse encontro improvável serve como ponto de partida para reflexões sobre amizade, solidão, amor, responsabilidade e o sentido da existência. O Pequeno Príncipe, com suas perguntas diretas e sua lógica própria, desmonta certezas que os adultos constroem com tanto esforço. Ele não entende números como sinônimo de valor, nem títulos como prova de grandeza. Para ele, o essencial não se mede.

Sempre me chama atenção a forma como o livro critica, de maneira delicada, o mundo adulto. Reis que governam sem súditos, vaidosos que precisam de aplausos vazios, homens de negócios obcecados em possuir estrelas que não podem usar. São caricaturas, é verdade, mas extremamente reconhecíveis. Saint-Exupéry parece nos dizer que crescemos, mas nem sempre amadurecemos. Apenas nos tornamos mais ocupados, mais distraídos e, muitas vezes, mais distantes do que realmente importa.



A relação do Pequeno Príncipe com a rosa é, para mim, o coração emocional da obra. Ela representa o amor em sua forma mais humana: belo, frágil, contraditório e exigente. A rosa é única não por ser perfeita, mas porque foi cuidada, regada e protegida. É impossível não se reconhecer nessa dinâmica. Quantas vezes confundimos amor com posse ou nos afastamos por não sabermos lidar com a vulnerabilidade que ele exige?

A famosa frase “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” carrega um peso que vai muito além da simplicidade aparente. Ela fala de vínculos, de escolhas e das consequências afetivas que carregamos ao longo da vida. Criar laços não é um ato neutro; envolve compromisso, tempo e presença. Em um mundo cada vez mais acelerado e descartável, essa mensagem soa quase como um alerta.

Outro ponto interessante é a solidão presente na narrativa. Apesar de viajar por planetas e encontrar diversos personagens, o Pequeno Príncipe está, em essência, sozinho. Essa solidão não é apenas física, mas existencial. É a mesma solidão que muitos adultos sentem mesmo cercados de pessoas, compromissos e ruídos. Saint-Exupéry parece compreender esse vazio silencioso e o traduz com uma sensibilidade rara.

O deserto, cenário central da história, também carrega um simbolismo poderoso. É no vazio, na escassez e no silêncio que os personagens se encontram de verdade. O deserto ensina que o essencial pode estar escondido, invisível aos olhos, mas perceptível ao coração. Talvez por isso o livro insista tanto na ideia de que “o essencial é invisível aos olhos”. Não se trata de uma frase bonita apenas, mas de um convite à introspecção.

Como escritor e leitor, admiro a economia de palavras de Saint-Exupéry. Não há excessos. Cada frase parece cuidadosamente pensada, como se carregasse mais significado do que aparenta. É um texto simples, mas jamais raso. Essa simplicidade é, talvez, uma das maiores lições do livro: não é preciso complicar para ser profundo.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Ao longo dos anos, percebo que O Pequeno Príncipe se transforma conforme minha própria experiência de vida se amplia. Em algumas leituras, a história me soa triste; em outras, reconfortante. Às vezes, é quase um espelho incômodo. Em outras, um abraço silencioso. Poucos livros têm essa capacidade de diálogo contínuo com o leitor.

No fim, acredito que O Pequeno Príncipe não seja apenas um livro para ser lido, mas relido. Ele nos convida a desacelerar, a olhar com mais atenção e a resgatar algo que, em algum momento, deixamos para trás: a capacidade de sentir com autenticidade. Talvez seja por isso que ele nunca envelhece. Somos nós que mudamos, e ele permanece ali, esperando que estejamos prontos para enxergar, mais uma vez, aquilo que realmente importa.

Fica a dica de leitura: O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry.



SOBRE ADEMIR PASCALE

Paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetautoestima.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado de Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo", "Contos e Poemas Assombrosos" e outras. Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



A CASA DA QUALIDADE

Em 2026, **participe** dos eventos
da **Casa Brasileira de Livros** e
mostre o seu **talento literário**.

Temos certeza de que você merece o original.



MicroConto de Ouro



PENA DE OURO



GRANDE PRÊMIO
HAIJIN DO BRASIL



www.casabrasileiradelivros.com
atendimento@casabrasileiradelivros.com

O Príncipe e a Flor

Por Clarissa Machado

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. Autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)", é Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário e da Cultura de Paz.

Era uma vez -

Um adorável príncipe
De cabelos dourados
E uma terna flor que
Sorria muito e corava...

— As pessoas grandes nunca acreditam nas coisas realmente importantes.

Bom dia,
Boa tarde,
Vamos, diga sem medo

O nome dela, da flor,
Não sejas tolo; tu sabes
Que o nome dela está
Gravado em tua alma.

Feche os olhos
Respire fundo
Escute as batidas
De teu coração.

Bom dia,
Boa tarde,
Qual é o nome da flor?

Oh, não digas que não sabes
Que só há uma única flor
Para cada ser
Neste planeta -

Pequeno
Estranho
Misterioso
Complicado.

— As pessoas grandes nunca acreditam nas coisas realmente verdadeiras.

Bom dia,
Boa tarde,
Sabes onde está o teu riso?

Está perdido em algum lugar
Junto à flor que escolheste
A flor mais peculiar, apenas
Uma flor, entre tantas, mas

A que guarda o teu riso
E que ri contigo quando
Olhas para as estrelas
Pensando se ela...

Também está olhando
E se também quer te dizer
Bom dia, boa tarde e se
For tarde, talvez, boa noite.

Bom dia,
Boa noite,
Tua flor está
Te esperando.

A tua flor, ela mesma,
A mais irritante de todas
A que sentia um frio danado
Com um ventinho à toa.

— *As pessoas grandes nunca escutam a voz da própria alma.*

Bom dia,
Boa noite,
A tua flor está
Te chamando.

Com todo seu esplendor
E alegria
E vaidade
E desdenha.

<<Príncipe, Príncipe>>

Tu não devias tê-la admirado
Nem descoberto suas pétalas
E muito menos tê-la deixado
Se afastar e desaparecer...

Mas tu eras jovem demais
Para saber amá-la
E assim, um dia...

Boa noite,
Perdão e
Adeus.

— *As pessoas grandes demoram a perceber quando se equivocam.*

Boa noite,
Bom dia,
O lampião apaga
O lampião acende.

Em um minuto, tudo
Pode mudar: as horas,
Os dias, os meses e até
Uma vida inteira.

{Tikkun}

<<Príncipe, Príncipe>>

Chegou a hora: vá e cative
De novo, aquela certa flor
Que te enche de sol
E inquietação.

{Tikkun}

<<Príncipe, Príncipe>>

Não esperes mais: vá e cative
Prepare bem o teu coração
Para o maravilhoso dia de
Reencontrar a tua flor.

{Tikkun}

<<Príncipe, Príncipe>>

Bom dia,
Boa vida:
O essencial é
Decerto invisível.

— *As pessoas grandes, às vezes, acertam.*





FAPAZ

FORMAÇÃO CONTINUADA

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

NOVOS VENTOS. NOVOS TEMPO EM FORMAÇÃO DOCENTE.

CURSOS EAD FÉRIAS

JANEIRO.2026

PROGRAMAÇÃO

01

EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS: COGNIÇÃO E LINGUAGEM - 180H (EAD)

02

GESTÃO E TECNOLOGIA: ORGANIZAÇÃO, CURRÍCULO, MONTAGEM E FUNCIONAMENTO DA CRECHE E DA ESCOLA DOS ANOS INICIAIS - ASPECTOS GERAIS - 180H (EAD)

03

ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS - 180H (EAD)

04

ROTINA ESCOLAR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: ANOS INICIAIS - 180H (EAD)

05

CRIANÇA, INFÂNCIA E VALORIZAÇÃO DA LINGUAGEM ORAL ORAL - 180H (EAD)

06

EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS): ACOLHIMENTO E PERTENCIMENTO - 180H (EAD)

07

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE BRINCAR E DA BRINCADEIRA NA INFÂNCIA - 180H (EAD)

ATENÇÃO

R\$ 80,00

CADA

INSCREVENDO-SE EM TRÊS CURSOS, ALÉM DE PAGAR APENAS R\$ 200,00 (DUZENTOS REAIS), O QUARTO SERÁ TOTALMENTE GRATUITO!!

SOLICITE INFORMAÇÕES: CEFOP2@GMAIL.COM / FAPAZ.RN@GMAIL.COM.

INSCRIÇÕES ATÉ O DIA 15 DE JANEIRO DE 2026

MONITORIA:
386060



INSCREVA-SE ACESSANDO: [HTTPS://FORMS.GLE/P7RQ43WU9YR8F6BZ9](https://forms.gle/P7RQ43WU9YR8F6BZ9)

RUA IRMÃ. MARIA ANUNCIADA CALDAS, 11 - CENTRO - SÃO GONÇALO DO AMARANTE-RN - CEP 59291-628

+55 84 99129 1096 / +55 84 2133 4531 - FAPAZ.RN@GMAIL.COM

[HTTPS://FAPAZ.CLASSBUILD.COM/](https://fapaz.classbuild.com/)

@FAPAZ.RN

CONHEÇA A ONG



CÃO SEM DONO



SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA

SAIBA MAIS:

www.caosemdono.com.br



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

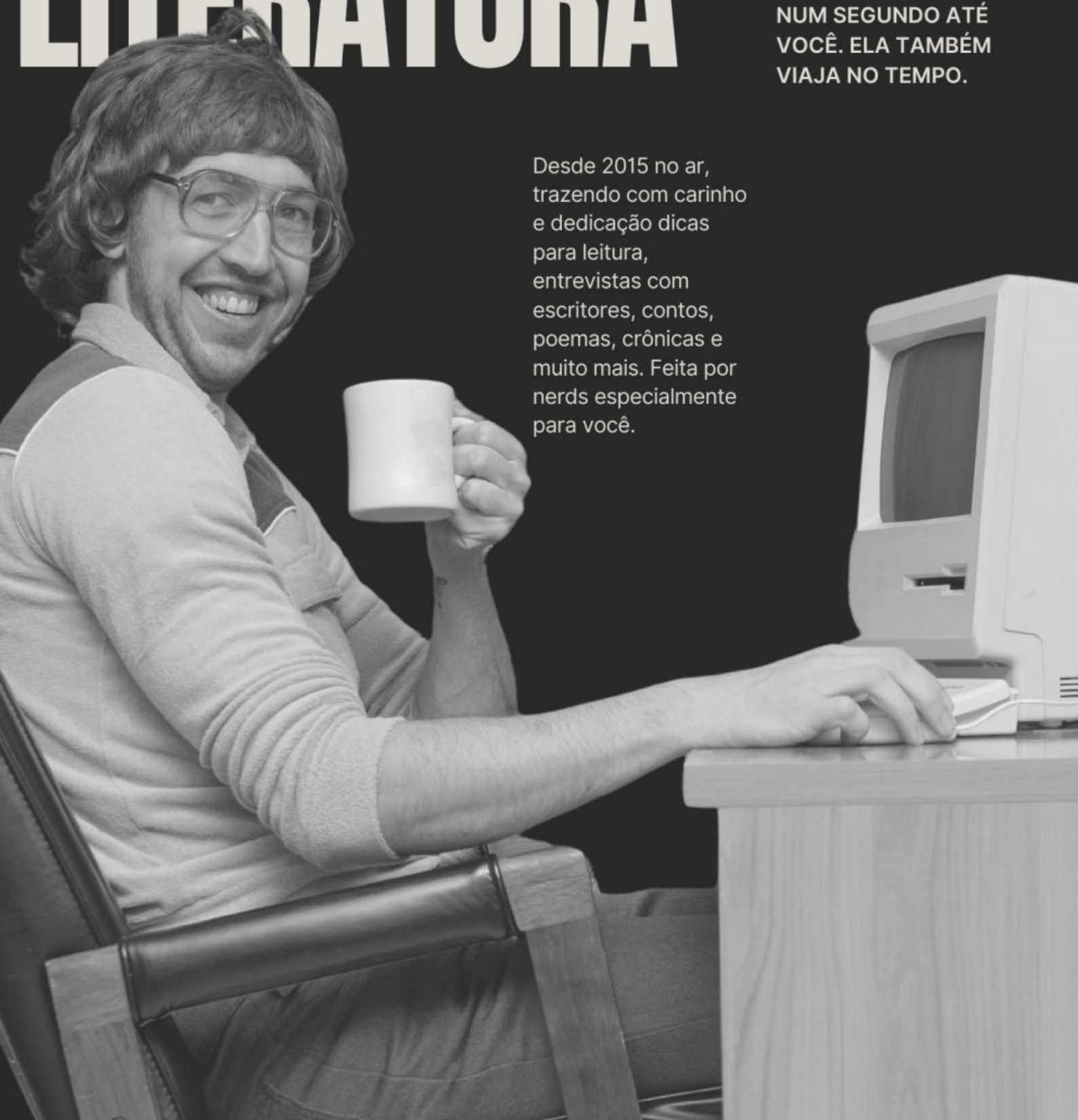
[WWW.INSTAGRAM.COM/CAOSEMDONO.OFICIAL](https://www.instagram.com/caosemdono.oficial)

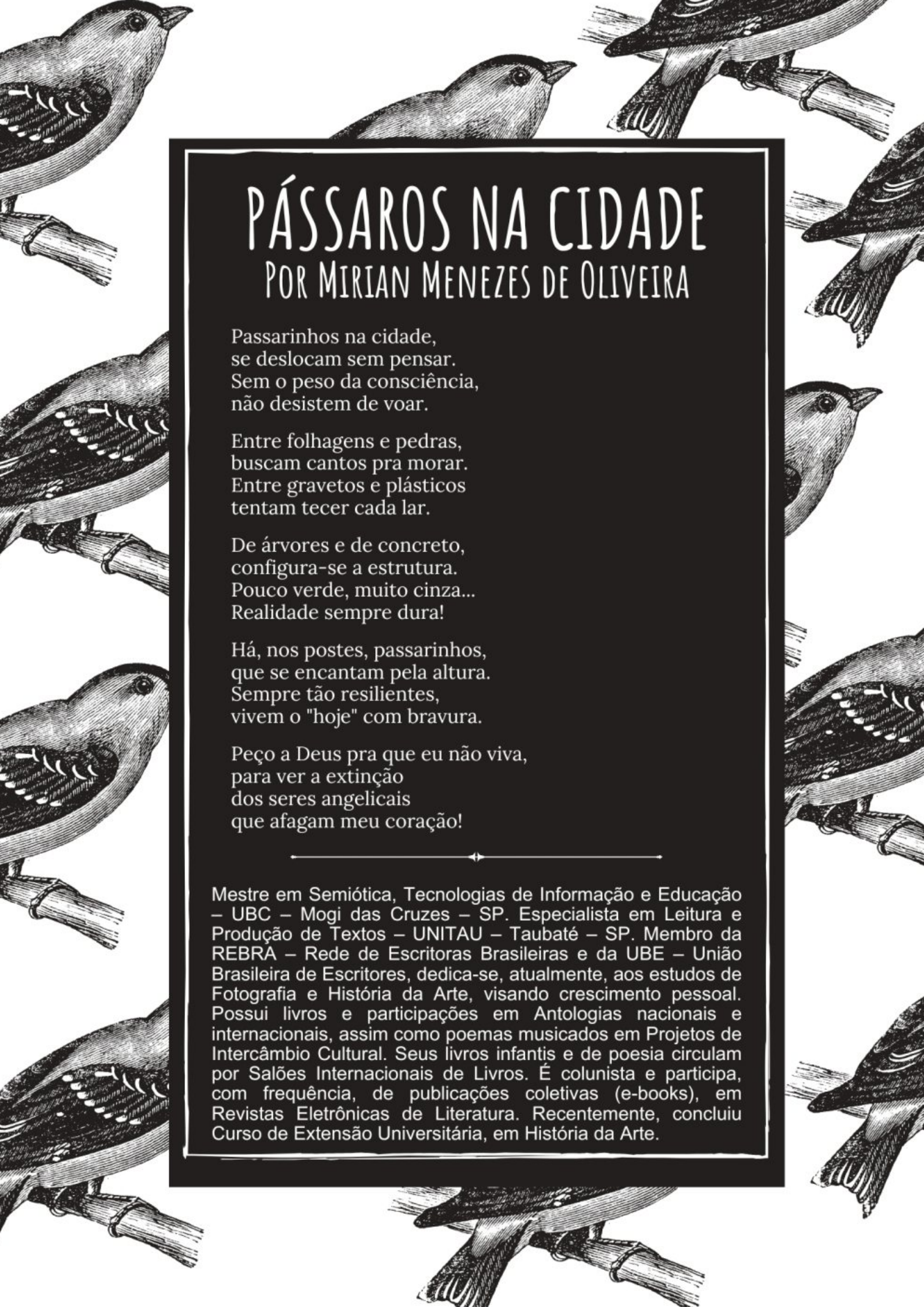
[WWW.CAOSEMDONO.COM.BR](http://www.caosemdono.com.br)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

NOSSA REVISTA VIAJA
NUM SEGUNDO ATÉ
VOCÊ. ELA TAMBÉM
VIAJA NO TEMPO.

Desde 2015 no ar,
trazendo com carinho
e dedicação dicas
para leitura,
entrevistas com
escritores, contos,
poemas, crônicas e
muito mais. Feita por
nerds especialmente
para você.





PÁSSAROS NA CIDADE

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Passarinhos na cidade,
se deslocam sem pensar.
Sem o peso da consciência,
não desistem de voar.

Entre folhagens e pedras,
buscam cantos pra morar.
Entre gravetos e plásticos
tentam tecer cada lar.

De árvores e de concreto,
configura-se a estrutura.
Pouco verde, muito cinza...
Realidade sempre dura!

Há, nos postes, passarinhos,
que se encantam pela altura.
Sempre tão resilientes,
vivem o "hoje" com bravura.

Peço a Deus pra que eu não viva,
para ver a extinção
dos seres angelicais
que afagam meu coração!

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

A NATUREZA DA BELEZA

Por Jaff Silva

Crescemos olhando a Natureza
Ela nos preenche com sabores,
Aromas e também as cores
Que nos educam para a beleza.

O amarelo do sol e o azul do céu,
Numa aquarela que escorre ao léu,
Dão as matas o tom verdejante
Que encanta os caminhantes.

À noite, o preto do seu véu
E o branco da Lua nos iluminam
Que opostos também se combinam
Não só na vida, como no pincel.

Pássaros, borboletas e flores
Nos apresentam as multicores,
Que nos consolam nas dores
E enfeitam nossos amores.

Quando após a chuva, vires,
Estampado no alto, o arco-íris,
Tens a certeza que das sete cores
A bonança está a florir.

No norte, o céu canta um ode
De um caso raro e surreal
Quando o vento solar explode
Na noite, e dança a aurora boreal.

A paleta insólita da natureza
Tem o azul, o magenta e os roxos
Que são raras nos meios de defesa
Para a sobrevivência dos bichos.

Os planetas tem cores diferentes:
Marte é de um marrom-avermelhado,
Vênus, um amarelo-alaranjado,
Urano e Netuno, tom azul-esverdeado,
Mercúrio, cinza e Júpiter alaranjado.
Saturno é de um azul pálido
E a Terra é azul claro, é claro!

Para terminar este poema
Que tem a beleza como tema
Digo que a natureza da beleza
Está nos recônditos da mãe natureza.

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/BODY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS e vídeos curtos de poemas estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no Youtube (@Jaffkamphorst).



SINOPSE:

Coletânea de contos infantojuvenil
Resgate de histórias clássicas que vão
te divertir e novas histórias que vão
surpreender você.
Adquira este livro encantador.

LIVRO "CONTOS E RECONTOS"
AUTORA: JAQUELINE ROCHA



SOBRE A AUTORA:

Jaqueline Rocha é professora e autora de 5 livros autopublicados. Adora ler, ouvir música e estar na internet.

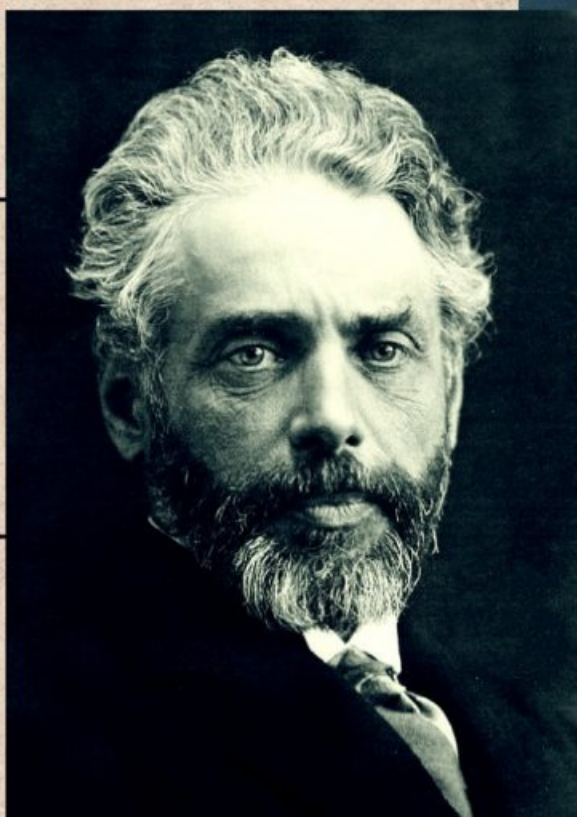
Participou da coletânea "Poemas ao pôr-do-sol" volume 6 desta revista.

Mais textos seus podem ser lidos no site byjaqueline.com

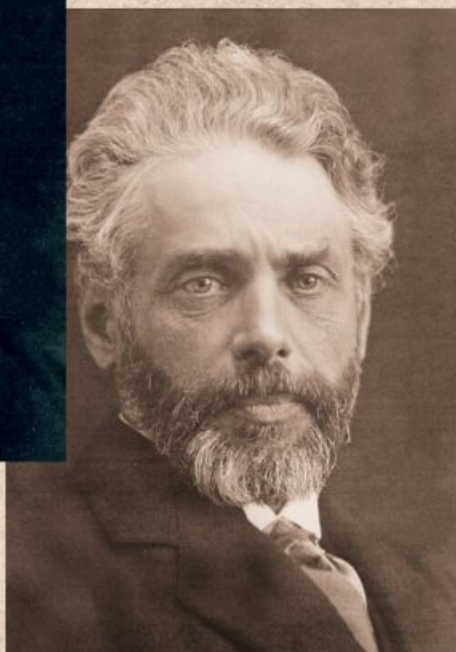
PARA ADQUIRIR O LIVRO:

CLIQUE AQUI

Por Gilmar Duarte Rocha



Henrik Pontoppidan



Lucky Per. um homem de sorte

Revista Conexão Literatura

A literatura nórdica, escandinava e a finlandesa, sempre teve papel relevante no cenário cultural da Europa, embora tenha sido colocada um ou dois patamares abaixo no quesito influência mundial em relação à literatura dos países congêneres de continente, como as letras francesas, inglesas, russas, espanholas, italianas e, até mesmo, as de Portugal.

Não se pode atribuir a isso o fator distanciamento geográfico ou até mesmo a ausência das nações do bloco setentrional no processo explorador e colonizador de territórios descobertos em outras partes do mundo a partir do surgimento das grandes navegações, que tiveram início no fim da Idade Média e perdurou até a Primeira Grande Guerra Mundial. O sangue e cultura viking, apesar de relatos de viagens ultramar em tempos remotos, nunca aspirou ou teve necessidade, pelo o que se sabe, de angariar possessões em lugares distantes, dando prioridade à maturação de sua economia em seus domínios e consequentemente desenvolver uma cultura própria, com seus deuses, mitos, folclore, conceitos filosóficos, culturais e éticos.

Não obstante essa presumível falta de expansão e influência, não há como negar a qualidade excepcional dos literatos nórdicos, que começaram a brilhar até mesmo na onda filosófica do pós-iluminismo, com destaque para o pai do existencialismo, o dinamarquês Søren Kierkegaard, autor de obras viscerais como “Migalhas humanas”, “O conceito de angústia”, o “Desespero humano” e outros trabalhos de excelência, desenvolvidos nos seus quarenta e dois anos de vida, e que forneceram munição a mestres da filosofia como Nietzsche, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Albert Camus. Na dramaturgia, há o talento incontestável do norueguês Henrik Ibsen, o criador do teatro realista, que escreveu peças de grande importância, como “Casa de bonecas”, a mais conhecida delas. Há também a grandiosidade das letras de fábula, em destaque para os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Sem contar os inúmeros autores que foram agraciados com o Prêmio Nobel de Literatura, como Bjørnstjerne Bjørnson, Selma Lagerlöf, Verner von Heidestram, Knut Hamsun, Sigrid Unset, Erik Axel, apenas para citar os laureados na primeira metade do Século XX, acrescentando dois que dividiram o prêmio em 1917, os dinamarqueses Karl Gjellerup e Henrik Pontoppidan.

Henrik Pontoppidan (1857-1943), intencionalmente citado por último, foi um escritor diferenciado, tanto pela qualidade da obra, quanto pelo tema que inspirou grande parte dela. Descendente de uma família de religiosos e escritores, Henrik tinha enorme ojeriza pela sua origem, a começar pelo sobrenome Pontoppidan, uma conversão sob forma de aglutinação do dinamarquês Broby (literalmente *ponte na cidade*) para o latim Pons Oppidum, patronímico que ele detestava. Afora o sobrenome, Henrik abominava o fervor religioso católico da família, uma espécie de puritanismo crônico, bem como a ditadura conservadora e autoritária que predominava na classe abastada da Dinamarca do final do Século XIX.

A sua obra retratou um pouco de tudo isso: o modelo padrão do cidadão dinamarquês, o bom camponês (entre aspas), o patriota hipócrita, os empresários gananciosos e, sobretudo, a saga do filho pródigo.

Nesse item, o filho que não aceita o moralismo conservador da família, ele brilhou no seu romance mais famoso, *Lykke-Per*, ou *Lucky Per*, na tradução inglesa. O livro é claramente autobiográfico e cuida da história de um jovem que se rebela contra o pai, um clérigo de uma pequena cidade dinamarquesa, e sai de casa sem consentimento, sem dinheiro, sem prumo e sem rumo, indo para capital Copenhague, onde tenta recomeçar a vida do zero.

Com vocação para a arquitetura e a engenharia pública, o personagem Peter (Per) Sidenius (o sobrenome latim já dá a pista em quem ele se inspirou) se matricula num curso técnico na área de engenharia, enquanto se hospeda numa pensão de quarta categoria na capital do país e namora uma simplória garçonete. Ambicioso, Per traz na cabeça um projeto grandioso e futurista, que consiste na captação de energia limpa, através do uso de barragens e moinhos de vento. Um belo dia, num café da cidade, ele se cruza com um rapaz de alta sociedade, um aristocrata de origem judaica de nome Philip Salomon. Faz amizade de chofre com o rico cidadão e mostra a ele todos os seus projetos, ainda sob a forma de garatujas geométricas rabiscadas em papel manteiga. Philip fica bastante impressionado com a criatividade do rapaz e resolve apresentá-lo a seu pai, um construtor bem-sucedido, que também recebe as ideias do novato com muito bom grado.

A partir de então, Per começa a frequentar a casa do magnata e a manter relações estreitas com figuras da alta sociedade de Copenhague. O empresário Salomon, decidido a levar em frente os projetos do talentoso rapaz, usa toda a sua influência para que Per consiga a qualificação em Engenharia, passando por cima do rigoroso reitor da escola técnica.

A vida de Per Sidenius sofre então uma reviravolta de 360 graus, inserindo-se de vez no contexto da aristocracia, ao tempo em que despreza a namorada garçonete, que o ajudou sobremaneira nos tempos difíceis, e relega, até mesmo, o irmão mais velho dele, um clérigo que vive internado num mosteiro da cidade.

A ambição de Per não tem limites: começa assediar Jakobe, a filha mais velha e solteirona dos Salomon, mesmo com a moça compromissada com um rico empresário da cidade. O assédio foi tanto, que a insegura Jakobe rompe com o noivo milionário, e, apaixonada, se entrega de vez aos braços de Per.

Apesar desse tumultuado romance, o relacionamento com os Salomon permanece intacto, e o velho empresário aposta todas as fichas em Sidenius, financiando um curso de especialização em engenharia numa universidade austríaca.

Esse curto período em que Per passa na Áustria, apesar da garantia de um vultoso contrato para a implementação dos seus projetos energéticos no retorno à Dinamarca, com o canudo na mão, representa um divisor de águas nas aspirações do sortudo rapaz. E tudo começa com a visita inesperada de Jakobe ao ambiente de estudo dele, em pleno Alpes austríacos. Ela chega com o pressuposto de informar-lhe sobre a morte do pai dele, mas aproveita a ocasião para, na solidão do paraíso nevado, dividir a cama com o jovem e a passar dias idílicos, de paixão e sofreguidão.

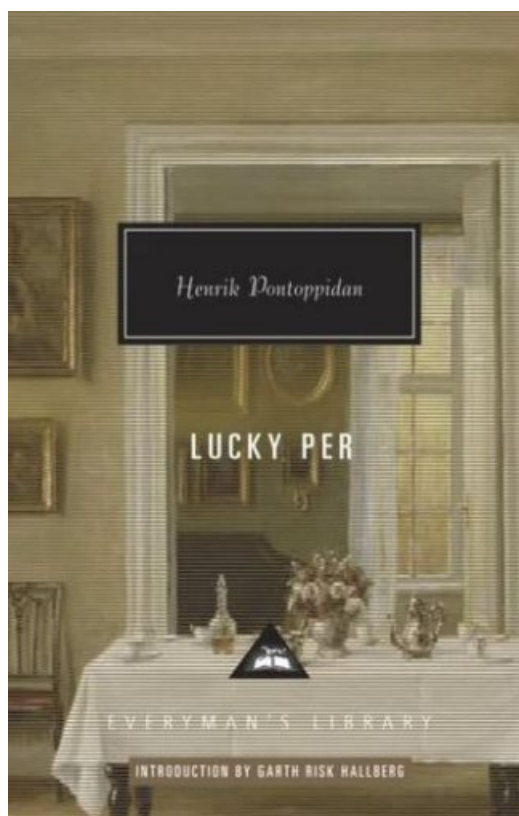
Após o curto período de romance, Jakobe retorna à Dinamarca, extasiada e ciente de que cumpriu a sua missão. Mas ela não tinha a mínima ideia de que a notícia da morte do pai de Per causaria uma devastação sem limites na cabeça e na alma do jovem sonhador. Os neurônios de Per Sidenius entraram em parafuso e todos os seus demônios ilhados começaram a desconstruir o seu castelo de areia, a começar pela renúncia abrupta à conclusão do curso de especialização.

O que se seguiu depois, foi um verdadeiro desmonte na vida do rapaz de sorte, que acaba, alguns meses depois, retornando ao seio de sua família desconstruída, numa aldeia remota do reino da Dinamarca. Sua vida volta à estaca zero: pobre, desempregado, desiludido e amargurado.

Bom. O que falta mesmo para o brasileiro (ou leitor de língua portuguesa) é a tradução definitiva dessa obra maravilhosa, recheada de realismo, ao tom de Dostoievsky, e ao estilo da grande escola francesa, sustentada pelas obras de Flaubert, Zola, Maupassant e outros.

Lucky Per (ou Lykke-Per) foi laureada como a melhor obra de um autor dinamarquês e pode ser sintetizada pela seguinte citação de um acadêmico:

“Quando, apesar de toda a sorte que ele (Per) teve, ele não estava feliz, porque no âmago ele não queria ser feliz, no sentido estrito da palavra”.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS CONTEMPORÂNEOS

VOL. VII

ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

POEMAS CONTEMPORÂNEOS

VOLUME VII

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

Não Dá Para Fugir

POR SELLMA LUANNY

Não se foge do passar dos dias...
Não há como, se vivo, não ser
pelo tempo, arrastado... só uma
direção... e simplesmente, nos leva.

E nas mudanças dos anos, sem
direitos a pausa, os pensamentos
fluem... e à esperança, se vinculam.
Terá que ser melhor! Desejamos.

Um novo ano... que melhor, mais
pacífico e feliz, almejamos...
para os de casa, para o próximo,
para os que sofrem... para todos.

É da humana natureza, desejar...
E neste transitar... guerras e conflitos,
fome e doenças, e a destruição
sem rumo, para trás, poder deixar.

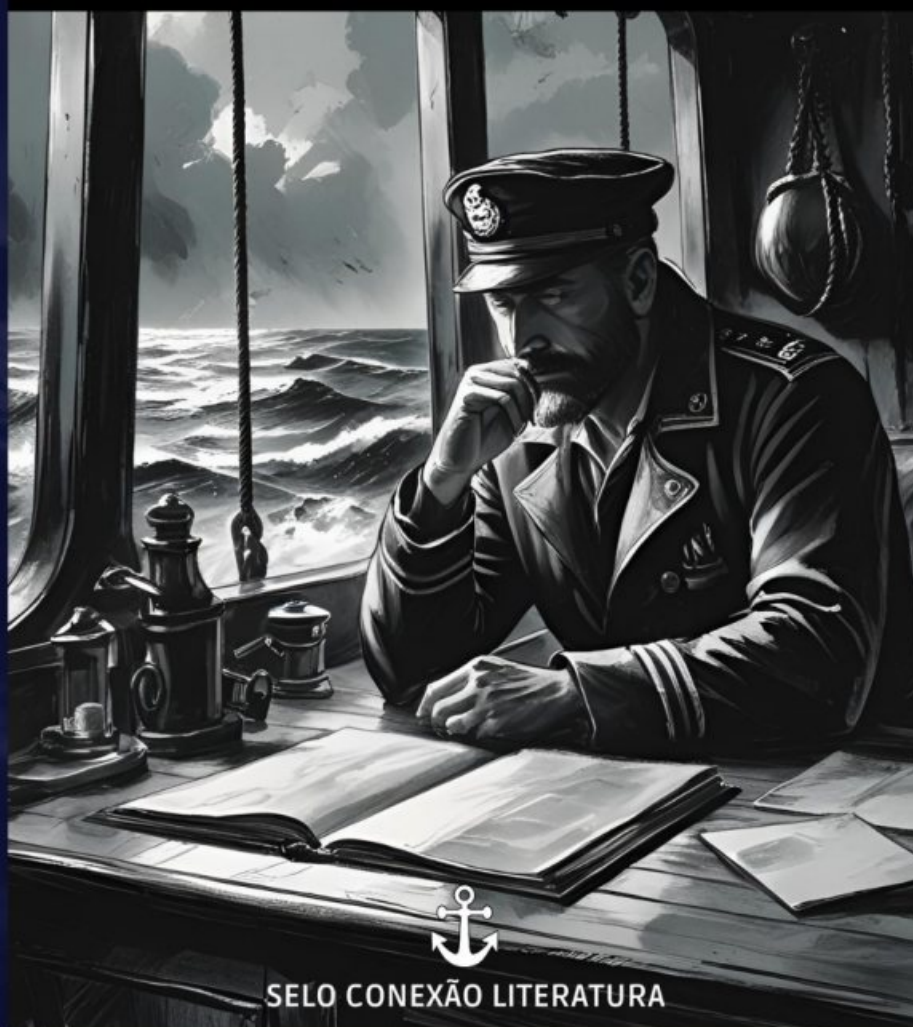
E celebrar o novo... como se tudo
florescer pudesse... E talvez possa...
é ser positivo, alegre, solidário...
e a esperança tornar-se-á realidade.

A autora publicou três livros de
poesia de sua autoria e
participou de duas antologias
– em papel. "Menção Honrosa"
com os poemas "Os Celtas E
Eu" e "Pelos Povos" em
concursos internacionais. Tem
participado de e-books e
edições da Revista Conexão
Literatura. No YouTube, canal
Sellma Batalha, tem lançado
sua obra.



A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



A VOZ DO OCEANO POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saía cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!

DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)



Para Proteção

Por Sellma Luanny

Estive pensando profundamente...
que proteção as garças têm?
Não as protegemos... pelo contrário...
impomos-lhes obstáculos atrás de obstáculos.
Bom nesta questão, não somos... até para nós.

E elas, entre incontáveis outros seres...
vivem nas suas exíguas e locais condições...
Para barreiras ultrapassarem, só as suas asas...
Para longe dos tropeços... tentam alçar voo...
Com a generalização do descaso, para onde mais?



Série GARÇAS BRANCAS E EU



Pesado Cenário

Por Sellma Luanny

Coitadinhas... em meio ao pesado
ar, voam... precisam fazê-lo...
A sua rota, com os humanos, a colidir.
A sua luta por mera sobrevivência
a se defrontar com despropósitos nossos.

As brancas garças e demais silvestres
ao seu meio, readaptando... por nós.
A sua fragilidade perante nós, no
desequilíbrio por nós, imposto...
Nosso "mundo" a não combinar com o deles.





Expectativa

Por Sellma Luanny

Todos os dias e manhãs...
acostumei-me a essa visão.
Esperar para vê-las é sentir
o fluir da vida... é aperceber-se
da continuidade existencial.

Ao assistir a sua trajetória,
sinto a ligação de tudo...
Elas a voarem e sobreviverem...
E eu a testemunhar vida...
Uma ligação no tempo e no espaço.

Se continuam nos seus ciclos...
expectativa da sua permanência.
Se persistem... persisto eu.
A sua frágil brancura a navegar
os céus. É Vida a permitir-me viver.



Mesmo Contra Os Pesos

Por Sellma Luanny

Amanhecendo, céu quase sem nuvens...
mas pouco azul... o embaçado horizonte
demonstra o peso e a sujeira do ar.
E eu, à espera das belas, vejo a primeira.

O flexionar das suas frágeis asas,
vencendo a densidade do espaço...
E segue, na sua busca por fontes
de energia... para si e para os seus.

E outra aparece... duas solitárias
isoladas... deixam os seus ninhos
e local de repouso, para a diária missão...
no chamar da luz diurna... da Vida.

SOBRE SELLMA LUANNY:

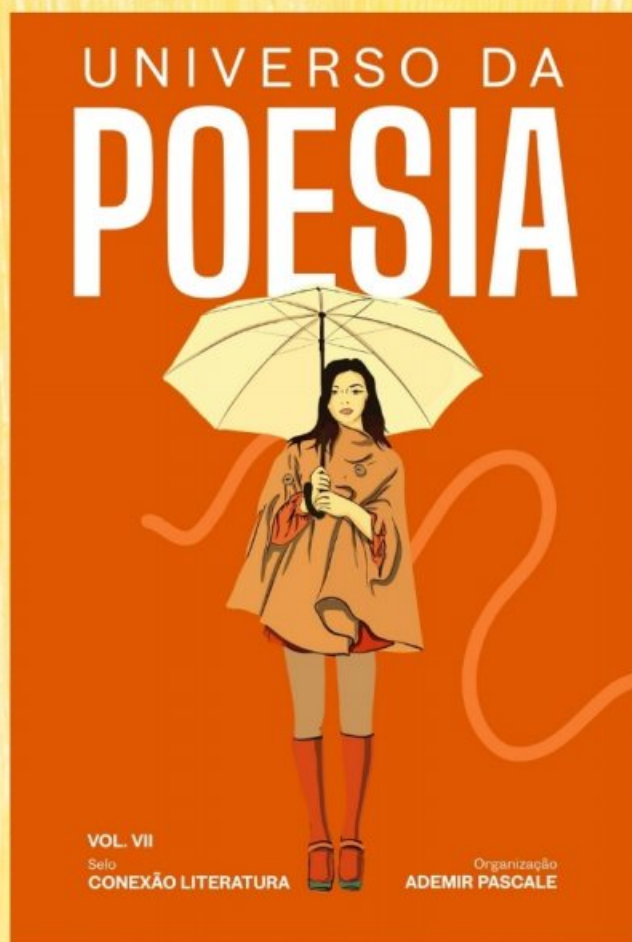
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias — em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nota de rodapé: oitava parte da série GARÇAS BRANCAS E EU (partes a serem publicadas mensalmente nesta revista).



DICAS PARA LEITURA

Edição de Janeiro



“ UNIVERSO DA POESIA - VOL. VII, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG ”

“ CONTOS EM DESCONEXÃO, DO AUTOR IDICAMPOS, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG ”

@revistaconexaoliteratura

An illustration of a diverse group of people, including men and women of various ethnicities, gathered around a large wooden table in a library or bookstore. They are all smiling and engaged in conversation, with several open books on the table. In the background, there are tall bookshelves filled with books. A white banner hangs from the ceiling, displaying the magazine's title and a promotional message. In the foreground, there are several large stacks of books. The overall atmosphere is warm and intellectual.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO



POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Gente! Aqui estou com rara alegria!
Quanta delícia foi o meu repousar
Ao sentir o gostoso “amanhecer” deste novo dia
Em que, aqui fora, posso melhor apreciar**

**Prometo! Serei a menina “sapecá” bem faladeira
A começar pelo nome com letras em inversão
Com o ANIL aos significados à sua maneira
Enriquecendo a cor do pequeno vermelhar do coração**

**Saiba mamãe! O meu espírito saltitante
Em muitos instantes
Fará a transformação chegar ao azul-violeta escura
Em cada “bater” a nova cor que se procura**

**Assim serei abraçada pela tranquilidade... sabedoria
Sensível espiritualidade... intuição
Tomada pela cor da alquimia... magia
Envolta como a bela menina da emoção**

**Cores do Céu como a rara lembrança
Harmonia, serenidade, rigor da certeza e não só da esperança
Respeito e sinceridade pelo amor
No lugar que estiver ou for**

**Serei aquela que promoverá a “claridade”
Ao meu “colo” a espiritualidade
Como inocente criatura
Na “emboscada” da vida, maior ternura**

**Adianto! Com você e o papai o belo viver
Encanto incansável daquele “bom dia”
Sem faltar o eu te amo no “amanhecer”
Transformando a tristeza em plena alegria**

A woman with blonde hair, wearing a white sleeveless dress, is running through a field of tall yellow flowers. She is looking back over her shoulder with a joyful expression. The background shows a bright sunset with a large sun low on the horizon, casting a warm orange glow over the scene. The sky is filled with soft, wispy clouds.

Foi gostoso sentir este meu primeiro "chorar"
Prova do maior sinal da vida
A seguir, os sorrisos de não se aguentar
E, finalmente, a infinda expressão de mais bela e querida

Agora, um tanto ansiosa, corro pelo "tal" Jardim
Abraçando os canteiros na "colheita" de flores
A vocês dois ofertar como meus amores
Em uma "vida" que EU, a LINA, não imagina ter fim

DE VOCÊ.. SOL!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Das últimas fagulhas da sua luminosidade
Por raros momentos de extrema alegria
Senti ensaiar, em mim, inícios da saudade
Pelos, então, belos do excelente dia

Como humana, de súbito, a imaginação
De você... Sol, "portões se fechando"
Que ao avesso do coração
Ainda, do entardecer, se mostra festejando

Da loucura poética a magia
Ao alimentar os versos repousados em bela poesia
Assim, obediente
Com raridade, a luz "Solar", retorna de repente

O clarear
Mostra-se elegante com o seu lugar
E, no instante, em que o entardecer "madura"
Presenteia-me com uma noite não mais tão "escura"

Nada mais que ingênua, uma nuvem apenas à sua frente
Da nova luminosidade, outra semente
A noite -clara- aquece uma vida que, serenamente, caminha
E eu grito alegremente por sentir não estar mais sozinha

Agora... sim!
Acompanhada pelo desejado amor e tudo enfim
Ao Rei Sol, o sincero agradecer
Por reconhecer a bela delícia do novo viver

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Conversa Íntima

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Te vejo como uma simples menininha
Com emoção o pequeno tamanho do "olhar"
Que "pestanas" tentam mais ainda o diminuir
A crescer, os belos cabelos cacheados
Descontraídos... jogados na testa
E o delicado pescoço coberto pelas mãos

Ah! Menina! Quanta formosura somente minha
Em que não me canso em apreciar
Criatura em que meu "olhar" insiste em seguir
Inocente rosto infantil... tão amado
Da crônica a beleza que me resta
A acalantar meu coração

Dos lábios? Ah! Ingênuos!
Em princípio -sem sorrir- bem pequenos
Claro! Isso na ocasião
Hoje, por certo, enormes por outra emoção
Assim, vou vivendo em "saudade"
Daquela "menina" arteira coberta por rara felicidade

Nesta "conversa íntima" o retrato pela visão
Encharca de alegria o saudoso coração
Belos e raros momentos lindos
De amores? Infinitos!
Na emboscada da delícia em que foi te amar
Do agora, quanta pena! Pois vigora o desejo de aquele tempo voltar

Pela Manhã...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Acordo!

De emoção pelo viver... choro
Ao ver, novamente, a esperança me "tomar"
Outrora, quase morrendo bem devagar
Agora, bem viva, trazendo ao "colo"
O cântico poético por demais "solo"
Com destaque na existência da "realidade"
Ah! Não resisto! Quanta felicidade!

A brisa, com paciência, escapa da sonolenta madrugada
Olhos embaçados, internamente, clareiam pelo meu insistente piscar
Por ela, "bailando", navega a "crônica" do amar
Apenas do corpo o calor
E daquele antes quase nada
Sinto, envolto pela Aurora, o florescer do amor
Concretando na esperança enorme força para caminhar
Assim a tal "realidade" chega fogosa sem nenhuma dor

Do novo sentimento... festejos
Da luminosidade... fogos em lampejos
Do entardecer nos "Céus" ... Estrelas cintilando
Da escuridão... o belo Luar me abraçando
Do tempo passado... o Rei Sol logo a seguir
Que surge inquieto ao ver o Luar partir
Enfim, a "crônica" com alegria
E o querido amanhecer a nos mostrar, sempre, haver novo dia

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo, mensalmente, com Poemas, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor, juntamente com trinta escritores portugueses nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE e ESCREVER FLORBELA ESPANCA.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, três Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ; outro com o Título ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... e, finalmente, o mais recente com o Título "PÉTALAS" AINDA COLORIDAS.

Seguiram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_ e-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o **pacote** **divulgação** **para** **escritores**

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



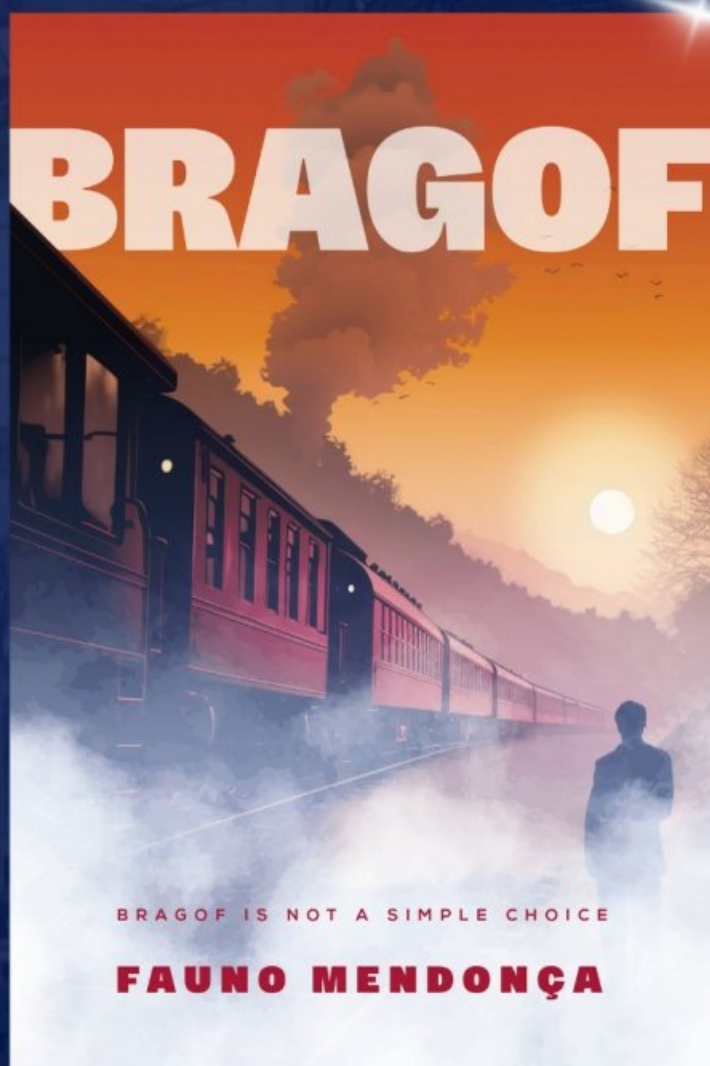
**LEIA UM LIVRO E
VIAJE NAS ASAS
DA IMAGINAÇÃO**



FRAGMENTOS DO LIVRO

BRAGOF

DE FAUNO MENDONÇA



Revista Conexão Literatura

(O encontro com Deus)

Naquele instante, apesar de resignado, comecei ficar meio impaciente diante dessas indagações, assim, perguntei-lhe diretamente: — Por que deveria agradecer ao Maquinista? Não compreendo muito bem essa situação, haja vista que, apesar de saber que ele me mandou para cá para eu poder melhorar como pessoa e ter a chance de seguir para Bragof, não sei ao certo até onde e até quando deveria ficar agradecendo a alguém que fez algo aparentemente bom, mas que, na verdade, surtiu tantas consequências negativas. Ademais, ele nada poderá fazer para me ajudar na situação em que me encontro. Ao falar isso, o Ermitão virou seu olhar rapidamente para mim e disse muito enfaticamente: — Nossa, nesse ponto vigora seu grande engano. O Maquinista está sempre no controle, e ele pode fazer coisas impossíveis, mas não é ele quem as faz, ele as oportuniza acontecer, dando possibilidade para realizar a ação. Ele abre as portas e indica o caminho, orienta e, sobretudo, perdoa. Quem nele crê vai longe, por isso, deve lhe agradecer, pois sua redenção e glória dependerá de você, mas para alcançá-las dependerá das orientações dele. — Estou entendendo... — Porém, preste atenção, para isso terá que pedir, ser humilde, lembra? Por fim, ele não está ajudando você a seguir para Bragof, você tem o livre arbítrio para ir para onde quiser. — Sim, mas... — Por favor, não se perca! Agora estou em dúvida se de fato entendeu o verdadeiro conceito de humildade. — Sim, eu compreendi, só não sei onde se encaixa o Maquinista, só isso. Ao falar sobre isso, o Ermitão respirou fundo e lentamente, fechou levemente os olhos, ficou em silêncio e, ao abri-los totalmente, voltou-se para mim, afirmando: — O Maquinista leva e traz pessoas, ele conduz, está no controle daquela maravilhosa máquina. Ele diz para onde deverá seguir, onde e quando deverá descer do trem, no entanto, isso, apesar do controle ser dele, quem determina o rumo verdadeiro, são as pessoas que estão viajando. — Por favor, seja mais claro! — Veja, você tomou o trem para Bragof, ficou ansioso para descer, no entanto, não pediu luz ao seu coração para ter maior ciência daquilo que estava fazendo. — Sim, claro. Estou ciente disso! Eu sei que, desde o dia que acordei naquele ambiente esquisito, diante daquelas névoas obscuras, sei que deveria ter permanecido naquele ambiente e ter enfrentado meus “sentimentos perdidos”, mas não tive coragem, então, preferi seguir para Bragof... Acho que, realmente, foi um erro! — Sim, foi um erro, você fugiu de suas responsabilidades diante de seus olhos, apesar de os Homens terem tentado lhe ajudar! — Sim... Fugi de problemas que deveria exorcizar, eu sei. Mas, como sabe disso? — Sei de muitas coisas! Não se preocupe com isso. Tudo certo? Então, poderemos continuar nossa conversa. Ora, quando você perguntou ao Maquinista quanto tempo levaria para chegar a Bragof, você lembra de sua resposta? — Sim, ele me disse que poderia levar uma vida inteira. — Certo! E você lembra também o que o Oficial do Trem afirmou quando você lhe fez essa mesma pergunta? — Sim, lembro perfeitamente, ele falou que dependeria de mim. — Pois então, naquele momento, você deveria ter concluído que, apesar de estar sendo conduzido pelo Maquinista, caberia a você determinar o tempo de viagem! — Não entendi, sinto muito. Parece que há uma contradição, pois como eu poderia determinar o tempo de viagem se não estava no comando do trem? — Preste atenção, o Maquinista conduz o grande trem, mas nós temos, volto a dizer, o livre arbítrio para fazer aquilo que queremos. A condução do

Maquinista poderá nos levar para o bem ou, se a gente quiser, poderá, por nossa própria escolha, seguir rumo ao mal, mas se for humilde, como já lhe expliquei, será conduzido para a glória. Isso dependerá de você! — Estou entendendo. — Basta pedir a ele para ser conduzido para o bem e assim ele fará, mas é preciso pedir. É preciso acreditar nele, na sua voz interior. O Maquinista é o grande condutor da máquina, mas você terá que pedir para onde quer ser conduzido. — Terei que pedir, então? — Sim, claro, terá que pedir. O problema da humanidade e das pessoas centra-se em não prestar atenção nas palavras que saem de dentro da alma. A arrogância domina quase tudo, mas se seguir os passos corretos, a paragem será maravilhosa. — Acho que agora estou entendendo melhor, então, precisarei pedir ao Maquinista para ser redimido e seguir novos rumos? — Sim! Peça, mas peça com humildade que ele lhe conduzirá para ter compreensão, a fim de atingir seus objetivos. — Assim, farei.

(...)

Olhei para a maçaneta e, vagorosamente, abri a porta. Vi o Maquinista de costas. Ele não olhou para trás, continuou trabalhando. Não tive coragem de dizer algo, mas me adiantei no interior da cabine para ser visto. Ao dar mais um passo, ele se virou de lado, olhou para mim, seu semblante estava leve e tranquilo e me perguntou: — Está pronto para seguir seu caminho, realizar suas buscas? Hesitei em lhe responder, pois havia uma pena a ser cumprida, uma pena perpétua imposta por graves delitos cometidos por mim contra mim mesmo, os quais afetaram, inclusive, outras pessoas. Assim, não tive coragem de dizer que estava pronto, razão pela qual somente afirmei temeroso: — Senhor, aproveito a oportunidade para informar de que sou um condenado, um transgressor contumaz das leis naturais, preciso cumprir minha pena, por isso, ao noticiar esse fato para o Oficial do Trem, ele não me deixou seguir viagem, disse que deveria lhe pedir autorização. Por fim, senhor, confesso que não sei se estou pronto para seguir meu caminho e realizar minhas buscas. O Maquinista olhou fixamente e disse: — Eu sei que a pena deverá ser cumprida integralmente por você, mas, independentemente de sua resposta, digo que você poderá seguir seu caminho, já está pronto.

(...) Concluí que, apesar de poder seguir, não haveria remissão de meus atos. Imaginava que a remissão estaria atrelada ao meu claustro na Estação Final, pensei que somente seria libertado quando galgasse o perdão de meus atos. Diante dessa realidade, perguntei-lhe: — E a minha remissão, não a terei? Ele, serenamente, respondeu: — Dependerá de você. A remissão não será concedida por ninguém, mas tão somente por você. Ademais, lembre-se, você se condenou, então, você deverá conceder a si mesmo a remissão, será ainda o único responsável por recebê-la, se não conseguir, sinto muito, terá que carregar esse peso pelo resto de sua existência. Naquele momento, ficou claro que tudo dependeria exclusivamente de mim e de mais ninguém. Assim, ele continuou: — Observo, não obstante, que teve avanço no plano da consciência acerca de seus atos delituosos praticados no passado, por isso, estou lhe dando nova oportunidade para continuar trilhando seu caminho, espero que use essa consciência para as práticas de atos futuros.

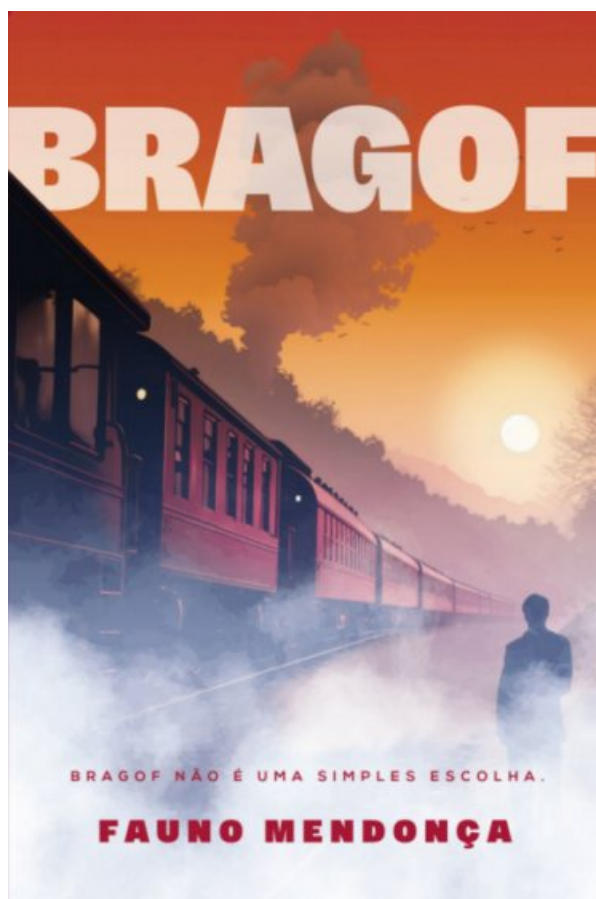
(...)

Após falar, o Maquinista continuou: — Ótimo, acho que compreendeu minha fala. A Estação Final foi importante em sua jornada, houve evolução pessoal, mas saiba que

existirão outros desafios, os quais imporão obstáculos para que possa crescer para obter maior noção de si mesmo e atingir seus reais objetivos. Sei ainda que não está completamente apto para caminhar sozinho, mas, no curso de seus passos, a depender de você, terá mais compreensão das possibilidades de atingir o zênite de suas buscas mais profundas. Tudo dependerá apenas de você, você será o grande responsável por seu futuro. Ao dizer isso, virou-se voltando a trabalhar nos painéis do trem, dando a nítida impressão de que tinha mais nada a dizer. Suas palavras, apesar de curtas, foram muito objetivas, e pude entender seu recado muito claramente. Ao perceber que a conversa fora encerrada, não mais lhe dirigi a palavra, mas agradei em meus pensamentos. Ao sair da cabine, lembrei novamente dos ensinamentos do Ermitão para ter gratidão e humildade, sobretudo, diante das assertivas ditas pelo Maquinista.

(...)

Fiquei muito satisfeito com a conversa, foi proveitosa e, doravante, sentia ter mais fortaleza para caminhar, seguir para Bragof.



Para adquirir o livro:

Amazon: <https://www.amazon.com.br/Bragof-Fauno-Mendon%C3%A7a-ebook/dp/B0BRNWGVD2>

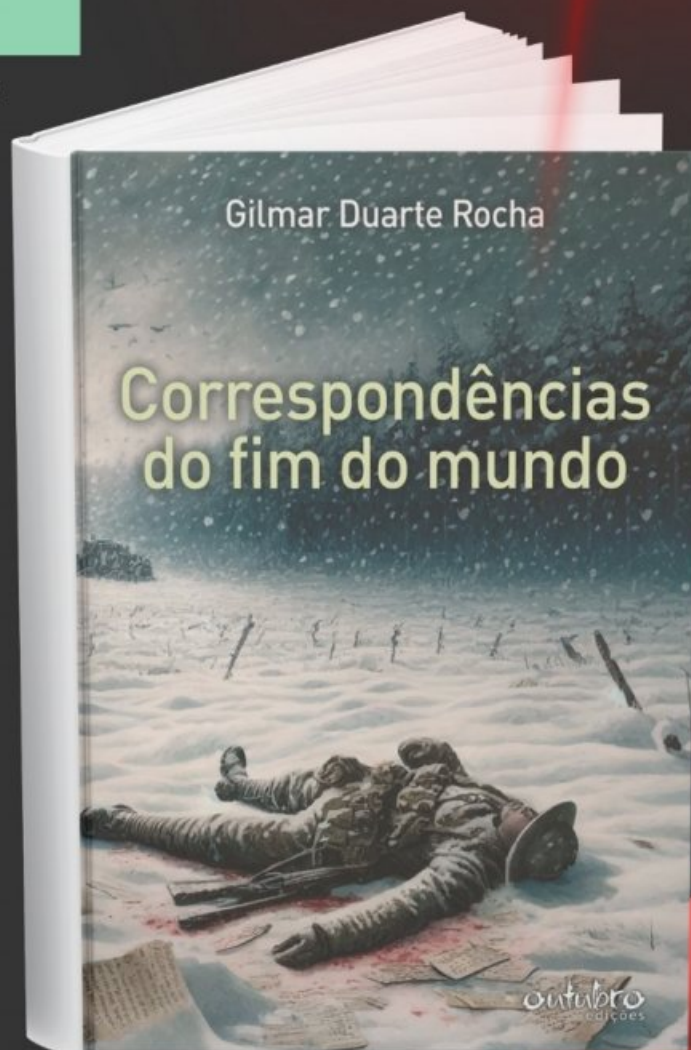
Clube de Autores: <https://clubedeautores.com.br/livro/bragof>



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminoso da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

VOL. X

E-BOOK



CONTOS E POEMAS
SOBRE O
FUTURO
VOL. X

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: clique aqui

 REVISTA CONEXÃO LITERATURA

SUPLÍCIO E ALTERIDADE

Por Emerson Pagnussat



I. Uma certa pessoa

Desta vez, decidi esgueirar-me dos rituais costumeiros e das formalidades habituais. Fugi à ‘normalidade’, eu diria. E sobre o assunto que pretendo discorrer? Bem, introduzirei com os apontamentos de *uma certa pessoa*. Apenas saiba que essa pessoa não sou eu. Ela faz questão de apresentar-se.

Em tom jocoso, chamei-a de teimosa pela rebeldia. A princípio, ela respondeu-me à afirmação com galhardia, mas logo franziu o cenho e lançou um olhar de reprovação em minha direção. Pedi desculpa pela tentativa de gracejo. Ela, então, asseverou:

– O assunto é sério e não permite espaço para gracejos.

– Ora! Um tom descontraído pode coexistir com uma atividade intelectual séria e até mesmo promovê-la – retruquei sorrindo.

Bom, às vezes acontece isto: as pessoas tomam uma brincadeirinha por insulto. Eu procuro não me ofender com facilidade. Na verdade, perceba, virei o jogo em meu favor, quem se ofendeu fora ela. Mas simplesmente decidi tocar nesse ponto ao meu respeito, sobre não levar todas as ações alheias para o lado pessoal.

Ah, sim! Algumas vezes, eu levo, porém, apenas as situações que realmente merecem atenção, pois não costumo agir por impulso nem falar à toa. Não sou um palrador, aliás... prefiro o silêncio. Evito ao máximo a celeuma e todo aquele vozerio das festas.

Sou daquelas pessoas que saem para se divertir e, de súbito, acabam num velório. Diz-se por aí que não há nada mais instrutivo e edificante do que um velório Talvez haja aí uma grande verdade, porque velar um morto nos faz refletir tanto sobre a vida como a respeito da morte. Até hoje, não houve um único ser humano que pôde se esquivar da sepultura.

Por falar em morte, foi com toda a amabilidade que me debrucei *Sobre a brevidade da vida*. Resultado? Acabei com mais dúvidas do que respostas. Não eram incertezas pelo não entendimento da matéria. Não! Muito pelo contrário. Eu titubeei, sim, mas em relação à minha própria vida: o maior obstáculo dela ainda é a tal da expectativa, que depende do amanhã e insistentemente me faz perder o hoje. E refletindo sobre a vida pude chegar a notória constatação de que, no fim, desde o início, existe apenas uma sentença: toda vida é um constante aprender a morrer.

A morte é uma condição inerente ao ser humano.

Talvez a esta altura você esteja se questionando: “Que raio de conversa é esta?” – Eu espero que seja uma daquelas estranhas e surpreendentes.

Recentemente, ouvi algo que nunca havia perpassado pela minha cabeça. E é aí que a trama se converge: a vida, a morte e ‘a certa pessoa’ que mencionei anteriormente – reflexo possível em todos nós –, uma vez que, assim como a morte, ela também está ligada intimamente à condição humana, fazendo parte da vida.

Não vou sair falando a torto e a direito sobre ela, *pois ela mesma se apresenta por inteira*, nunca em fragmentos, visto que em toda a sua conjuntura ela jamais se manifestará como um mero detalhe ôntico, mas sim como uma condição ontológica e existencial.

A propósito, ela não se incomoda com o próprio nome, preocupa-se com a ignorância e com a estigmatização social que ele carrega.

Basta! Acho que já falei demais. Concordamos que ela se apresentaria!

II. A derradeira Aurora

Para alguns, sou uma tragédia que deve ser evitada a qualquer custo, para outros, uma sentença biológica do fracasso. Os juízos em relação à minha existência são frequentemente corrompidos por preceitos morais coercitivos advindos de autoridades discursivas que fundamentam suas convicções em uma visão dicotômica da realidade.

Não se deixe enganar! O binômio normal/patológico se mostra presente e revela uma inteligência esfacelada e limitada, que procura segregar o outro em detrimento de um bem-estar superlativo. A parentalidade entre a medicina e a moral, ao longo dos tempos, produziu uma enorme ineficácia, afastando do convívio social o sujeito considerado desviante dos padrões de normalidade estabelecidos. Afasta-se para não se ver. Opressão e extravagância em nome do imperativo da normalidade, resultando na silenciosa invasão do preconceito.

Bem, talvez nem tão silenciosa assim, pois eu ouço muitas vozes me censurando por existir.

A censura e a hostilidade acerca da minha existência são reflexos de discursos *panacéicos* antigos, propagados com o objetivo de controlar os corpos e até mesmo as almas. E muitos dos manifestos de *inclusão* surgiram como artifícios para o abandono da singularidade: ‘Abandone-se a si mesma, para que, assim, você se enquadre no nosso mundo’.

Não serei arauta da minha própria condenação, nem cúmplice dos impositores do meu suplício. Já sacudi o pó que estava debaixo da sola de meus pés. Sou encarregada de atestar a verdade, de proclamar a minha liberdade, pois senão eu quem mais o faria?

Peço desculpas pela indelicadeza, já que ainda não disse quem sou, apenas quem pretendem que eu seja. Rejeito qualquer qualificação que possa me restringir ou generalizar, pois sou mais uma das formas singulares de ser no mundo, manifestando a complexidade da existência humana em busca de sentido.

Eu sou a *deficiência*!

Percebo que muitas vezes algumas pessoas me observam com interesse, uma espécie de curiosidade ingênua. Não levo a mal! Consigo compreender que a minha presença é ainda um enigma, matéria de que pouco se fala. Isso é resultado de anos de um processo histórico de opressão e estigmatização em relação à minha existência. O que me incomoda mesmo é quando esses olhares são violentos, carregados de preconceito e aversão. Não pretendo poupar palavras. Corpos diferentes são perturbadores porque são desordenadores. Não passo despercebida! Eu forço as pessoas a olharem para mim e a me perceberem. Ademais, faço com que sofram autoconsciência sobre o próprio olhar.

Curioso, em épocas distintas sempre existiram aqueles responsáveis pela intolerância e perseguição. São o tipo de pessoas que querem parecer mais inteligentes e superiores, marginalizando e controlando os outros, colocando-os em espaços morais de exclusão, sejam esses espaços físicos ou não. Lembro-me de ouvir uma galhofa interessante a esse respeito, na época em que na França se construiu a primeira casa de

loucos – era assim que chamavam. Eles trancaram todos os seus loucos nessa casa especial para se certificarem que eram pessoas mais espertas. O fato é que, ao trancar o outro numa casa de loucos, você ainda não está provando a sua inteligência. “Fulano enlouqueceu, isso comprova agora que somos inteligentes!” Não, de maneira alguma. A verdade é que segregar quem está fora da norma diz mais sobre quem exclui do que sobre quem é excluído.

Ouçã, abandono não é salvação. Foi o que aconteceu com os portadores da lepra. E mais tarde, com os infectados por doenças venéreas. Até que então a loucura passou a ser objeto de isolamento social. Para além da *Nau dos Loucos*, acredito que, se pudessem, também fariam deslizar ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos a *Behindertenschiff*. Pobre de mim, que viveria como forasteira perpétua, passageira de uma viagem que me conduziria ao suplício atroz dos oprimidos, no qual apenas o ocaso me libertaria do itinerário perverso.

Seria a morte então uma cura?

Por falar em cura, ao longo do tempo, concentraram-se mais na busca de uma cura, e menos nas barreiras sociais advindas desse suposto tratamento, e também do isolamento, do preconceito e da falta de empatia. E foi aí que tudo se complicou. Obstáculos surgiram em diferentes espaços sociais, afastando-me de uma vida digna.

O fato é que o ser humano se esqueceu que eu resido também na esfera do inesperado, podendo surgir e surpreender qualquer um, em qualquer momento da vida.

Algo igualmente inesperado, porém muito aguardado por mim, é que, em algum dia, uma aurora remissiva desponte no horizonte e com seu brilho derrame luz sobre a humanidade, libertando-a de preceitos morais prejudiciais à vida. Que seja devolvido a todos os seres humanos o sublime direito e o privilégio à existência.

III. Escrita, memórias, testemunho e dor

Fiquei raciocinando de que maneira eu iniciaria esta parte. Pensei comigo: “Agora é tu falando sobre ti, e o porquê da tua escolha. Por que a deficiência? Sim! Tu sabes bem o porquê. Tiveste uma ideia, montaste uma estrutura, criaste todo um caminho que culminaria exatamente neste momento. E agora, o que te impede de começar?” E seguiu-se todo um solilóquio dentro da minha cabeça. Eu fazia as perguntas. Eu mesmo as respondia na sequência. Ponderava coisas desconexas da matéria. Divagava.

Então, retornei abruptamente. Transferi a minha atenção ao barulho do relógio. Passei a escutar o *tic tac* do ponteiro ressoar com muita intensidade. O infeliz relógio da cozinha, novamente, perturbando meu espírito. Soçobrava meu ânimo, e nada de começar a escrever.

Parei por um tempo na tentativa de recobrar a minha determinação. Uma pausa e um bom café sempre ajudam.

Ah! Quão difíceis são os começos. Tendemos a evitá-los, mesmo que seja o começo de um texto. Justamente porque são começos e despertam insegurança, medo e, muitas vezes, levam à procrastinação.

Principiei a escrever somente no dia seguinte, após intensa reflexão, destacando exatamente a dificuldade inicial de formular esta última parte. Julguei válido ressaltar esse contratempo.

A busca pela perfeição, o medo do julgamento, a protelação, são coisas que costumam nos paralisar. A autoconsciência não é artifício absoluto para superar a paralisia frente a um obstáculo. Entretanto, a consciência do ‘eu’ em relação a si mesmo, já é um ponto importante para se ter noção do modo como enxergamos a realidade e de que maneira agimos defronte à nossa compreensão dela, bem como da maneira que ela nos afeta.

‘Moldamos a realidade e somos moldados por ela’ – afirmação que atualmente traz consigo muito sentido para mim. Aquela dicotomia simplória, responsável por reduzir a complexidade da realidade e da existência, ficou para trás. Não é uma negação da dualidade. É uma superação de um ponto de vista ultrapassado que apenas considera essa perspectiva absolutizada como fundamento da realidade e reduz aspectos significativos da vida e do ser humano, impedindo-o de ver como as coisas realmente estão interligadas e são interdependentes.

Esta mesma dicotomia serviu de fertilizante para aflorar os preconceitos e estigmas relacionados à deficiência, e fez emergir também uma disposição antagônica da realidade: loucura/razão; bem/mal; sucesso/fracasso e tantas outras. Se é ‘um’ em detrimento do ‘outro’. Uma exclusão de opostos, limitando a experiência individual e subjetiva do ser humano.

As experiências de vida das pessoas deficientes muitas vezes são atravessadas e reduzidas por uma categorização patológica frente às pessoas saudáveis. Assim, à pessoa com deficiência é designado um lugar de inferioridade e incapacidade.

Ao determinar que escreveria a respeito da deficiência, fiz essa escolha justamente por ser algo que está distante de mim. Julguei ser necessário apreender mais sobre o tema e buscar compreender melhor, tanto por circunstâncias relacionadas à graduação em Psicologia como no que tange aos aspectos pessoais, visto que a deficiência não é algo que se discute com frequência.

Friedrich Nietzsche questiona que muitos não têm ouvidos para aquilo a que não se tem acesso a partir da experiência. No entanto, ele destaca o fato de que a linguagem pode ser a porta de entrada para novas vivências, mesmo aquelas que estão situadas completamente além da possibilidade de uma vivência frequente ou mesmo rara. A linguagem constitui, assim, terra fértil para nos aproximar das experiências de outrem, pois o não vivido se transforma em possibilidade de experiência.

E é exatamente isso que eu pretendia desde o início deste texto: aproximar-me do tema *deficiência*.

O meu primeiro contato com o assunto veio por intermédio de uma canção, lá na adolescência. Recordo que me tornei amigo da música desde muito cedo, quando era apenas uma criança. Maternalmente ela me abraçou. E foi então que selamos um pacto de amizade perpétua que me traria muitas coisas boas e agradáveis, porém também me conduziria a lugares de profunda introspecção, reflexão e dor. É-me lícito dizer que sem a música, a vida seria um erro. Concorde ou não, é assim.

A arte costuma revelar coisas que a linguagem teórica muitas vezes não alcança. A música especialmente, que nos aproxima de pessoas que nem conhecemos, tornando-nos íntimos delas, colocando-nos diante de sentimentos que nem sequer sabíamos que existiam. Além disso, muitas letras com suas histórias desvelam o aspecto não apenas belo, mas também horrível do ser humano e da existência.

Foi o que ocorreu quando escutei a música *Castelo Triste*, escrita e narrada pelo Eduardo Taddeo, que interpreta e relata de forma direta e objetiva como era o cotidiano, os pensamentos e os sentimentos de seu irmão tetraplégico.

São vários os trechos da música que desafiam o preconceito social e expõem a estigmatização sofrida pelas pessoas deficientes. Em passagens como “*É humilhante você me limpando, trocando minha roupa/ Me dando banho, comida, água na boca*” a letra evidencia o doloroso dia a dia de alguém deficiente. Já em partes como “*O mundo cultua a idolatria do corpo perfeito/ Joga no hospital psiquiátrico humano com defeito/ Sem triagem, seleção, diagnóstico/ Doente mental, físico, auditivo num depósito*” são denunciadas, sem parcimônia, a exclusão e o abandono, bem como a visão patologizante e o descaso das instituições.

Na canção, a morte parece ser uma cura para o personagem. Expressa uma vitória frente à dor, com a ponte levadiça do castelo triste se abaixando para ele fugir, pois por muito tempo ele esteve preso na cadeira de rodas e no preconceito das pessoas.

Toda a conjuntura de adversidades e infortúnios relatados em *Castelo Triste* provoca uma espécie de arrebatamento trágico. Ao invés de fazer você esquecer da realidade, a canção lança você subitamente diante dos aspectos mais cruéis e repugnantes do ser humano. Em seguida, guia você por um caminho de profunda introspecção e reflexão.

O itinerário por onde as canções que eu ouço frequentemente me conduzem permitiu o florescimento de valores que me distanciassem de um mundo mendaz, ilusório e forjado. Não tenciono escrever um ditirambo à música. Quero apenas expressar algumas palavras de gratidão por algo responsável por edificar ideais sólidos de respeito e justiça. E por tornar mais bela e agradável a minha vida, da mesma maneira que as noites frias e estreladas de junho.

Se fosse para escrever um ditirambo, escreveria para a minha mãe, alguém que por muitos anos contrariou os limites do próprio corpo.

Neste momento já não me pode eludir o fato de que talvez eu tenha tirado conclusões precipitadas ao meu próprio respeito.

Ao me lembrar da minha mãe, percebo que fui negligente em pensar que a deficiência sempre esteve distante de mim, quando na verdade ela esteve presente na minha vida, mesmo que por pouco tempo. A aproximação aconteceu lentamente, junto com o surgimento do câncer na vida dela – era então o ano de 2009.

Com a doença surgiram as limitações: fraqueza, dores crônicas, mobilidade reduzida, fadiga intensa.

Não existem fórmulas para superar as fatalidades. Aprendemos a lidar com elas à medida que elas se revelam.

A vida já não era mais a mesma. E se modificou de um modo acentuado durante os anos que se seguiram. A longo prazo, a debilidade aumentou, pois o câncer e quase uma dezena de cirurgias causaram limitações funcionais que influenciaram a qualidade de vida dela.

Nada existe de mais demolidor, de mais detestável, do que ver alguém que tanto amamos sofrer. E são justamente as coisas que não podemos controlar aquelas que mais nos afligem. Mas o fato é que todo o sofrimento que sentimos desvela o que realmente importa para nós, e que amar é se deixar vulnerável.

Minha mãe morreu com 55 anos!

No ano em que ela nos deixou, em 2015, também eu por um período me deixei. Felizmente, eu pude retornar. Quando isso aconteceu, talvez um pedaço de mim tenha ficado para trás. É como se alguma coisa tivesse mudado. O que não se modificou foram as doces lembranças de alguém que sempre foi gentil e amável, e por quem sempre será entoada a eterna canção da saudade.



Emerson Pagnussat nasceu em Blumenau, Santa Catarina (SC). Tem 35 anos. Graduando em Psicologia e licenciado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Tem paixão pela literatura, principalmente por escritores russos como Nabokov, Dostoiévsky e Tolstoy. Participou da ontologia "O Jogo do Amor - Contos e Poemas" com a narrativa "Anáfora" publicada pela Revista Conexão Literatura. Foi semifinalista na 4ª edição do concurso "MicroConto de Ouro" (2024), promovido pela Casa Brasileira de Livros, com o texto "Sinestesia".

Revista Conexão Literatura

O Gato Preto



“Este último era um animal notavelmente grande e belo, completamente preto e dotado de uma sagacidade realmente admirável. Ao falar de sua inteligência, minha esposa, cujo coração não era afetado pela mínima superstição, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos eram bruxas disfarçadas. Não que ela jamais mencionasse esse assunto seriamente – e se falo nele é simplesmente porque me recordei agora do fato.”

O Gato Preto
– Edgar Allan Poe



POR ANICEIA PEREIRA DO NASCIMENTO

Memórias que tocam a alma

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Se você tivesse me perguntado como foram as duas noites que vivi ao seu lado...

Poderia lhe descrever de tantas formas diferentes e sei que em cada uma delas ainda não estaria todo o meu afetuoso sentir...

O que se sente no pensamento e no coração nunca poderá ser definido ou explicado somente com palavras, porém vai muito além ao poder ser demonstrado com gestos e ações.

Sei o quanto você não mediu esforços para nos encontrarmos e ficarmos o fim de semana juntas... apenas veio para pertinho de mim e nesse exato momento foi como se o tempo e o mundo lá fora não existisse, porque a possibilidade de poder "amar e compartilhar boas memórias" ultrapassa qualquer obstáculo para ser vivido e sentido.

Se eu pudesse escolher um momento para o tempo parar (teria sido nas duas noites ou em todos os momentos que pude estar ao seu lado), pois amei cada segundo no qual pude segurar sua mão, sentir o seu cheiro natural, beijá-la intensamente, tocar seu corpo quentinho, contemplar cada pequeno detalhe expresso por você e ficar ao seu lado, seja conversando, observando-a, dormindo ou mesmo em silêncio, pois sei que os bons sentimentos estiveram presentes entre nós e poderão sempre florescer ainda mais a cada reencontro nosso.

Saiba que poder estar na sua companhia, me fez tão bem de uma forma profunda e imensamente feliz. E se um dia eu puder escolher ou fazer um pedido para você uma única vez, será: (fique para nunca mais precisar ir, não por uma noite, mas sim por uma vida inteira).



Aniceia é professora de Língua Portuguesa, movida pelo amor às palavras e ao poder transformador da educação. Observadora e sensível, encontra na escrita e na poesia um espaço de expressão profunda e verdadeira.

Romântica e intensa, acredita no afeto como força que constrói e cura. Forte e determinada, segue enfrentando desafios com responsabilidade, doçura e coragem.

7 GATOS

POR FLAVIO JOPERT





7 GATOS

Por Flavio Joppert

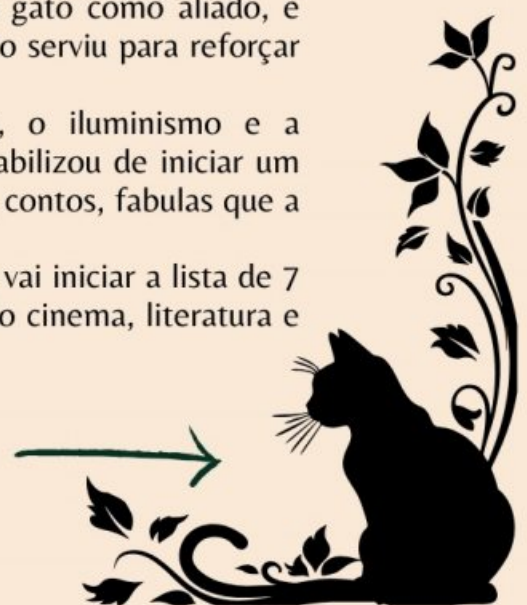
Talvez o gato que tenha chegado mais próximo do Zenith tenha sido a divindade egípcia Bastet, seu ritual associava alegria, com mumificações de gatos, sendo que as sacerdotisas chamadas Cantoras de Bastet, e Servas da deusa, responsáveis pelo canto e dança rituais. Esse sacerdócio tanto masculino como feminino era muitas vezes hereditário por gerações.



Posteriormente o gato com histórico religioso relacionado a feminilidade e a divindade lunar, passou a ser perseguido como ser maléfico. Rituais de sacrifício, extermínios levaram as cidades que praticavam este abuso a serem fortemente flageladas pela peste, enquanto que as que toleravam o animal, tendiam ao menor impacto da epidemia relacionada ao rato (bactéria e pulga). A mulher como um todo, acusada de bruxaria tinha o gato como aliado, e como principal indício das práticas condenadas. Isso tudo serviu para reforçar a ambiguidade do Gato.

Com o dismantelamento da estrutura supersticiosa, o iluminismo e a revolução cultural que se iniciou na Europa, se responsabilizou de iniciar um processo de educação incluindo a compilação de textos, contos, fabulas que a tradição popular trazia por oralidade.

Começaram a surgir contos como o Gato de Botas, que vai iniciar a lista de 7 gatos famosos no meio artístico, como quis o destino do cinema, literatura e halloween de relacioná-los com a bruxa.



7 GATOS

Por Flavio Joppert



Os 7 Gatos e as suas 7 Vidas:
(leia: autor, ano, e qualidade atribuída)

Gato de Botas

Charles Perault – 1697 - Charlatão

Gato de Cheshire

Lewis Carol – 1865 - Irônico

Gato Felix

Sullivan & Messmer – 1919 - Herói

Tom e Jerry

Hanna Barbera – 1940 - Inimizade

Um dia, um gato

Procházka – 1963 - Mágico

O Gato, Mike Meyers (2003)

Theodor Seuss Geisel – 1957 - Mágico

Comichão e Coçadinha

Matt Groening – 1988 – Inimizade



A inteligência artificial permite criar este cenário de perfil psicológico para o “gato”, como símbolo, de significado e interpretação:

“Esse personagem é uma mistura entre o trickster (trapaceiro) e o mágico sábio, com nuances de herói relutante e um agente de transformação que desafia o sistema e cria conflitos inevitáveis.

Exemplos de personagens com esse perfil (ou parecido):

- Merlin (lendas arturianas): mágico, herói, às vezes manipula com seus truques.
- Loki (mitologia nórdica e Marvel): charlatão, irônico, mágico, cria inimizades, às vezes herói ou anti-herói.
- Doutor Fausto (literatura clássica): mágico, charlatão, ambíguo, que busca poder e causa conflito.
- Rumpelstiltskin (contos de fadas): mágico, charlatão, cria inimizades, tem ironia no comportamento.
- Q (Star Trek): mágico (poderes quase divinos), irônico, pode ser herói ou antagonista, provoca inimizades.”





7 GATOS

Por Flavio Joppert

Curiosamente são as interpretações que ligam a simbologia do Gato, dentro da ambiguidade aceita no universo literário, à magia, ocultismo, poderes derivados da bruxaria. É a conclusão útil que a Inteligência Artificial permite atingir a nível de simbologia.

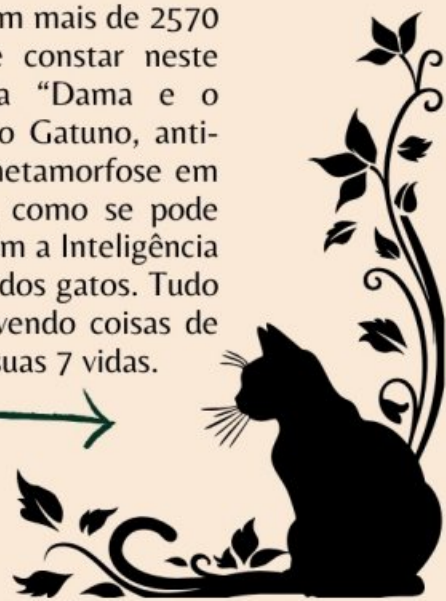
Conclui-se, muito embora a literatura como cátedra acadêmica permita divagar, ao contrário de todos os professores da biologia, que se prendem ao fato de não existirem animais do mal. O critério argumentativo da ambiguidade do gato é uma antropomorfização de aspectos morais, e atribuir caracteres humanos aos bichos. Apenas parte da psicanálise de Jung estuda os bichos, e animais totêmicos. Seria apenas um pedaço do que seria psicanálise e simbologia. Sendo relatos antropológicos aos casos de zoantropia.

Fato é que toda a simbologia se estabelece após o primeiro contento de bem ou mal. Seria o primeiro rótulo cognitivo. O antropomorfismo é criticado pelos zoólogos tradicionais.

A inteligência artificial em 5 chances não constituiu diretamente o perfil simbólico do gato, mas humaniza a característica, encontrando personagens “humanos”, com a mesma personalidade. Muito da Metazootologia seria extracurricular. Já a Parazootologia envolveria a heráldica e algumas aulas de História da Zootologia. Não acadêmicas e desafiam os cânones tradicionais.

Na Heráldica os felinos seriam um dos 3 primeiros colocados, dominando em áreas em que a águia imperial, e o urso germânico perdem influência. Questões cognitivas pré medievais podem justificar o *Felix catus* nos brasões como massa crítica, antes do surgimento do preconceito contra os gatos se estabelecer nos fins da Idade Média. Até mesmo porque a heráldica como sistema antagonizava com o sistema que condenava os gatos inclusive em significância.

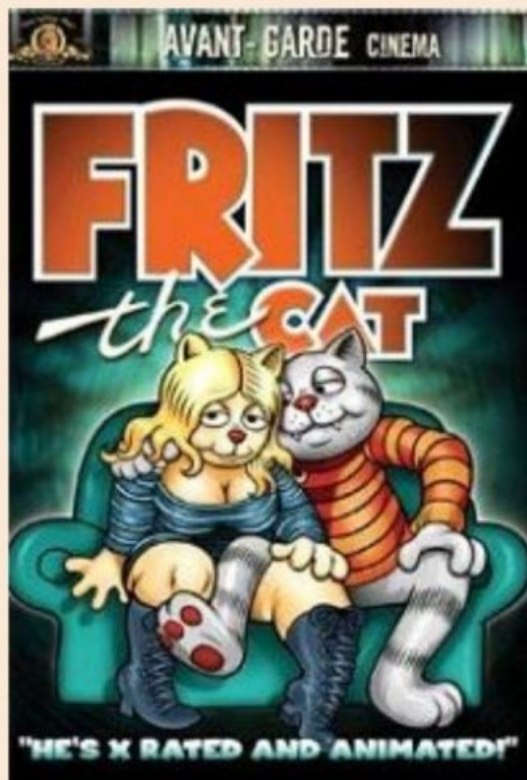
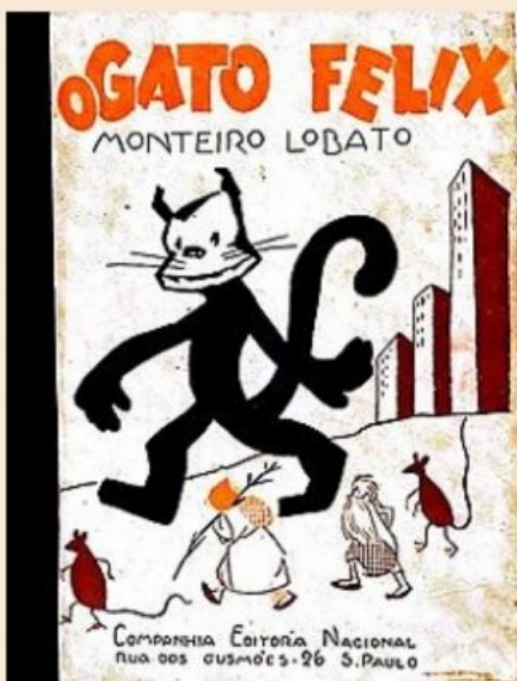
A divindade dos gatos, além de “per si” como no Egito, envolve deusas como Hécate, Freya, Era, e Li Shou. Os gatos trazem propriamente um viés que os relaciona à caricaturas. O Gato Felix, celebrou o centenário alguns anos atrás. Já o preguiçoso Garfield possui a simpatia que eleva a popularidade de 110% acima de personagens médios, com 200 milhões de leitores, em mais de 2570 jornais no mundo. Alguns gatos não poderiam deixar de constar neste trabalho como os “Aristogatas”, rivais em audiência da “Dama e o Vagabundo”, que tangem a emoção das crianças; ou o Gato Gatuno, anti-herói, que mascara a malandragem, perto de Branquinho, metamorfose em outro desenho (Capitão Guapo). Todos esses personagens, como se pode construir o imaginário, trazem aqueles caracteres que junto com a Inteligência Artificial permite concordar com a qualidade de ambiguidade dos gatos. Tudo pode ter começado com seu olhar fixo, como se estivesse vendo coisas de outro mundo, numa outra dimensão. Assim dá para entender suas 7 vidas.





7 GATOS

Por Flavio Joppert



CRÉDITO DAS IMAGENS:
arquivos do autor Flavio Joppert

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Flavio na Niteroiense de Letras



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

COLETÂNEA

DE POEMAS E CONTOS

VOL. III

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA

VOL. III

DE POEMAS E CONTOS

E-BOOK



SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: [clique aqui](#)

JÁ TEM 2025 anos...!!!!!!

POR MÓNICA PALACIOS

O dia de sol, a noite de estrelas e lua crescente... tudo se soma para sentir e viver intensamente cada lembrança.

Sim, em 1 de janeiro de 2025 comecei a acreditar que este simpático andarilho teria um saco cheio de surpresas, de emoções e até de alguns desafios.

Tudo bem, não me amedronta. Já conseguí fazer algumas peles, como as cobras, assim tudo resulta mais leve.

Bom, agora o que interessa é falar dele.

Já tem vários anos, mesmo assim, até o último momento nos surpreende com guerras que não param, com partos felizes, com encontros internacionais que conseguem metade do proposto ou esperado, com infinidade de alunos já livres da escola e muitos outros arrastando recuperações.

Com as moedas que estimulam viagens, com novas descobertas na medicina, com gente que ganha e outros que sofrem até demais.

Com governos preocupados com o povo e outros corruptos até a milésima geração.

Com homens sensíveis, humanos, amorosos e outros déspotas e dominadores. Tudo, de tudo encontrou e conheceu em sua longa vida.

É incrível como ele acumula vivências que compartilha com todos nós, habitantes do mundo.

Claro, também nos presenteia com familiares queridos, amigos que são um pilar para nossa vida, viagens que nos iluminam, quilos a mais e quilos a menos, de tudo... ele condensa, mistura e faz aquele drink que bebemos lentamente, sim, ao longo de 12 meses.



Continuo falando dele. Eu tenho o observado que, embora com 2025 anos está erguido, elegante, sorridente e até galanteador. Será que as estrelas as estimulam?

Ontem à noite o achei sentado embaixo de uma árvore, estava escrevendo, deu uma cochilada e me aproximei. Pecado... o último pecado de 2025. Sim, tentei ler o que escrevia e soube que está passando algumas dicas a seu novinho amigo 2026.

Adivinham o que lhe pediu de maneira especial? Sim... mais amor e menos balas.

Um abraço.



Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.





**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

POR SANDRA DE CASTRO PROFETA

PELAS JANELAS DA SOLIDÃO

O bichinho ficava deitado, sozinho, olhando o mundo através do vidro da janela. A casa, antes viva, ruidosa, cheia de passos miúdos, agora era apenas silêncio. Nenhum movimento. Nenhum som.

Só ele, e o tempo que insistia em passar devagar.

Anos atrás, era a alegria da casa: corria ao lado das crianças, duas pequenas fagulhas sempre prontas para brincar.

As irmãs eram incansáveis, e ele respondia com festa, com vida, com aquele amor simples que só os animais sabem dar.

Mas o tempo andou.

E, como sempre, levou junto uma parte da magia.

As crianças cresceram, tornaram-se adolescentes apressadas, cheias de compromissos, telas, novos interesses, novas rotas.

E o bichinho ficou...

Ficou preso dentro de uma casa cada vez mais vazia, à espera de um afago que já não chegava, de um olhar que já não o via.

Que tristeza silenciosa.





Que isolamento tão profundo para um ser que só sabe amar.
Seu único estímulo era observar, através do vidro frio, o movimento do mundo que seguia sem ele.
Do outro lado da janela, a vida pulsava.
Do lado de dentro, ele apenas esperava.
E então surge a pergunta que teima em morder a consciência:
somos mesmo amigos dos animais?
Ou somos apenas seres carentes buscando um amor fácil, dócil, incondicional...
um amor que nunca nos contraria, nunca exige demais, nunca reclama da ausência?
Talvez, sem perceber, transformemos nossos pets em pequenos objetos vivos:
companheiros silenciosos que ocupam o vazio da nossa pressa,
que suportam nossa ausência,
que aceitam migalhas de atenção como se fossem grandes gestos de afeto.
Ter um animalzinho é fácil.
Difícil e triste é reconhecer que muitos vivem como sombras dentro das casas,
prontos para agradar,
sem nada reivindicar,
enquanto nós seguimos correndo para longe deles... e de nós mesmos.

Sandra de Castro Profeta é médica pediatra, alergista e pneumologista, com mais de 40 anos de atuação no cuidado e ensino. Encontra na escrita uma forma de traduzir afetos, silêncios e experiências em palavras. Corredora, praticante de yoga, apaixonada por línguas e viagens observa a vida em movimento e transforma o cotidiano em poesia. Celebra a maturidade como um tempo de criação, partilha e verdade.

RESUMO SEMIÓTICO DO CONTO BRANCA DE NEVE

POR FLAVIO JOPPERT



O conto infantil de Branca de Neve, conhecido mundialmente pelos cinemas, desde a produção Disney, compreende através da semiótica ou simbologia um padrão de educação moralista baseado no sistema de fábulas. Esta conotação cria a atmosfera que vai atuar tanto no consciente-inconsciente das crianças no plano individual e coletivo. Isso se dá pela ótica construtivista que cada “personagem” cria através de suas significâncias.

Muito embora exista essa leitura simbólica moralista, todo esse moralismo é moldado sob o ponto de vista sexual. Esse conto em certos sentidos seriam primórdios de uma programação neurolinguística para uma vida sexual adulta, quer seja saudável, ou apenas madura.

Obtendo um resumo analítico do Conto Branca de Neve através da inteligência artificial é possível trabalhar com os principais elementos do conto:

“**Branca de Neve** é uma princesa de beleza rara, invejada por sua madrasta, a rainha má, que consulta diariamente um espelho mágico. Quando o espelho revela que Branca de Neve é a mais bela do reino, a rainha ordena sua morte. A jovem foge para a floresta e é acolhida por **sete anões**, que passam a protegê-la. Disfarçada, a rainha tenta matá-la com truques — o mais famoso é a **maçã envenenada**, que faz Branca de Neve cair em sono profundo. Um **príncipe** a encontra, se encanta e, ao beijá-la, quebra o feitiço. Eles se casam e vivem felizes, enquanto a rainha má recebe seu castigo.”

Deste pequeno parágrafo construído com inteligência artificial consegue-se identificar 14 elementos:

Princesa: alguém considerada de qualidade superior

Bonita: além da qualidade superior, possuía atrativo sexual

Madrasta: Alguém que vive com o pai dela sem ser sua mãe

Rainha Má: Embora tenham qualidade superior a Rainha desempenha ações moralmente condenáveis

Espelho Mágico: Parte dessas ações são a crítica ilusória da magia

Ordena a Morte: Tentativa de destruição por inveja

Coração de Veado: O coração do veado morto significa uma forma de amor não concretiza. O desejo de posse do coração numa caixa, é uma forma de aprisionamento doentio, dentro de uma paixão que pode ser homossexual lésbico.

7 Anões: Os anos segundo a construção de Wagner em os Anéis dos Nibelungos significariam a miséria, em explorar lá o ouro, e aqui diamantes. De certa forma um comportamento de cobiça e ganância. É com eles que Branca de Neve vai viver na Floresta. A Floresta seria a representação do desconhecido, das ameaças, dos perigos

Bruxa Velha: Quando a Rainha Má se disfarça de Bruxa Velha ela se torna sedutora e enganadora, pela sabedoria, ou segundas intenções pela abordagem carinhosa

Maçã Envenenada: A maçã fruta conhecida por seu envolvimento na trama de Adão e Eva, de forte interpretação em ser uma fruta de pecado sexual, prejudicial pelo veneno

Sono Profundo: Não é a morte, mas um desligar-se da realidade

Caixão de Cristal: é uma equiparação a um troféu, como um armário de vidro onde se guardam enfeites, biscuits, algo muito frágil, etc.

Príncipe: Alguém de qualidade moral aparentemente superior, representando um personagem que na trama pode trazer Branca de Neve de volta à realidade

Beijo: na realidade a moral ilibada do príncipe é desmascarada em certo sentido como um beijo de um necrófilo. É este beijo que norteia Branca de Neve na vida amorosa madura e de padrão normal

Branca de Neve será feliz, e a Bruxa castigada. A inteligência artificial identifica 2 relatos para o castigo da bruxa, que em certo sentido é o fundo moral do conto para coibir a inveja que pode mascarar uma paixão homossexual reprimida ou condenada.

“Na **versão dos Irmãos Grimm**, que é a **mais antiga e sombria**, a **rainha má** recebe um castigo **bem cruel**”:

“Quando ela aparece no casamento de Branca de Neve e do príncipe, é forçada a calçar **sapatos de ferro em brasa** e a **dançar até morrer**.”

Estamos diante de práticas folclóricas de dançar sobre o fogo, em rituais de magia que sobrevivem ao acultramento, indicando a posse de um poder paranormal. A morte da bruxa além de castigo, indica a inexistência desse poder e de que seu espelho mágico seria uma ilusão. A dança em certo sentido remete a dança da morte, aspecto conhecido da Idade Média.

“Já na **versão da Disney (1937)**, o final é **bem mais leve**: a rainha, transformada em bruxa, **cai de um penhasco** durante a tempestade e **morre**, sem o castigo explícito dos Grimm.”

Neste final a bruxa cai de um penhasco perseguida pelos bichinhos da floresta, tendo a morte semelhante a de Caim. Indicando um castigo divino, dentro de uma concepção culturalmente puritana.

A inteligência artificial apresenta conclusões que amparam o ponto de vista apresentado. As punições severas são materiais, concretas.

“**Os Irmãos Grimm**, que eram estudiosos alemães do século XIX, coletaram histórias populares contadas de boca em boca. Essas versões eram **muito mais sombrias e violentas**, cheias de punições severas e lições morais duras. Na época,

acreditava-se que mostrar o castigo do mal ajudava as crianças a entender o valor da bondade e da justiça. Por isso, a rainha má termina dançando com **sapatos de ferro em brasa até cair morta** — um símbolo de que a inveja e o orgulho têm um preço alto.”

“Já **Walt Disney**, em 1937, queria criar um **conto encantador e otimista**, o primeiro longa-metragem animado da história. Ele suavizou os elementos sombrios e transformou a história em uma **mensagem de esperança e amor verdadeiro**, removendo cenas de tortura e deixando o final mais trágico, porém simbólico — a queda da bruxa representa a derrota do mal, mas sem a crueldade explícita.”

A punição apresentada por Disney é sobrenatural, semelhante a que se aplica ao primeiro homicida. Ela é espiritual.

“Resumindo: os **Grimm** queriam **ensinar com medo e moralidade**, enquanto a **Disney** queria **encantar e inspirar**.” Em certo sentido é a moral que a inteligência artificial apresenta porque o encantamento e a inspiração serão melhores se a estrutura for espiritual e não material como a vida dos 7 Anões.

“Antes mesmo dos Irmãos Grimm, a história de Branca de Neve circulava **em contos orais e escritos na Europa medieval**, especialmente em países como **Alemanha, Itália e França**. Nessas versões antigas:

- O elemento do **sono profundo e do despertar pelo beijo do príncipe** aparece mais tarde, nos contos da Europa central, antes de se popularizar com os Grimm.

Ou seja, o que os Grimm fizeram foi **reunir várias dessas histórias antigas**, padronizar personagens como a **rainha má, os sete anões e o príncipe**, e transformar a narrativa em um conto estruturado com moral explícita — mas a essência da inveja, do perigo e do triunfo do bem já existia há séculos.”

Construindo junto com a Inteligência Artificial pode-se concluir que o conto moral traz elementos simbólicos da cultura folclórica. São elementos de significado simbólico e moral. O conto serve para moldar meninas e meninos dentro de uma estrutura social que vai aceitar alguns comportamentos e reprovar outros. Branca de Neve passa por um período dentro de um caixão de cristal, o estar completamente fora da realidade, numa proteção de pura delicadeza e fragilidade, até amadurecer e acordar para a vida madura. Mas pode ser que seja bem mais que isso.

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



CINEMA

FOTO DIVULGAÇÃO



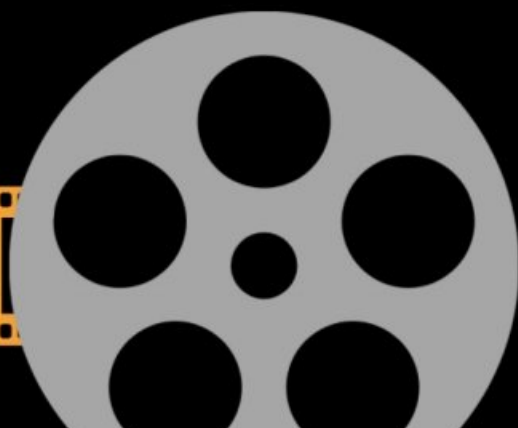
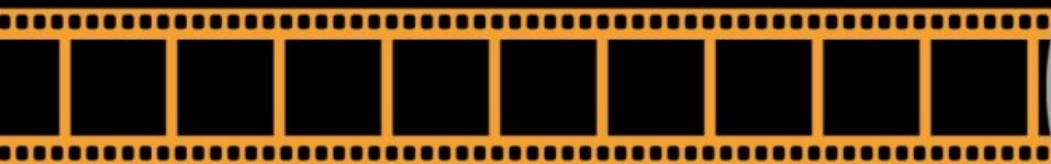
O agente secreto: Jonas e a baleia

Por Sela - Maria Selenir Nunes dos Santos

O mito deve ser mantido vivo. As pessoas capazes de o fazer são os artistas, de um tipo ou de outro. A função do artista é a mitologização do meio ambiente e do mundo.

Joseph Campbell

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Assisti a *O agente secreto*. Destaco a atuação brilhante de Wagner Moura e de todos os atores, a construção de época é espetacular, assim como o roteiro.



O filme inicia no tempo-fora-do-tempo, do Carnaval brasileiro de 1977, em plena ditadura, no calor do verão, na Dionisiaca urbana, no êxtase, na alegria, na violência, na escatologia do sistema em putrefação e desvalorização da vida – representada por um corpo estirado no chão. Logo no começo me lembrou a história de Jonas e a baleia, um mito aquático – os mitos aquáticos correspondem às hilogenias, as crenças da origem aquática dos humanos, que implicam uma regeneração porque se trata de morte e de renascimento. A morte simbólica não só serve para salvar a si mesmo, mas também à comunidade. Na jornada desse tipo de herói é necessário que se faça a descida, para que se possa salvar a si e a sua comunidade. Ao longo do filme, a água se manifesta nos fluidos: o suor, o combustível, o sangue (símbolo de vida e

morte), a cachaça, o sêmen e no monstro aquático, o tubarão.

A presença do agente no posto de combustível das primeiras cenas foi o limiar na jornada do herói, o momento que equivale à passagem pelos dentes da baleia/tubarão, onde é abordado pelos dois policiais, a caminho da cidade, palco do conflito. Na cena, o combustível representa o ânimo, a decisão de se abastecer de convicção e potência para assumir a missão. Na linha limítrofe entre o abastecimento de combustível e o corpo adiante, ele testemunha a corrupção daqueles que deveriam manter a ordem e a proteção da população, um sinal do terror que lhe espera: os medidores de combustível da bomba e do painel do carro aparecem como relógios – usados no início de inúmeros filmes como marco do início da aventura – e estabelecem exatamente a linha divisória entre a vida

anterior de Armando, comum e consciente, e a entrega total do herói à sua missão assustadora como Marcelo.

Já na cidade, o terror que o tubarão causa na população ilustra o terror da ditadura devoradora de gente: o tubarão era um medo mais possível de se enfrentar. Desde as antigas histórias das mitologias as pessoas fazem piada do que a psique não suporta compreender e significar. A purgação do terror, no imaginário popular, passa pela ação de uma perna humana engolida e encontrada dentro de um tubarão, que sai viva, cabeluda e dá pontapés nas obscenidades da população. A libido sempre presente: o protagonista é fruto de um estupro cometido por um coronelzinho contra uma menina de 13 anos; o herói é atraente, e, a julgar pelo seu silêncio diante da pergunta do sogro, *raparigava* mesmo enquanto casado. O secreto dos refugiados, os que fogem, se aniquilam mudando de nome, de vida, buscam e se escondem num refúgio, numa caverna, numa casa, numa concha, num colo de mulher, numa mulher que tem segredos, num ventre de um monstro aquático, numa sala labiríntica de arquivos do instituto de identificação, num camburão... é profanado pelo policial rodoviário, ao entrar no carro do agente. Segretos, entram, saem, renascem e morrem... O mitologema de entrada e saída se repete na estrutura da narrativa.

Assim acontecem, no mito de Jonas e a baleia, a morte e renascimento. Joseph Campbell comenta dizendo: “A personalidade consciente entra em contato com uma carga de energia inconsciente que ela não é capaz de controlar, precisando então passar por toda uma série de provas e revelações de uma jornada de terror no mar noturno, enquanto aprende a lidar com esse poder sombrio, para finalmente emergir, rumo a uma nova vida.”.

E acrescenta, em relação a uma das faces do herói, que atravessar o limiar é uma forma de autoaniquilação, pois o herói entra para nascer novamente. No ato de desaparecer, o fiel entra no templo, e reviverá ao se lembrar de quem e do que é: pó e cinzas, a menos que seja imortal.

Segundo Campbell, ainda, há guardiões nas proximidades e entradas dos templos: “colossais gárgulas: dragões, leões, matadores de demônios com as espadas desembainhadas, anões rancorosos e touros alados. Eles são guardiões do limiar [...] e correspondem aos ogros mitológicos que marcam os limites do mundo convencional, ou às fileiras de dentes da baleia. [...] Alegoricamente, a entrada num templo e o mergulho do herói pelas mandíbulas da baleia são aventuras idênticas; as duas denotam, em linguagem figurada, o ato de concentração e de renovação da vida.” [...]

O filósofo desenvolve a descrição que faz observando que “o herói, cujo apego ao ego já foi aniquilado, vai e volta pelos horizontes do mundo, entra no dragão, assim como sai dele, tão prontamente como um rei circula por todos os cômodos do palácio. Aí reside seu poder de salvar; pois sua passagem e retorno demonstram que, em todos os contrários da fenomenalidade, permanece o Incrível-Imperceptível e não há nada a temer.”

O herói se autoaniquila porque não suporta a perda do feminino, da mãe e da esposa, então vai para dentro da boca do tubarão inconscientemente, para renascer. Ele tinha ido em busca do filho dele e pra isso precisou mudar o nome. Marcelo é o agente que faz a descida, volta para cidade onde é perseguido, entra "na boca do tubarão" e sai como filho, revivido como agente de saúde, um curador, trabalhando na valorização da vida simbolizada no sangue do hemocentro; recuperado e premiado com a pesquisa (de uma mulher) da história e da memória. Ele pode, a partir de agora, abrir a verdade e a consciência da própria identidade como indivíduo e como sociedade pós-ditadura, transcendendo o terror do regime com os registros da verdade e da memória, tão cara a Kleber Mendonça Filho quanto necessária ao Brasil contemporâneo. Nós somos o agente secreto que guardou as memórias de terror da ditadura, assim como cada um de nós é o agente da Democracia brasileira em construção.



Foto Divulgação

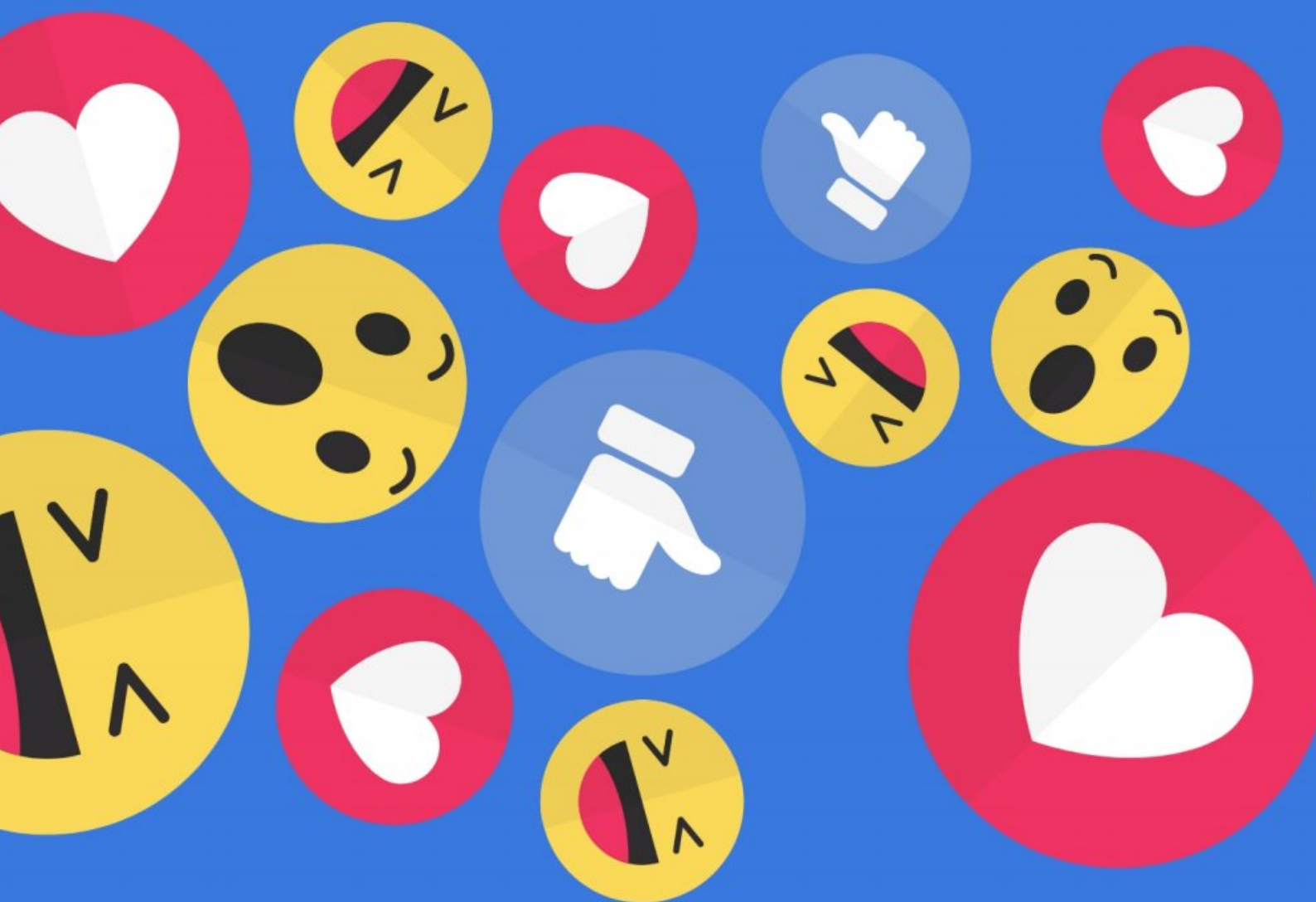
Sela - Maria Selenir Nunes dos Santos é bacharel em Artes plásticas pela UDESC Universidade do Estado de S. Catarina, em 2008. Natural do RS reside desde 2020 no DF onde tem atelier. Entre várias participações em exposições de arte nacionais e internacionais estão a individual no MASC Museu de Arte de S. Catarina em 2009, em Bonn- Alemanha Universidade Alanus 2005, em Galerias Fivars Murcia Espanha 2007, em Barcelona Galeria Imaginate, em Cambiano Torino - Itália 2024, em Casa Guilherme de Almeida curso "Mitos e arquétipos no cinema" 2021. Fez a tradução do livro Ética Bixa com Pablo Cardellino 2019, participou de quatro antologias de poemas e de ilustrações em Projeto de Filipe Alverca Minicontos em 2020 e em livro de poemas de Paco Manhães (in memoriam) em 2024. E o artigo "Noturno" tradução intersemiótica com Pablo cardellino publicada na Revista de Letras em 2023.

Siga-nos

no

INSTAGRAM

 @REVISTACONEXAOLITERATURA





FIEL DA BALANÇA

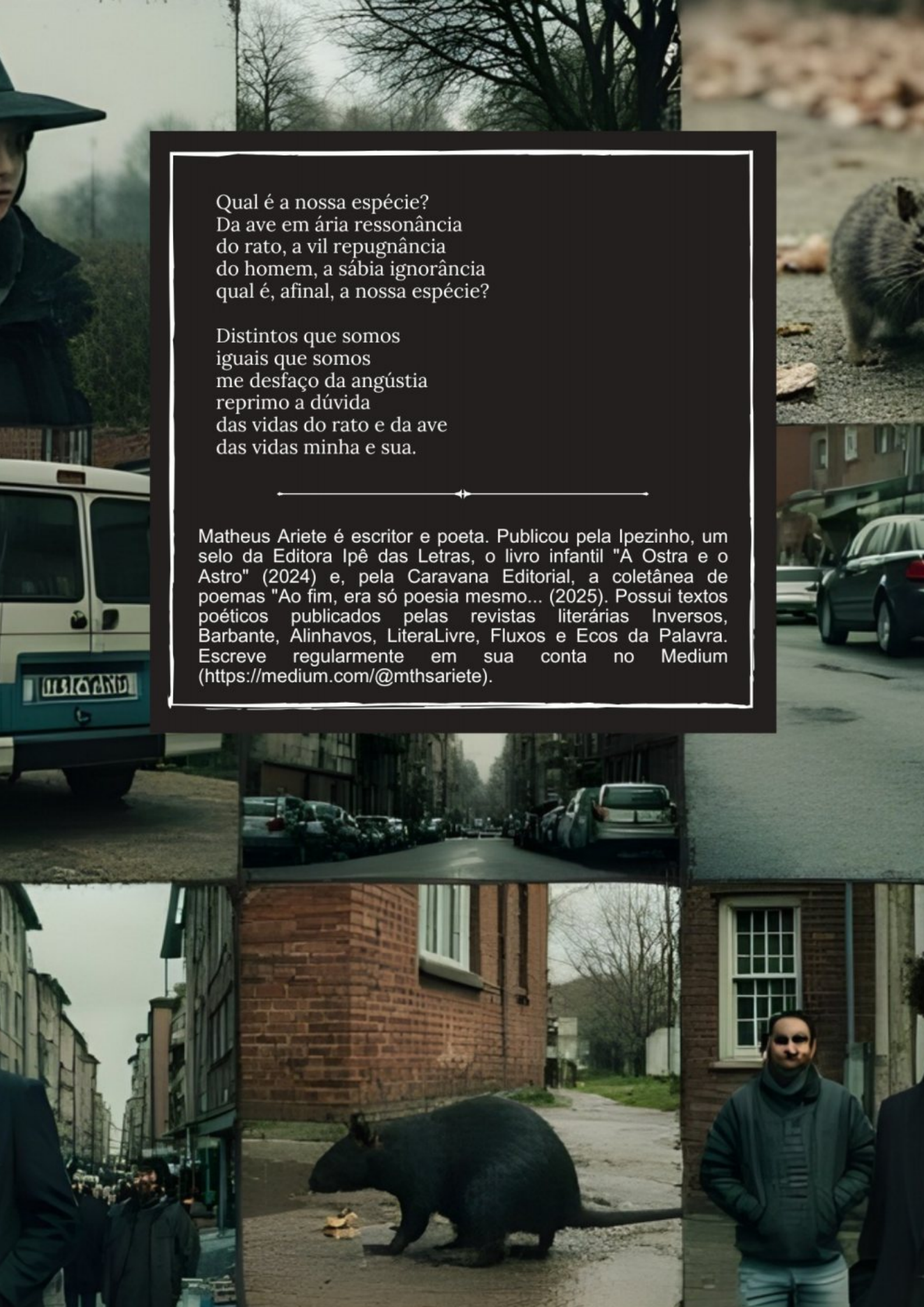
POR MATHEUS ARIETE

Guardo essa angústia
da vida do rato
da vida da ave
pungente dor devo enterrar
da ave que estava a respirar
do céu em que não pôde voar
da palha no ninho a esfriar.

Ambas as vidas
diferentes pesos, divergentes medidas
são chocados, paridos
seres vivos
desembocam no lodaçal
de nossas ações intempestivas
entre a admiração e o asco
qual é, afinal, a nossa espécie?

Guardo essa dúvida
da vida da ave
da vida do rato
latente ânsia devo aspirar
do roedor que estava a expirar
do sujo esgoto em que caminhava
da cova escura onde repousava.

Ambas as vidas
divergentes pesos, diferentes medidas
quero vivos, quero mortos
seres vivos
no limiar da remissão e condenação
qual é, afinal, a nossa espécie?
Ao fim o todo em nós perece
e tudo o que sobra, apodrece.



Qual é a nossa espécie?
Da ave em ária ressonância
do rato, a vil repugnância
do homem, a sábia ignorância
qual é, afinal, a nossa espécie?

Distintos que somos
iguais que somos
me desfaço da angústia
reprimos a dúvida
das vidas do rato e da ave
das vidas minha e sua.

Matheus Ariete é escritor e poeta. Publicou pela Ipezinho, um selo da Editora Ipê das Letras, o livro infantil "A Ostra e o Astro" (2024) e, pela Caravana Editorial, a coletânea de poemas "Ao fim, era só poesia mesmo..." (2025). Possui textos poéticos publicados pelas revistas literárias Inversos, Barbante, Alinhavos, LiteraLivre, Fluxos e Ecos da Palavra. Escreve regularmente em sua conta no Medium (<https://medium.com/@mthsariete>).

Fajrero ✨

Por Ivana Souza

Fajrero dia
Tradormis en mineraleco
Kaj en la paizaço silenta
De l' praula Tero malvualiĝis
En oro kaj arĝento, diamanto kaj
Turmalino. Estis grandvalora gemo
En la sceno de l' Universala Koncerto.

En vegetaĵeco moviĝis, kaj
En la Ario de l' Kreanto, plena
Da Sunradioj, figuriĝis tra la kampoj
De floroj de beleco rara. Lulita
De l' vento, odoris dolĉan parfumon,
Kaj, majesta, en la ĝardenoj
De l' Kreanto, dancis.

En la besto, la instinkto naskiĝis
Kiel dormanta inspiro.
En la ŝafo dolĉa, estis mildeco; en la besto, forto kaj ruzo. Loĝis en nestoj,
Kaj en la eleganteco de l' pavo, en la imponeco de l' aglo, en la beleco de
l'najtingalo,
flugis kaj dancis.

En la homo, la konscienco vekiĝis.
Konis la bonon kaj malbonon. Amis kaj
Sentis doloron. En ekstazo, kun mistera
Lumo en la okuloj, spegulo de l' animo,
Kontemplis, kun admiro la Stelojn, la
Sunon kaj Lunon, kiuj estas astroj en la
Opero de l' Kreanto.

En anĝelo nun estas Lumo.
Akiris diajn atributojn kaj loĝas
En la granda hejmo de l' senfino.
Estas brilega flamo, kiu ne estingiĝas.
Estas tiel, kiel noto de l' Partituro
De l' Ĉiela Sinfonio.

TRADUKIS
HENRIQUE MENDONÇA

Fagulha ✦

Por Ivana Souza

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

Fagulha Divina
Adormeceu no mineral.
E, na paisagem silenciosa
Da Terra ancestral, revelou-se
Em ouro e prata, diamante e
Turmalina. Foi pedra preciosa
No palco do Concerto Universal.

No vegetal, movimentou-se e, na
Ária da Criação, inundada pelo Sol,
Figurou-se em campos floridos de
Rara beleza. Embalada pelo
Vento, aspergiu doce perfume e,
Majestosa, nos jardins do
Criador, bailou.

No animal, o instinto aflorou
Como inspiração adormecida.
Na ovelha dócil, foi mansidão; na fera,
Força e astúcia. Fez morada em ninhos
E, na elegância de um pavão, na
Imponência de uma águia e na beleza
Do rouxinol, voou e cantou.

No hominal, a razão despertou.
Conheceu o Bem e o Mal. Amou e
Sentiu dor. Extasiada, com místico
Brilho no olhar, espelho da Alma,
Contemplou, com esplendor, as
Estrelas, o Sol e o Luar, que são os
Astros na ópera do Criador.

No angelical, hoje é Luz.
Conquistou atributos Divinos e
Habita na mansão do Infinito.
É chama flamejante que não se
Apaga. É como uma nota da
Partitura da Sinfonia Celestial.

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Atualmente reside em Joinville - SC. É esperantista. Escreve contos, microcontos, poemas, poesias e participa de concursos literários.
E- mail:
ivana.souzat@gmail.com
Instagram: ivana_souzat



LUSOFONIA EM SALA DE AULA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

POR PEDRO PANTHOCA DA SILVA

Procuro, por meio desse relato de experiência, compartilhar uma atividade feita com três turmas de Ensino Médio integrado a curso técnico no IFSULDEMINAS/Pouso Alegre a qual envolveu a lusofonia.

Assumi o cargo de professor EBT¹ visitante em pleno 3º trimestre escolar. Com os 1ºs anos, o conteúdo havia parado em “História da Língua Portuguesa”, o que achei, primeiramente, ser altamente teórico. Pensei na seguinte estruturação para as primeiras aulas com as turmas:

ETAPAS	TÓPICOS A SEREM ABORDADOS
Introdução e Conceitos	• O que é “História da Língua”; • Importância de estudar a história do português (identidade cultural, literatura, política, diversidade linguística); • Breve panorama das línguas românicas.
Origem do Português	• Do indo-europeu ao latim; • Diferença entre latim clássico e latim vulgar; • Expansão do latim com o Império Romano na Península Ibérica.
Período Medieval (Formação do galego-português/séculos IX–XIII)	• Contexto sociopolítico (Condado Portucalense, Reconquista, separação de Portugal e Galícia); • Primeiros textos escritos em galego-português (cantigas líricas e satíricas, documentos notariais).
Consolidação do Português (séculos XIV–XVI)	• Diferenciação entre galego e português; • Influência do árabe e de outras línguas na Idade Média; • Primeiros gramáticos e obras em português (Fernão de Oliveira, João de Barros); • O português como língua de expansão marítima e de colonização.
Português no Mundo	• A expansão para África, Ásia e América; • Contato com línguas indígenas, africanas e asiáticas; • Formação de crioulos de base portuguesa; • Diferenças entre português europeu e português brasileiro (mudanças fonéticas, sintáticas e lexicais).
Séculos XIX e XX	• Movimentos de padronização e normatização (dicionários, gramáticas, academias); • Reforma ortográfica; • Debate sobre norma culta, variação linguística e preconceito linguístico.
Século XXI	• Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa; • O português como língua global (mais de 260 milhões de falantes); • Desafios: diversidade, ensino como língua estrangeira, tecnologia e internet.

Mesmo escolhendo acontecimentos históricos mais relevantes e interessantes, senti certo cansaço da turma. Por conta disso, decidi fazer uma atividade prática entre as etapas 3 (Período Medieval) e 4 (Consolidação do Português): uma tradução do galego da introdução do *Libro de Merlin* (Mato, 1996, p. 35). Longe do galego-português, os alunos se animaram com o fato de o galego escrito do século XX ser tão parecido com o português.

A partir da etapa 4, poupamos tempo não adentrando tanto nos conteúdos históricos (que eles iriam conhecer nas aulas de História) para focar nas duas últimas etapas (Séculos XIX e XX, Século XXI). Assim seria possível explorar bem o que é lusofonia: “[...] um conceito que se refere a todos os países que têm a língua portuguesa como oficial” (Concato, 2023, p. 1). Nenhum havia ouvido falar de nenhuma sigla relacionada a essa comunidade, tais como PALOP ou CPLP.

Com isso, como atividade prática pensou-se em dividir a turma em oito grupos, cada um sendo responsável por um país da CPLP (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste). Cada grupo assistiria a um vídeo na língua do país escolhido para responder ao que se pedia:

- Houve algum vocabulário incomum encontrado? Qual?
- Numa escala de 0 a 10, onde 0 é “impossível” e 10 é “totalmente compreensível, qual a dificuldade de se entender a fala/pronúncia?
- Quais costumes, valores ou tradições aparecem (festas, músicas, danças ou culinária típica mostrada)?
- Qual a importância de conhecer outras línguas portuguesas?

Esse pequeno questionário serviria como roteiro da 3ª e última parte do tema: a apresentação de um miniseminário para o restante da turma. O item “a” variou de grupo para grupo, pois havia vídeos em que os vocábulos do português local não eram incompreensíveis aos falantes brasileiros, e sim apenas estranhos, como por exemplo usar a palavra “pompa” ao invés de “luxo”. Nenhuma avaliação do item “b” ficou abaixo de 8,0, e as justificativas eram quase sempre as mesmas: certa dificuldade na 1ª vez em que se assistia ao vídeo e maior familiaridade após o 2º ou 3º contato. As pesquisas complementares foram incentivadas, principalmente para suprir o item “c”. Isso porque optou-se por distribuir vídeos de notícias jornalísticas visando escutar de forma mais clara e formal o português do país escolhido. Logo, nem sempre apareceriam traços da cultura local em notícias corriqueiras como protestos políticos ou entrevistas a celebridades. Por fim, o item “d” foi o que proporcionou as respostas e justificativas mais variadas e interessantes: “aumento de repertório cultural”, “abandono da hegemonia linguística”, “respeito e conhecimento dos irmãos lusófonos”, “(re)pensar sobre a própria cultura”, entre tantas outras.

Normalmente compostos por quatro integrantes, os grupos tiveram alguns dias para se preparar para a apresentação. As apresentações eram precedidas pelos vídeos sorteados a fim de contextualizar o público telespectador, cabendo num segundo momento cada aluno responder e complementar um dos itens do roteiro, o que foi feito com maestria.

Essa atividade não serviu apenas para aumentar o repertório cultural dos alunos sobre nossos irmãos lusófonos. Pensou-se, também, em utilizar essa atividade como um diagnóstico para conhecer as apresentações orais da turma para, num segundo momento, prepará-los para a oratória, “[...] habilidade fundamental em qualquer área profissional

para quem deseja se destacar e conquistar novas oportunidades. A capacidade de se expressar de forma clara e persuasiva pode ser o diferencial que você precisa para sua carreira” (Benefícios, 2025, n.p.).

Pensa-se em, posteriormente, complementar essa atividade com o livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (2007), de Marcos Bagno, aulas seguidas de miniseminários que funcionaram bem em todas as turmas universitárias da FATEC que apliquei. Devidamente preparados na história da língua portuguesa, após as apresentações, finalmente adentramos na historiografia literária. Mas isso é um outro relato...

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BENEFÍCIOS de ter uma boa oratória. *Blog Oficial do Senac Santa Catarina*. Disponível em: <<https://blog.sc.senac.br/beneficios-oratoria/#:~:text=Uma%20boa%20orat%C3%B3ria%20permite%20que,trabalho%20mais%20saud%C3%A1vel%20e%20produtivo>>. Acesso em: 03 nov. 2025.

CONCATO, C. Língua portuguesa: rizoma de luso-poli-fonia. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, v. 25, n. 2, p. 1-9, maio/ago. 2023. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD016192.

MATO, Xosé R. Freixeiro. Libro de Merlín. In: MATO, Xosé R. Freixeiro. *Antoloxía da prosa literaria medieval*. Vigo: A Nosa Terra, 1996. p. 35-39.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração às turmas TIQUI1, TIEDF1 e TIINF1 do IFSULDEMINAS/Pouso Alegre pelo caloroso acolhimento, inclusão rapidamente bem-feita pelo uso do “microfone de surdo” (obrigado Oticon por ter desenvolvido o EduMic) e aceitação em participar, logo de início, dessa atividade desafiadora que envolveu culturas muitas vezes nada familiares com a realidade de vocês. Os irmãos lusófonos estarão orgulhosos de nós.

SOBRE O AUTOR

Pedro Panhoca da Silva é doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Era professor EBT'T visitante do IFSULDEMINAS/Pouso Alegre e atualmente atua na FATEC/Jacaré.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

RESENHA

O AUTO DA COMPADECIDA

POR MAX MOREIRA

ARIANO SUASSUNA BASEIA-SE EM ROMANCES E HISTÓRIAS POPULARES DO NORDESTE NO QUAL A ESPERTEZA E A ESPERANÇA NA AJUDA DIVINA É A ÚNICA FORMA DE LUTA CONTRA AS ADVERSIDADES!

O AUTO DA COMPADECIDA DENUNCIA AS DESIGUALDADES SOCIAIS, A EXPLORAÇÃO E A AMBIÇÃO DESMEDIDA!

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**: 34 ed. / 4ª imp. – Rio de Janeiro: Agir, 1999, 203 p.; 19cm (teatro moderno).

A obra “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna, escrita em 1955 e encenada pela primeira vez em 11 de setembro de 1956, mesmo ano de sua publicação pela editora Agir, possui 203 páginas e tem 16 personagens que são: palhaço, João Grilo, Chicó, Padre João, Major Antonio Moraes, sacristão, Padeiro, Mulher do Padeiro, Bispo, Frade, Severino de Aracaju, Cangaceiro, demônio, o Encourado (o Diabo), Manuel (Nosso Senhor Jesus Cristo) e a Compadecida (Nossa Senhora).

O Auto da Compadecida possui uma linguagem leve, comum, humorista, que transmite simplicidade de diálogos e a estrutura de uma peça teatral, com estilo espontâneo e popular, propício dos personagens do ambiente retratado, aproximando-a dos Autos de Gil Vicente.

Em seu livro, Ariano Suassuna baseia-se em romances e histórias populares do nordeste no qual a esperteza e a esperança na ajuda divina é a única forma de luta contra as adversidades e agruras de uma terra seca e sofrida. Quantas pessoas como João Grilo (amarelo, pobre, magrelo) com grande força, astúcia e esperteza não vemos e presenciamos em histórias de jornais, revistas, etc. São situações como essas que muitos são levados a se tornarem delinquentes sem sentimentos, assaltantes, tudo por medo da fome, do sofrimento, da morte e da solidão, tentando dessa forma acertar e acabam errando cada vez mais, como vemos no livro representado pela figura de Severino e seus cangaceiros.

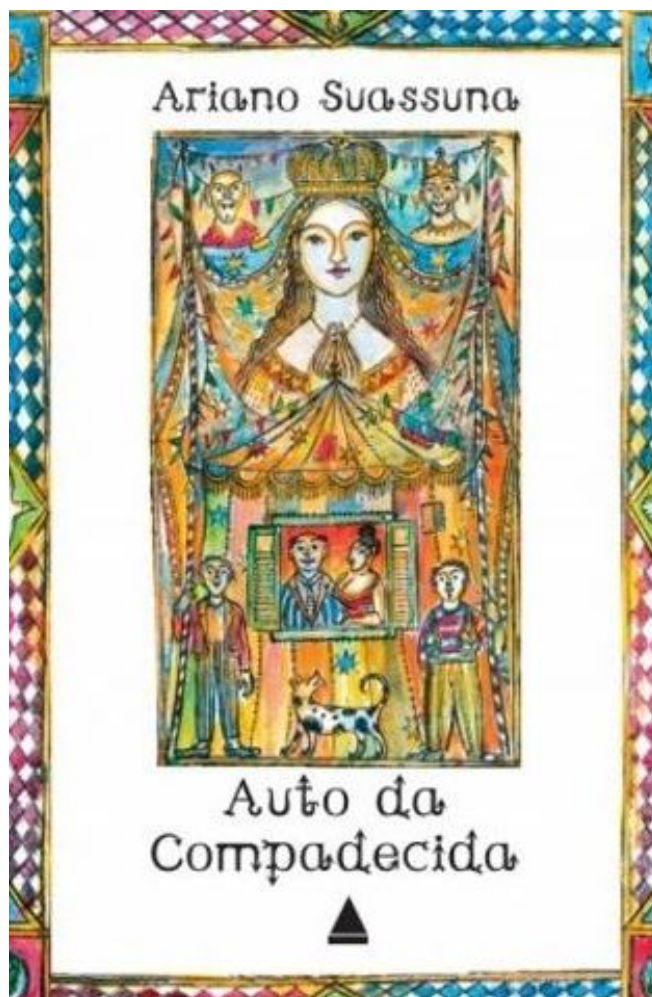
O auto da Compadecida denuncia as desigualdades sociais, a exploração e a ambição desmedida, onde o que prevalece é o materialismo, representado pelo Padeiro e sua esposa. Numa terra onde quem vale é quem tem poder, e até as autoridades religiosas são instrumentos da política, mostrando o apego ao mundanismo e materialismo presente em todas as classes sociais, principalmente nas instituições religiosas, capazes de tal ação, apesar de pregar o contrário e a relação das pessoas com essas diversas situações.

Além disso, vale ressaltar a triste condição da mulher vítima do machismo e preconceito, escravizada por seu marido sem grande possibilidade de se libertar, muitas das vezes utilizando o adultério como forma de vingança, a visão de que mulher em tudo se mete, vem representar essa ideia, a princípio, representada pela mulher do Padeiro e, em seguida, por Nossa Senhora.

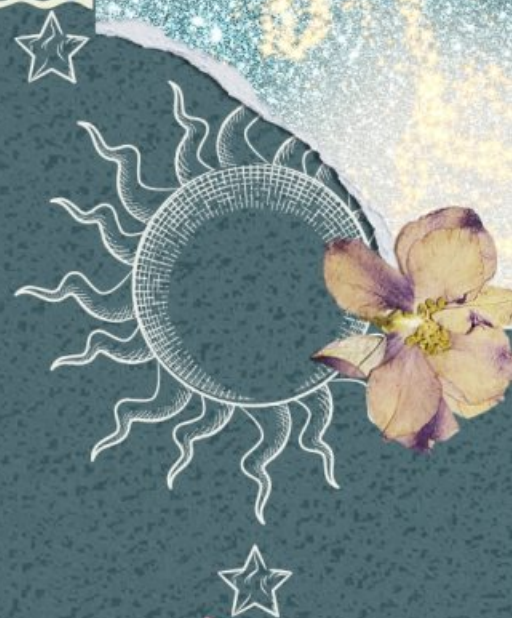
A relação do personagem João Grilo com seu amigo Chicó e a cumplicidade entre ambos, acontecida da mesma forma que aprecia os problemas da fome, eram cúmplices na esperteza e na astúcia. Aqui não há a imagem de ambos cansados e desanimados, embora estivessem sempre lamentando, mas um sempre estimulando e encorajando o outro, até mesmo na morte, esta situação permanecia.

Dessa forma, a obra traz um programa de humanidade com, suas misérias, fraquezas, como também suas razões de consolo e esperança. O mais importante está na conciliação feita pelo autor que, a partir das situações regionais locais, é de tornar significativamente universal, temas como esses, que mesmo após algum tempo de sua publicação ainda são e sempre serão atuais, uma vez que discute sobre assuntos da

realidade cotidiana e os dilemas da humanidade, além da inconstância diante de seu destino após a morte e o julgamento divino.



Max Moreira, 42 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. O livro **Conexões que Transformam: Lições de Empreendedorismo, Marketing e Comunicação**, de Antonio Filho Oliveira de Andrade, é a dica de leitura recomendada pelo autor. Nas horas vagas, gosta de ler contos e adaptações literárias em quadrinhos.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

RESENHA

Pesquisa na Escola: o que é, como se faz

Por Max Moreira



BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. Edições Loyola. São Paulo, 7ª edição: agosto de 2001.

O livro “Pesquisa na Escola: o que é, como se faz”, de Marcos Bagno, publicado pela “Edições Loyola”, publicado pela primeira vez em 1998, expõe idéias bastante diferentes do que tradicionalmente se lê e se ouve a respeito das questões gramaticais.

A grande maioria dos professores, enquanto “orientadores”, não conseguem desempenhar esse papel de forma adequada. Tais professores deveriam “ensinar a aprender”, no entanto, não atendem as necessidades dos alunos durante a aprendizagem. Esse é o tema principal abordado neste livro, que apresenta uma linguagem extremamente simples e fácil de entender.

O livro está dividido em duas partes, assim designado: (1) O Fio de Ariadne; (2) O Fantasma de Procusto. Ambos apresentam os principais desafios enfrentados pelos alunos, devido aos métodos usados de forma irresponsável por alguns professores, no que diz respeito à aprendizagem, além de proporcionar uma discussão a respeito da importância da pesquisa na escola em geral.

A Primeira Parte – “O Fio de Ariadne” – mostra como é fácil um aluno se “perder” diante de uma aprendizagem mal-orientada. Este é um dilema antigo ainda enfrentado pela maioria dos alunos. Bagno menciona a necessidade de se fazer uma “pesquisa científica”, afim de “guiar” o aluno pelo caminho certo. “Ensinar a pesquisar” é o principal objetivo desta primeira parte do livro, além de instruir o aluno a fazer um “projeto” passo a passo, com o intuito de tornar os aprendizados mais práticos, organizados e atualizados. O projeto é, pois, necessário para tornar o ensino mais atraente.

A Segunda Parte – “O Fantasma de Procusto” – mostra o dogmatismo que reina no ensino da língua portuguesa, e, conseqüentemente, a instalação de um “preconceito lingüístico” na maneira de ensinar português. O ensino da gramática tornou-se assustador, pois não atende a realidade dos alunos. Bagno fala que a gramática ignora qualquer possibilidade de mudança no ensino da língua, e propõe algumas idéias para tentar tornar o ensino de português mais conveniente. Basicamente, o ensino de português, em vez de se preocupar com regras, deveria se preocupar com as potencialidades da língua, o que resultaria no crescimento da linguagem.

Bagno também faz inúmeras críticas ao método de ensino utilizado pela maioria dos professores, mas apesar de existir esses problemas envolvendo a aprendizagem, ele mostra que é possível mudar a “maneira de ensinar” desses professores, a fim de tornar a Língua Portuguesa uma disciplina prazerosa e objeto de pesquisa na escola de uma forma nunca vista antes.

Max Moreira, 42 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. O livro **Conexões que Transformam: Lições de Empreendedorismo, Marketing e Comunicação**, de Antonio Filho Oliveira de Andrade, é a dica de leitura recomendada pelo autor. Nas horas vagas, gosta de ler contos e adaptações literárias em quadrinhos.

Café da Manhã

POR FÁTIMA CORDEIRO



Ela sentia-se solitária. Marido, filhos, netos. Todos, matinalmente, saíam para trabalhar. O silêncio imperava na casa. Não praticava esportes. Não fazia caminhadas.

Não conhecia os vizinhos que chegavam. Nem os que iam embora. Não recebia visitas. Certa vez, acordou decidida! Passaria a vender café da manhã na calçada de casa!

Queria companhia para tomar café.

— Querida, você não precisa trabalhar desse jeito! Contudo, ela estava decidida.

— Estais louca, vovó? Vão dizer que estamos passando fome! E, para qualquer ideia contrária, havia preparado uma resposta à altura.

Pesquisou muito sobre os quitutes preferidos. Também queimou muitos bolos até aprender. De início, fez logo amizade com o” seu Manoel”, o padeiro, que chegava sempre às 4 h da manhã para entregar os pães encomendados. Ela que sempre acordava depois das dez horas da manhã.

Ficou encantada com a disposição dele em lhe ensinar como fazer uma boa tapioca. Pois, era o que ele fazia antes de ser padeiro. A primeira recomendação foi que ela comprasse uma boa caçarola de alumínio batido.

Ela, que nunca teve interesse pelo assunto e nem sabia cozinhar. Todavia, aprendeu rapidamente. Às vezes, sentia-se ridícula, fazendo aqueles experimentos da gastronomia. Entretanto, fazia tudo com dedicação e muito cuidado. Afinal, leu da importância de saber cativar os clientes. Decorava o espaço da mesa com bules, canecas e flores.

A vizinhança parecia adivinhar o seu pânico no primeiro dia. Falava que a palavra chave para todo começo é a paciência. Aos poucos, foi conhecendo a vida dos vizinhos e de quem chegava para saborear um bolo, um sanduíche natural ou a conhecida baixaria, prato típico de sua região com ovo, carne-moída, cheiro-verde, cuscuz e tomates. Ficou feliz quando descobriu que os clientes voltavam, quer seja para comer ou conversar. Para os mais exigentes, sempre tinha um achocolatado e chá de capim-santo.

O Srº Paulo era o cliente de todas as manhãs. Gostava de conversar e falar de sua solidão, do filho que foi fazer tratamento em Recife e, nunca mais voltou... Não se alimentava adequadamente, portanto, ali na barraquinha de café era bom para ele. Chegava cedo, tomava café e ia trabalhar. Era bom ouvir um sotaque diferente. Ela nem sabia que tinha um vizinho peruano.

Havia uma senhora, Dona Vera, que sempre passava para levar uma tortinha de frango. Comentava que não tinha visto algo tão gostoso feito com pão dormido, frango e milho. Ela fazia caminhadas rotineiras e comentava que eram recomendações médicas. Era bem divertida!

Um rapazinho, seu vizinho, que ela só o viu quando criança! Puxa, como cresceu, dizia. Ele era cliente dos bolos. Levava todos os que sobravam. Dizia acordar tarde e gostava de bolos para iniciar o dia.

A Dona Margarida, uma professora aposentada, gostava de tomar leite puro. Sempre reclamava do destrato dos filhos e da falta de respeito. Dizia que já foi muito ágil e cuidava de todos. Agora, tudo era diferente! Os mais novos não têm tempo e nem interesse com os assuntos da velhice. Os tempos são outros!

Outro vizinho estava noivo e, sempre pedia um pão com bastante manteiga, para a noiva da qual gostava muito.

Trabalhou assim por alguns meses, até que veio um momento muito perigoso. A pandemia assolou a vida de todos. Muitos se foram.

Não houve despedidas. Ela se foi também.



Fátima Cordeiro é natural de Rio Branco-Ac. Pedagoga, psicanalista e arte-educadora. Possui quatro livros publicados: Sementes de Mostarda, A Menina Fez Carinho na Lua, A Louca do Orfanato e Romance Orgânico.

Procuro uma crônica que me aperta o peito

Por Fátima Cordeiro

Procuro uma crônica que me aperta o peito.

Aquela crônica que tenta respirar com palavras o que já não consigo enxergar com a vida. Sabe aqueles dias que todas as palavras teimam ressuscitar-me em frente ao espelho do infinito? Tenho medo deste espelho que vive escondido sob um tecido fino de seda.

Ventanias intensas me assustam sempre. Hoje, o tecido desce devagarinho, devagarinho descendo, ficando à mostra alguns trincados.

Creio no medo assombroso que me invade repentinamente. Fica uma confusão se, de fato, é real. Se os fatos revelam a verdade do que se aparenta.

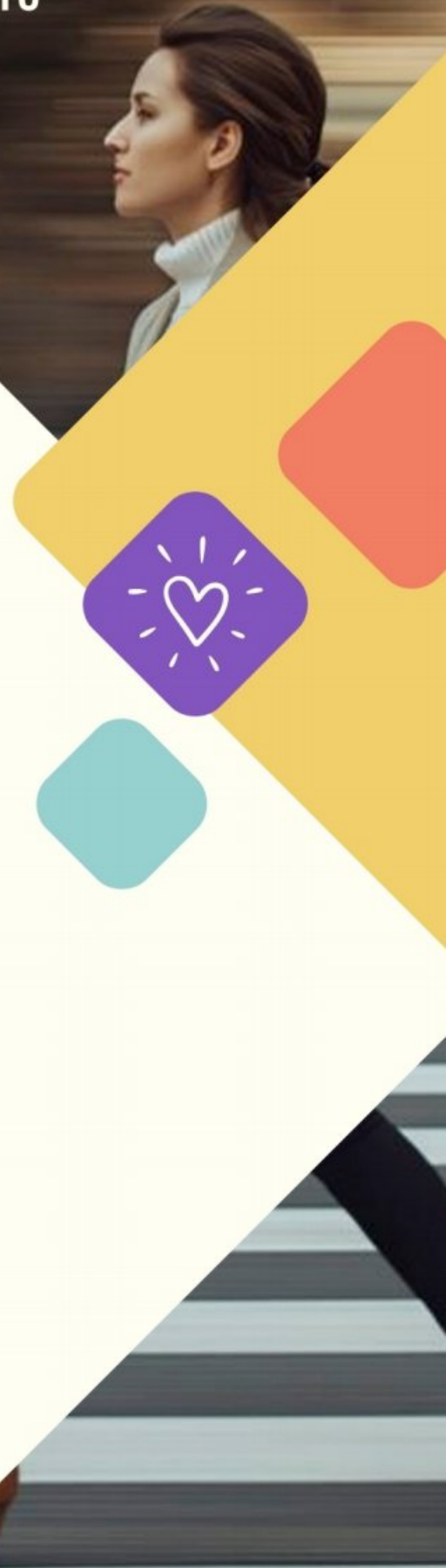
As razões misturam-se numa espécie de encantamento mágico entoando uma canção ora triste ora confusa. Lágrimas vermelhas escorrem por entre minhas mãos. Procuro uma crônica que me aperta o peito.

Que penetra nos meus atordoados sentimentos que já não existem mais. Fico a vagar no leito silencioso deste rio.

Indo em busca das correntezas de ilusões.



Fátima Cordeiro é natural de Rio Branco-Ac. Pedagoga, psicanalista e arte-educadora. Possui quatro livros publicados: Sementes de Mostarda, A Menina Fez Carinho na Lua, A Louca do Orfanato e Romance Orgânico.





O ENCONTRO

(CONTÉM ALTAS DOSES DE ROTINA)

POR MARCOS CARNEIRO



Voltei pra visitar minha família. Já morava em outra cidade há algum tempo, mas ia pelo menos três vezes ao ano até Palmas, aquela terra quente, construída numa planície cercada de um lado pela Serra da Cangalha e do outro por um lago com status de mar.

Ao chegar em casa, lá estavam minha mãe e minha sobrinha de uns 3 anos. Naquela época, minha mãe ainda tinha as lembranças frescas e a personalidade docemente pragmática de sempre.

Era uma daquelas tardes de outubro, em que o calor e a secura do cerrado desafiavam nosso corpo e a paciência. Cheguei, deixei minhas coisas no quarto e fui pra varanda de casa que dava para um jardim milimetricamente cuidado e podado por Dona Francisca. Nos sentamos em cadeiras, sob o olhar atento e o silêncio de Maria, a sobrinha, arisca à minha presença, mas curiosa ao ponto de não nos deixar.

Um adendo importante. Era 2019, e todos nós não imaginávamos que meses depois uma pandemia abriria um hiato de anos em nossos encontros, contato, abraços.

De cara, minha mãe me perguntou que livro eu tinha lido e trazido pra ela, no caso, para o crivo dela. Como professora de literatura aposentada, ela só havia deixado a sala de aula, mas não a curiosidade por narrativas, em especial as que eu escolhia pra mim. E se ela já não era mais professora da porta de casa pra rua, pra mim, ela continuava a ser a exigente amante de Nelson Rodrigues e Eça de Queiroz e me cobrava a mesma disciplina de quando eu tinha 11 anos e fazia resenhas dos românticos, parnasianos, barrocos, modernistas. Tudo pra conseguir sua aprovação. O que antes era obrigação escolar virou desafio familiar. "Eu vou agradar essa mulher".

Quanto mais ela me cobrava, mais eu queria mostrar ou provar. Não sei qual complexo Freud classificaria essa relação que ultrapassava a convencional mãe e filho, e se estabeleceu como mestre e pupilo. A obsessão por agradar intelectualmente minha mãe era tamanha que eu conseguia decifrar até o movimento do seu olhar julgador para o bem e para o mal, que podia me jogar nas nuvens com a mesma intensidade que me quebrava ao menor sinal de decepção.

Se os meninos queriam ser fortes e viris como os pais, eu queria ser inteligente e sagaz como a minha mãe. Ela lia tudo. De uma revista Claudia a uma edição de Erasmo de Roterdã. E esse hábito de trazer minhas últimas leituras pra ela, era como um elo com aquele passado de, eu acho, avaliação do filho no qual ela investiu seu tempo e seu conhecimento, porque amor e carinho, isso ela não precisava se esforçar ou planejar.

Levei um livro do Zeca Baleiro (não vou lembrar o nome agora). Entre conversas de como estava a vida, reclamações sobre as noras, histórias da neta, ela começou a ler o livro em voz alta. Ela lia cada página, interpretando personagens e dando veracidade na voz, como que me fazendo enxergar uma história por um outro viés. Sua leitura era hipnotizante. Nada didática, muito intimidadora. Aquela mãe só eu conhecia. Não era a

figura de comercial de margarina que ela representava para os meus irmãos. Mas também não era um arquétipo narcisista pra mim. Muito pelo contrário.

A maternidade pode ser entendida por vários vieses. Pode ser cuidado, mimo, formação, obrigação. Não vou saber aqui explicar a minha, mas me desafiava. E é Incrível como, mesmo aos quase 40 anos, eu ainda ficava ansioso na iminência de um debate literário com minha mãe. Era o espelho mais difícil de encarar.

De repente, ela fecha o livro do Zeca, e me traz de volta dessa funfic lacaniana, e me solta:

— Você ainda lê Jane Austen?

Me peguei em mil teorias de charadas que aquela pergunta continha. Afinal, o que a autora que a minha mãe mais me censurava tinha a ver com o Zeca, com a neta, com Palmas?

Minha mãe tinha uma cisma com a pobre da Jane Austen porque achava que seus livros eram água com açúcar demais e as heroínas de suas histórias, donzelas à espera ou em disputa por algum nobre inglês. Para um menino gay, no interior do Maranhão, imaginar um Mr. Darcy, tal qual em Orgulho e Preconceito era um tesão literário para além da compreensão dela.

Eu respondi que não lia há muitos anos, mas que continuava defensor da inglesa Jane e suas heroínas pré-vitorianas.

Imaginando que ali começaria um armagedon literário bem aos tempos da minha adolescência, quando o embate era a relevância entre a Engraçadinha, do Nelson, e a Elizabeth Benet, da Jane, minha mãe se levantou, se demorou um pouco dentro de casa, seguida pela neta, e voltou com uma edição, já gasta, de Mrs Dalloway, de Virginia Woolf, e em inglês, porque é claro que ela iria dificultar, até no presente.

Era uma aquisição que ela tinha feito num sebo na última viagem fez, e guardou até que eu a encontrasse pessoalmente. Na dedicatória: "Nem Jane, nem Nelson. Apenas Virginia".

Foi o último livro que ganhei da minha mãe.

Foi a primeira vez que eu senti o desejo de ser o autor das histórias que, hoje, eu leio pra ela.

Veio a pandemia, o Alzheimer e as minhas (nossas) memórias.

Ah, e a minha sobrinha, hoje, fala... e muito.

Marcos Carneiro tem 44 anos, natural do Maranhão, é jornalista e escreve contos e crônicas desde os 12 anos. Todo resto é mentira ou fofoca.

Entrevista exclusiva com Ademilde Felix

POR ADEMIR PASCALE



Ademilde Felix - Foto Divulgação

Ademilde Felix nasceu em Campinas, SP e mora atualmente em Paulínia. É formada em Letras pela PUC Campinas, tem mestrado e doutorado em Linguística Aplicada pela Unicamp. Foi professora no curso de Letras na PUC; na Unicamp atuou como vice-diretora do RH Central, assessora do diretor da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação e responsável pelo Laboratório de Acessibilidade. É autora dos livros *Só podia ser o Christiano* e *outras histórias do dia a dia da FEEC* (autopublicação), *A anjinha que escondia as asas* (Lura editorial) e *Por que os pavões gritam* (editora Urutau). Seus textos apresentam temáticas como inclusão, etarismos e empoderamento feminino.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ademilde Felix: Quando adolescente, eu tinha um caderno onde copiava poesias, principalmente as de Cecília Meireles. Também redigia meus próprios pensamentos e pequenos poemas. Fui uma menina sonhadora.

Como gostava de escrever, me inscrevi no curso de Letras. Fiz o vestibular e passei. Só que esse curso não formava para a escrita literária. Aliás, naquela época não havia essa quantidade de cursos para formação de escritores. A escolha ocorria entre magistério, secretariado bilíngue ou tradução. Me formei em magistério para a língua

inglesa. No mestrado parti para a área de formação de professores e no doutorado fiz pesquisa sobre inclusão de alunos surdos em aulas de português e inglês nas escolas públicas.

Durante o dia trabalhava na área administrativa da Unicamp e à noite ministrava aulas na PUC. Ou seja, ao ingressar na vida profissional, abandonei a escrita.

Somente em 2015, já com a carreira consolidada, publiquei meu primeiro livro. Na época eu era assessora do diretor na Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da Unicamp. Os professores e funcionários gostavam de conversar comigo e contar fatos e eu me encantava com os relatos. Quando abriu um edital para selecionar livros para publicação, percebi que tinha a oportunidade de voltar a praticar a escrita dessas histórias. Submeti o manuscrito e o livro foi aprovado. Contei com colegas da universidade para a elaboração da publicação – uma jornalista da assessoria de imprensa fez a revisão, um técnico da área de marketing fez a diagramação, o pessoal da biblioteca me auxiliou com a ficha catalográfica e ISBN. O lançamento foi um sucesso – participaram o reitor, os pró-reitores, professores e funcionários.

Só que fui promovida para um cargo na Reitoria e a escrita foi deixada de lado novamente.

Durante a pandemia, presa em casa como todo mundo, conheci os cursos de escrita literária e retomei a escrita de



textos – contos, infantis, autoficção.

Em 2025, dez anos depois do meu primeiro livro, voltei a publicar um infantil e um de contos.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Por que os pavões gritam”, poderia comentar?

Ademilde Felix: Eu já tinha alguns contos redigidos, resultantes dos trabalhos desenvolvidos nos cursos e oficinas dos quais participei. Decidi organizá-los em um livro e submetê-los para apreciação em uma sessão de pitch para uma editora. O retorno que tive é que seria interessante se houvesse algum tipo de ligação entre eles. Foi aí que decidi

colocar um casal de pavões passeando pelos contos.

Embora as histórias acompanhem a trajetória do casal, elas são independentes, ou seja, podem ser lidas separadamente.

E qual é a organização dessa coletânea? Um pavão é forçado a abandonar a mata onde vivia e parte em busca de um novo território. Uma pavoia o acompanha nesta jornada e o casal chega em um bairro novo, despertando sentimentos diversos nos moradores, que podem ser de fascinação diante da cauda colorida e exuberante ou de irritação e desprezo pelos gritos agudos a qualquer horário do dia ou da noite.

Os pavões passam pelas vidas dos habitantes e os dramas dos protagonistas vão se revelando – da vendedora negra que trabalha em uma loja de grife, da única mulher que estuda em um curso puramente masculino, da professora idosa que se percebe invisível nos ambientes que frequenta. Disputas de classe, raça e gênero ganham forma nas narrativas breves que exploram sentimentos que tentamos reprimir, mas permanecem à espreita, prontos para emergir. Gestos, olhares e silêncios são pistas do que os personagens pensam de fato sobre aquele que é “diferente” ou que julgam como inferior. As situações são apresentadas de modo a deixar o leitor se questionando o que realmente está acontecendo naquele contexto ou qual o verdadeiro caráter

dos protagonistas, que podem ser oprimidos pelas situações vivenciadas. Ou os opressores. Ou ambos.

Os contos são independentes, mas têm como fio condutor, além dos pavões, os embates silenciosos e ferozes que revelam preconceitos cotidianos – de gênero, raça, idade e outros. Me pergunto se, de algum modo, também nos enxergamos nesses confrontos. Até que ponto esses sentimentos estão ocultos dentro de nós?

Os temas abordados nas narrativas fazem/fizeram parte do meu universo pessoal e profissional. Quando fui diretora adjunta do RH central na universidade, tive que arbitrar situações de machismo e misoginia. Durante a fase em que fui responsável pelo órgão que auxiliava alunos e professores com deficiência, presenciei as lutas travadas pela inclusão e permanência desse público na instituição. Como mulher negra vivenciei situações de discriminação racial. Por ter pais idosos, observo e sofro com eles as dificuldades para aceitar as limitações impostas pelo avanço da idade. Os conflitos que presencio, vivencio e ouço cobram para que eu os apresente para o mundo em forma de escrita.

Além disso, moro em um lugar onde há pavões. Houve uma época em que contávamos com mais de 15 caminhando livremente, voando nos telhados e pousando nos fios de

energia. Lindos? Sim! Mas eles despertam paixão em algumas pessoas e ódio em outras. A cauda em forma de leque é bela, mas os gritos são agudos e ocorrem a qualquer momento do dia. Ou da noite.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ademilde Felix: As inspirações para minha escrita vêm das coisas que observo, ouço e vivencio no dia a dia. Quase todas as histórias se baseiam em eventos que realmente ocorreram. E elas ficam martelando na minha cabeça, me pedindo para ser escritas. Enquanto não as coloco no papel, não me dão sossego.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Ademilde Felix: “[Ana] começou a levantar a mão lentamente para sinalizar sua intenção. Com espanto, sentiu uma mão pousando sobre a dela, forçando-a com uma afabilidade incisiva para baixo, até que voltasse à mesa. Era a mão de Wilson, discreta o suficiente para que o professor não se atentasse para o gesto. E um sussurro:

– Acho melhor você não fazer pergunta agora. Pode deixar que te explico mais tarde como as coisas funcionam.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ademilde Felix:

Por enquanto o livro pode ser adquirido somente pelo site da editora Urutau: @editoraurutau

Para me conhecer um pouco mais, basta me seguir no Instagram: @escritosdaade

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Ademilde Felix: Para mim tudo é muito complexo. A pesquisa Retratos da Leitura 2024 nos mostra que 53% dos brasileiros não leram nem parte de um livro. Por outro lado, as redes sociais estão repletas de influenciadores dando dicas de livros e recebem centenas de curtidas. Li uma reportagem que mostra eventos literários lotados. Questiono o que as pessoas estão fazendo com os livros comprados nas bienais e feiras de livros.

Vale ressaltar que milhares de novos títulos são lançados no Brasil. O mercado editorial brasileiro é muito ativo. Ou seja, temos eventos para estimular a leitura, há novos livros, há pessoas falando sobre livros, nos shopping centers há quiosques que vendem livros de todos os segmentos

a R\$ 10,00. O que mais pode ser feito para estimular as pessoas a lerem? Sei que é preciso incentivo da escola e em casa. Os pais? Entendo o dia a dia corrido. Mas se os pais não leem, então temos um problema. A escola? Talvez seja preciso entender o que a molecada goste de ler.

O primeiro livro que li foi A ilha perdida de Maria José Dupré. Ninguém precisou me incentivar. Depois passei para a fase de Júlia e Sabrina. Algum tempo depois descobri o Círculo do livro. Recebíamos uma revista em casa e tínhamos que escolher os livros que queríamos adquirir. Foi uma festa – li Agatha Christie, Colleen McCullough, Jorge Amado, Harold Robbins, Sidney Sheldon. Hoje em dia continuo com o hábito de ler todos os dias – livros brasileiros contemporâneos e de vários continentes: asiáticos, africanos, europeus, latinos. E não é uma quantidade grande de páginas. Mas é todos os dias.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ademilde Felix: Sim, iniciei a escrita de um livro infantojuvenil que aborda questões de meio-ambiente e tenho em fase avançada uma autoficção que mostra a trajetória de 3 gerações de uma família de negros no interior do estado de São Paulo.

Perguntas rápidas:

Um livro: O ninho, de Bethânia Pires

Amaro

Um ator ou atriz: Viola Davis

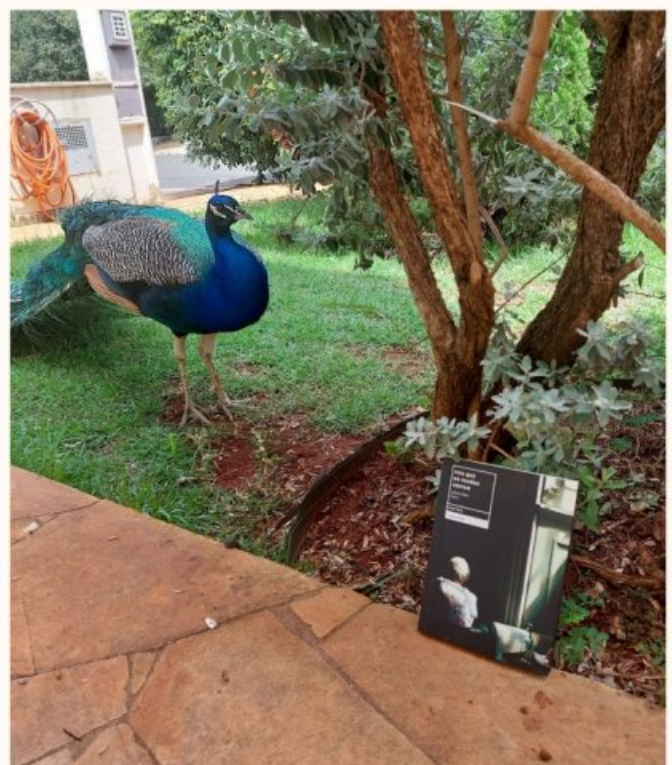
Um filme: Interestelar

Um hobby: atividade física. Fico na academia de 2^a. a sábado, das 8h00 às 11h

Um dia especial: O dia do lançamento de Por que os pavões gritam

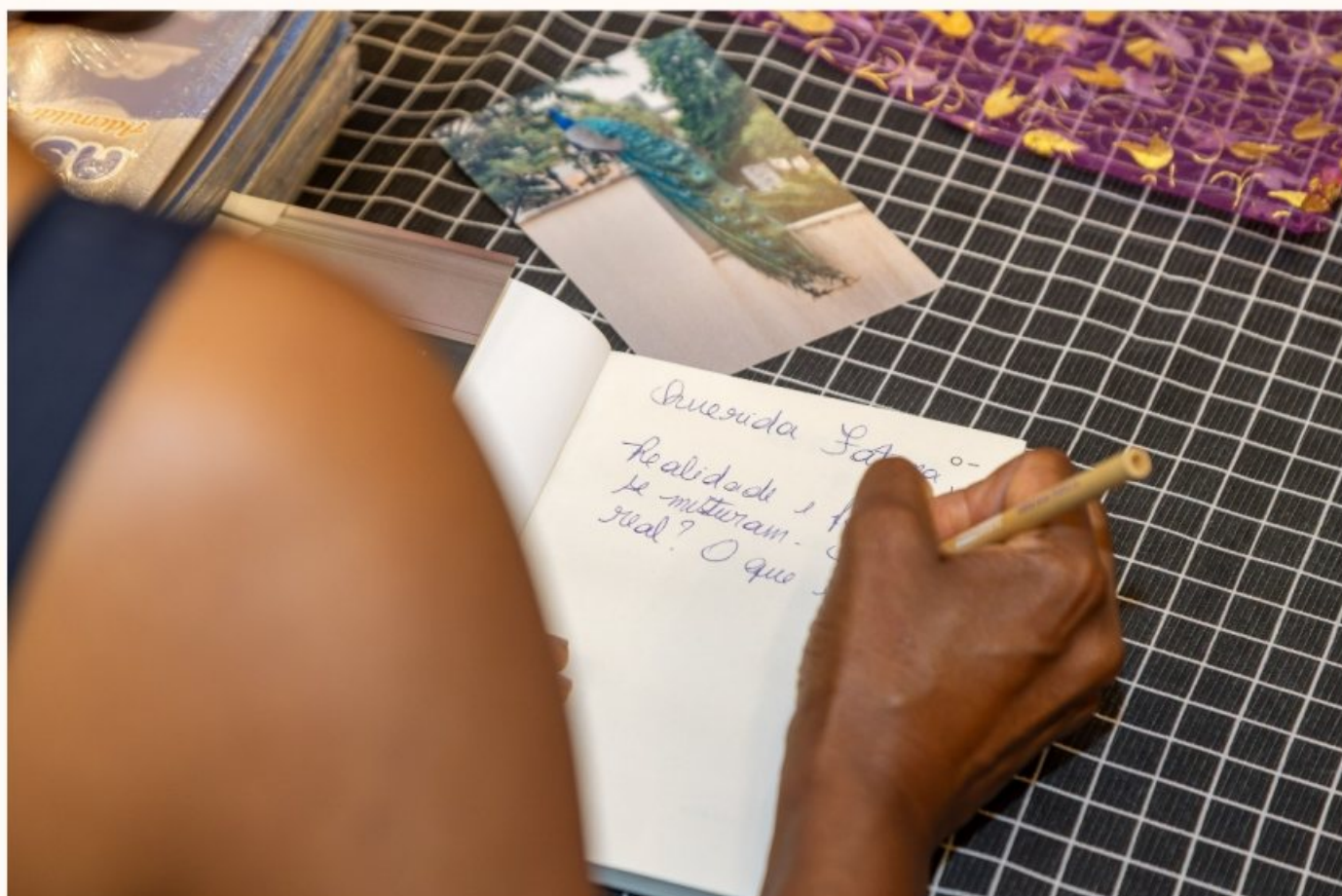
Conexão Literatura: E sobre os pavões?

Ademilde Felix: Uma curiosidade sobre os pavões é que eles são territorialistas. Se joga sementes para uma fêmea, ela expulsa todos os demais a poder de bicadas enquanto houver comida. É engraçado vê-la correndo atrás dos outros. O macho abre as asas e dá passos em direção ao oponente para afastá-lo do espaço que definiu como dele. Algumas coisas se repetem em todas as espécies.



Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ademilde Felix: Meu sonho é que o Brasil se torne um país de leitores. Temos excelentes livros que merecem ser lidos. No metrô de São Paulo vemos pessoas concentradas na leitura durante o trajeto, mas poderíamos ter também nos cafés, nos bancos dos shoppings e praças, nas academias enquanto caminhamos na esteira ou pedalamos na bicicleta. E precisamos descobrir como incentivar as crianças e jovens a se tornarem ávidos pelos livros.



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

Entrevista exclusiva com Andréa Rukop Marques

POR ADEMIR PASCALE



Andréa Rukop Marques - Foto Divulgação

Andrea Rukop Marques
É professora de História da rede estadual do Rio de Janeiro, professora de Geografia do município do Rio de Janeiro e especialista em MBAs em História da América. Cinéfila e leitora de gibis (Capitão Mistério, da Editora Abril).

Conexão Literatura:
Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Andréa Rukop Marques: Na infância lia muito e na adolescência comecei a escrever poemas e contos. Aos 15 anos lia Augusto dos Anjos (Eu e outras poesias). Ganhei do meu pai um exemplar da época que guardo até hoje com muito

orgulho.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Noites de Estação”, poderia comentar?

Andréa Rukop Marques: Sim! Comecei a escrever o livro Noites de Estação exatamente no dia 02 de dezembro de 2008. Ao começar a escrever o livro, sabia que teria algo de mistério e sobrenatural, mas não havia decidido exatamente o que iria abordar. O livro foi “ ganhando vida própria”.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

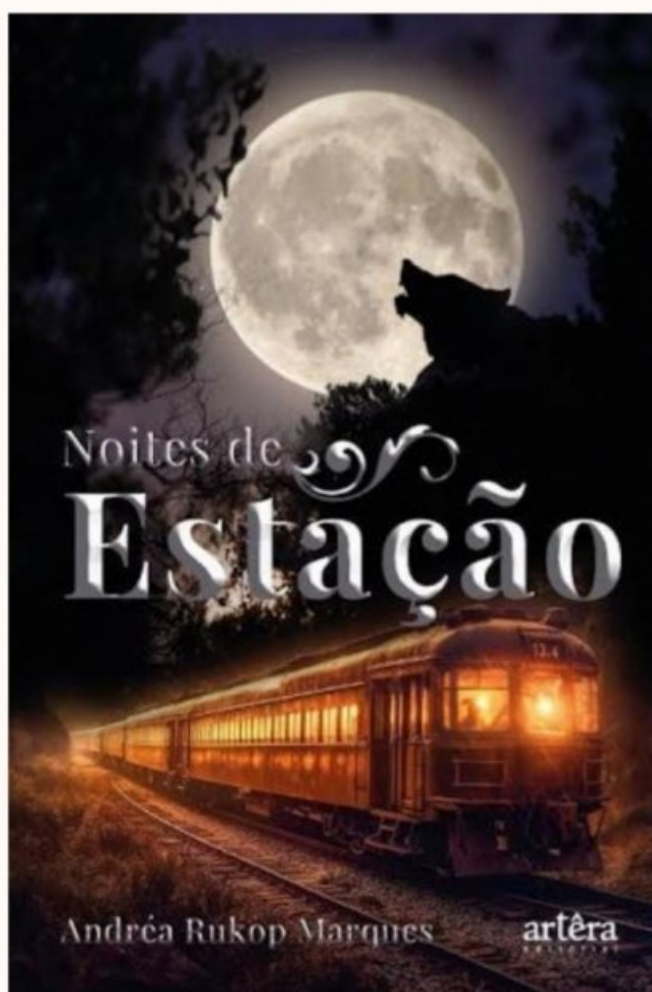
Andréa Rukop Marques: Inicialmente me deixo levar e quando percebo algo já ganhou contexto e preciso depois organizar o material. Gosto de escrever durante a noite e as vezes preciso de música. Escutei muito Thomas Albinoni e Antonin Dvorak. A inspiração surge de algo que vejo e que provoca sensações, podendo ser a fachada de um prédio antigo, árvores frondosas, ventanias e tardes nubladas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Andréa Rukop Marques: O livro *Noites de Estação* conversa muito com o leitor, mas destacarei um pequeno trecho: A mulher que antes de tudo sabe emergir depois de submersa em um oceano escuro e abissal pelo tempo das mudanças, tempo da esperança que findou em palavras secas, atitudes ásperas e a sensação de ter tardado minha saída.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Andréa Rukop Marques: O livro *Noites de Estação* está sendo vendido em todas as plataformas. Eu sou professora de História do estado e do município do Rio de Janeiro. Tenho



desenvolvido um trabalho com alguns alunos, promovendo a ênfase pela a escrita, mas sempre difundindo a leitura, mesmo com poucas páginas de uma obra, onde provoço este despertar.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Andréa Rukop Marques: Como professora da rede pública enfrento muitos desafios em virtude de problemas estruturais, mas sigo confiante em despertar nos jovens o desejo pela leitura. Quanto ao restante da sociedade, sempre percebi que as pessoas compram mais

os livros por indicação de índices midiáticos, autores renomados e não exatamente pela obra.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Andréa Rukop Marques: Apesar do livro Noites de Estação ser uma obra inteira e maciça, já existe a continuação dessa obra onde a trama torna-se complexa e profunda.

Perguntas rápidas:

Um livro: Ana Karenina

Um ator ou atriz: James Macavoy

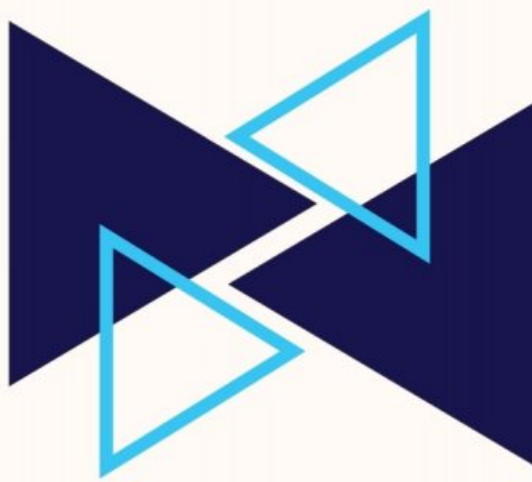
Um filme: O segredo dos seus olhos

Um hobby: Fazer crítica de filmes

Um dia especial: Estar descansada e saboreando um café no jardim da minha casa.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Andréa Rukop Marques: Leiam o livro Noites de Estação, pois é uma obra que conversa com o leitor e o colocará no meio de uma trama intrigante cercada de suspense, drama e mistério. Sentimentos conduzem esse romance!



LEIA UM LIVRO

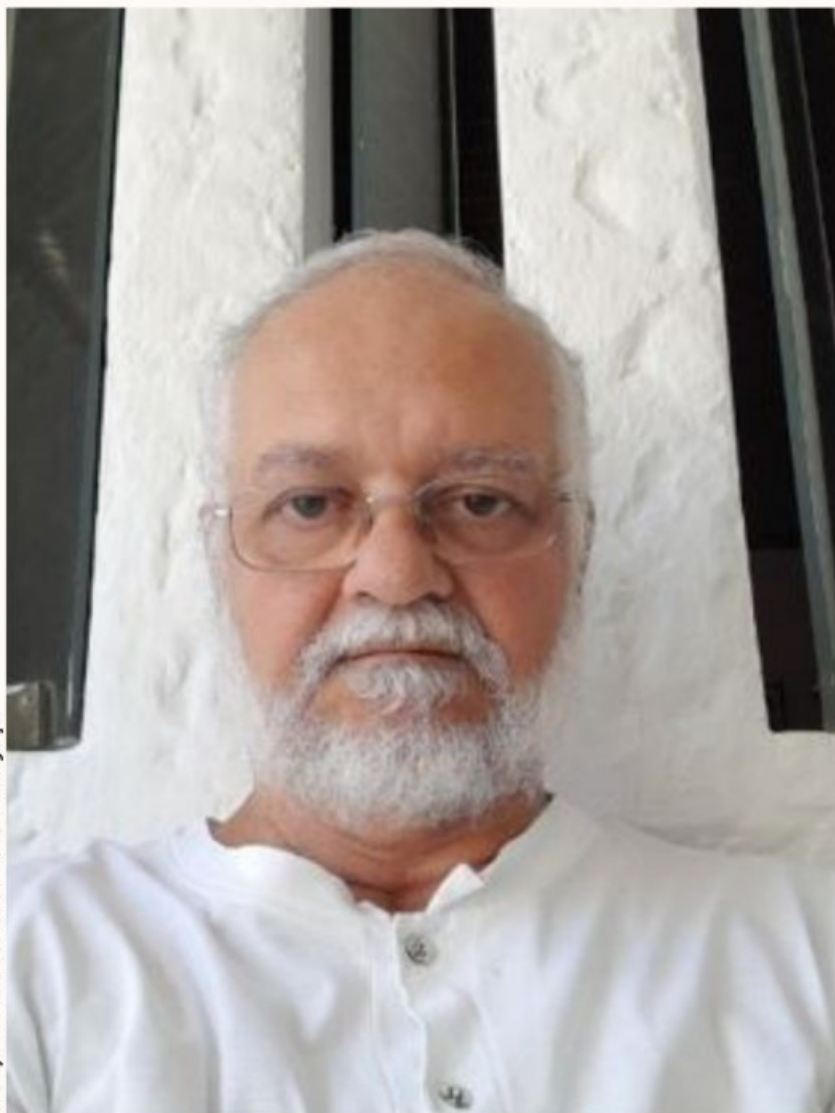
**E aventure-se sem sair
do lugar**



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Entrevista exclusiva com *Dionysius Fredericus*

POR ADEMIR PASCALE



Dionysius Fredericus- Foto Divulgação

Marcelo Gomes Jorge Feres nasceu em 6/7/1957, na cidade de Niterói (RJ). Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; licenciado em História na UNICESUMAR, Maringá (PR), em 2019; estudante de Filosofia; publicou 27 livros de conteúdo poético-filosófico e, desde 1987, participa de várias antologias.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Dionysius Fredericus: Minha primeira publicação data de 1987. Desde então, escrevo, participo de concursos e publico livros. Este é meu 28.^o livro.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Balbuciar de um eterno”, poderia comentar?

Dionysius Fredericus: Livro com conteúdo poético-filosófico, onde procuro expressar

de modo poético tudo aquilo que sinto como Ponto no Todo. Deixo extravasarem energias dispersas que, passando pelo Ser, adquirem certa objetividade, coerência e ritmo (poético). Meu mote sempre é o Tudo em Tudo (pré-socrático), pois os conceitos são a própria filosofia poética que, em leitmotive, preenchem, repetidamente, e como indicadores de instâncias e caminhos, o transcorrer dos seres pelos planos das existências.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Dionysius Fredericus: Geralmente, às noites, posto-me de tocaias e em esperas. Silêncio e penumbras à volta, com as músicas certas preenchendo o Todo, os espaços e tempos. Daí, passa algo e agarro, letra, sentir ou pensar, e, como sempre acontece se agarramos pontas de fios infindos, tudo se desenrola e contracenamos em representações teatrais de existências que são exercícios no tempo do Ser atemporal, sempre presente.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Dionysius Fredericus: Sim, como segue:

E porque, depois de tudo transcorrido
/ Apenas que, avexados, estaremos
Oh! Mas por que nos perdemos? / Pois
ali, nada que valesse essas penas
Ah! A Paciência dos Céus é o Eterno / A
Evolução do Ser é o momento
(Ah!)

Arte foi o meu Caminho
Pois infernos reequilibram-se
Apenas com Reconquistados Paraísos
Mente / Psicologia / Espírito / Em
carne viva
Oh! Segredos e enredos infindos /
Descendo por linhas
(E terminando tudo agora mesmo - em
pontos que não findam)
(Sim!)

Conheço os Segredos da Vida / Ela mos
contou, há milênios
Assim, tive de renascer poeta / Pois
jamais me acreditariam
E sim, nem tudo em que acreditamos é
realidade por isso
(Mas, acreditar com o aval do que é
para sempre, ah! - Aí, vem de cima!)
(A recompensa está ao fim do arco-
íris!

Por isso seguimos colorindo a vida
com cores de infindos!)
(Oh!)
Sou Sísifo!

Rolo letras acima
Que sempre despencam
Abaixo, por essas linhas sem fim
Como se lágrimas que rolassem por
faces
Aglomerando-se ao fim de cada
página em poesias
Ou sentenças, de um condenado poeta
ao seu intérmino poema

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Dionysius Fredericus: O livro pode ser encontrado na editora, em sites de busca e livrarias. Se o desejar, o interessado pode entrar em contato comigo: marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Os brasileiros pouco leem e, quando o fazem, não leem conteúdos construtivos, e é tal o que me parece. Leituras fundamentais, parece, sim, não são incentivadas, tais como leituras de filosofia, história, ciências e humanidades. Ler é fundamental ao correto pensar e julgar. Falta-nos níveis mínimos de capacidades de autonomia do pensar, julgar e decidir. Faltam referências e fundamentos para o autoconhecimento.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Dionysius Fredericus: Sim, já estou confeccionando o próximo livro. Não consigo parar...

Perguntas rápidas:

Um livro: A viagem de uma alma, de Peter Richelieu

Um ator ou atriz: Antônio Banderas

Um filme: O Labirinto do Fauno

Um hobby: observar a natureza



Um dia especial: Cada e todo dia

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Dionysius Fredericus: Não há fugas da vida, e não podemos encerrá-la em cem anos apenas. Assim, só nos resta prosseguirmos eternamente, até compreendermos (crescendo e abarcando cada vez mais totalidades e coerências, entendimentos e desempenhos) maiores totalidades. Destinados a sermos seres angelicais, podemos, desde já, ir treinando nossas asas com as poesias e os bem-quereres.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TECENDO POEMAS

VOL. X



E-BOOK

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Ildebrando Pereira da Silva

POR ADEMIR PASCALE



Ildebrando Pereira da Silva - Foto Divulgação

Ildebrando Pereira da Silva nasceu em Lorena /SP em 26 de março de 1952. Advogado. Formado em Direito pela Universidade de Taubaté UNITAU.

Poeta premiado em concursos, sendo três em 2025. Autor dos livros Fantasia, Sonho de Papel, Sob o olhar da poesia e Por onde anda a poesia, além da participação em coletâneas. Declamador, ganhador de vários prêmios. Recebeu o Prêmio Monteiro Lobato de Literatura em 2 Edições. Participou de grupos de canto coral, grupos de teatro e atuou como radialista na Rádio Cultura de Lorena. Membro Fundador da Academia Lorenense de Letras e Artes - ALLARTE, sendo o idealizador da sua criação, e seu presidente.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ildebrando Pereira da Silva: Em 1988, repentinamente, a poesia surgiu em minha vida. Em poucos meses foram dezenas de poemas escritos, e ainda nesta fase dois deles foram premiados com o primeiro lugar em concursos realizados pela empresa (uma multinacional) onde eu trabalhava, culminando com o lançamento do livro Fantasia.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Por onde anda a poesia”, poderia comentar?

Ildebrando Pereira da Silva: Este livro é uma jornada que equilibra a beleza do lírico com a urgência do social. Você encontrará versos que: Exaltam o poder transformador da poesia e do amor, fazem críticas sociais mordazes sobre a desigualdade e a política; homenageiam a genialidade de mestres como Drummond e Fernando Pessoa e exploram a complexidade de ser humano e a força de ser esperança.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ildebrando Pereira da Silva: Tenho um processo de criação que é uma espécie de ordem suave, um chamamento silencioso. Os versos irrompem como quem ilumina a escuridão. Na maioria das vezes aparecem prontos, como se apenas tivessem me escolhido para dar-lhes a paternidade. Admiro diversos poetas como: Drummond, Pessoa, Cecília Meireles, Adélia Prado, Florbela Espanca, porém, não me inspirei em nenhum deles, pois, é a poesia quem me procura quando quer, e do jeito que ela quer.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Ildebrando Pereira da Silva: Compartilho um trecho do poema que

www.revistaconexaoliteratura.com.br



dá título ao livro: Por onde a poesia passa, as flores enfeitam a praça e a vida ganha mais cor. A terra com o céu se abraça, o sol tira a sua carapaça mostrando seu esplendor. E tudo se enche de graça, por onde a poesia passa.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ildebrando Pereira da Silva: O livro por onde anda a poesia está na Livraria da Editora Ipê das Letras: <https://www.livrariaipedasletras.com/ poesia/por-onde-anda-a-poesia> ,

pela qual foi publicado, na Amazon.com.br e ainda em diversas livrarias físicas e online. Para saber mais sobre mim e o meu trabalho o leitor pode visitar minhas redes sociais:

<https://www.instagram.com/ildebrandopereirada/>

<https://www.facebook.com/IldebrandPoeta>

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Ildebrando Pereira da Silva: A leitura no Brasil enfrenta desafios históricos e estruturais. Apesar de avanços pontuais, o país ainda apresenta baixos índices de leitura quando comparado a outras nações. As principais dificuldades estão relacionadas ao acesso limitado a livros, à falta de bibliotecas bem equipadas, ao custo elevado das obras e à desigualdade educacional. E quando falamos de poesia, embora o país tenha uma tradição rica em poetas consagrados e contemporâneos, o hábito de ler poesia ainda é pouco difundido entre a população em geral.

Conexão Literatura: Como despertar nas pessoas o gosto pela poesia?

Ildebrando Pereira da Silva: Esse despertar exige aproximação afetiva e experiências significativas com o texto poético. Ler em voz alta,

participar de saraus, explorar diferentes estilos e autores, além de incentivar a criação de pequenos versos, são caminhos que tornam a poesia viva e acessível. O segredo está em mostrar que o poema não é apenas para estudar, mas para sentir.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ildebrando Pereira da Silva: No momento o projeto é divulgar o livro *Por onde anda a poesia* e trabalhar meu primeiro livro em prosa o qual estou escrevendo o segundo capítulo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Fernão Capelo Gaivota

Um ator ou atriz: Charles Chaplin

Um filme: Tempos modernos

Um hobby: Cuidar do jardim de casa

Um dia especial: Literariamente falando, foi o dia do lançamento do meu primeiro livro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ildebrando Pereira da Silva: Agradecer à Conexão Literatura pela oportunidade de falar um pouco do meu trabalho e aos leitores pelo carinho e acolhimento.



Entrevista exclusiva com Idicampos

POR ADEMIR PASCALE



Idimarcos Ribeiro Campos, Idicampos, é professor de Português Literatura, com pós-graduação em Formação de Leitores. Proponente, pela lei Aldir Blanc, do site: contosaleatorios.com.br. Participou de diversas coletâneas literárias, tendo publicado textos em jornais e revistas. É autor de dois livros de poesias e dois livros de contos. Atualmente, atua como âncora do programa “Viés literário”, disponível no YouTube, no canal TV Nova Belford. Pode ser lido, mensalmente, na revista Conexão Literatura.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Idicampos: Comecei a escrever ainda criança, apoiado pela minha mãe, professora de Português Literatura. Minha primeira publicação foi uma poesia na Revista Gruta Literária em 1981.

Conexão Literatura: Você é autor do e-book “Contos em desconexão”, poderia comentar?

Idicampos: Em 2024, lancei o livro “Contos em conexão”, uma edição comemorativa das publicações dos meus contos na Revista Conexão Literatura. Já em 2025, o livro “Contos em desconexão” dá continuidade à compilação em livro dos contos publicados na revista.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Idicampos: Escrevo a partir da observação das contradições da sociedade contemporânea. Inspiro-me, também, no filósofo grego Demócrito, que ria da desgraça humana para provocar reflexão existencial. Além disso, a ironia de Lima Barreto imprime em minha escrita criativa uma linha estilística.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus contos do e-book especialmente para os nossos leitores?

Idicampos: “O nariz empinado do dinheiro debocha de Tupã”, insisti o Pajé na palestra aos jovens: o capital propaga a tristeza da alma, estimula a depressão do indivíduo contemporâneo, é o mal dos velhos tempos. Somos vítimas de nós mesmos — nas trapaças do ego — vivendo uma passagem medíocre na nossa própria casa, insistindo na



exploração do homem pelo próprio homem... (Os donos da terra).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu e-book e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Idicampos: Na Revista Conexão Literatura, ou pelo site: www.idicampos.com.br

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Idicampos: Há uma tendência entre os novos leitores a preferirem textos

curtos, em razão do avanço da linguagem digital.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Idicampos: Pretendo escrever outro livro de contos, um novo livro de poesias e também um romance.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Alienista (Machado de Assis).

Um ator ou atriz: Grande Otelo.

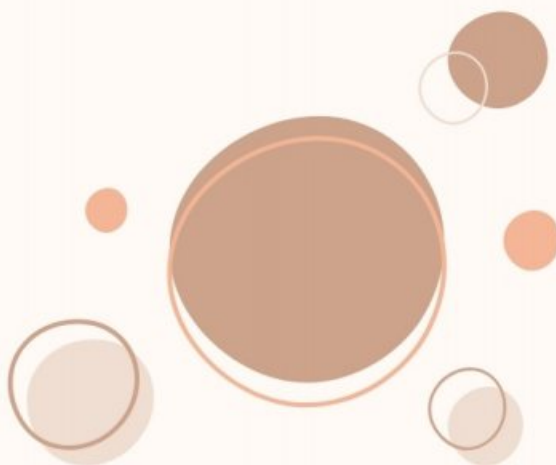
Um filme: Laranja Mecânica

Um hobby: escrever

Um dia especial: a publicação do primeiro livro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Idicampos: Agradeço à Revista Conexão Literatura pela oportunidade de publicar meus contos.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

VOL. X

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

Entrevista exclusiva com Matsuki Pichorim

POR ADEMIR PASCALE



Matsuki Pichorim - Foto Divulgação

É natural de São José dos Pinhais, PR, casado e pai de duas filhas. É engenheiro eletricista, professor universitário, cientista, mestre e doutor em ciências. Através da poetiza Helena Kolody, chegou ao universo do haikai em 1999. Deste então se dedica a esta arte como hobby e paixão. Como escritor, assina com nome poético nipônico de Matsuki, que significa “pé de pinheiro”. É autor de vários livros de haicais, entre eles: Bem Te Vi; Olhem as Aves do Céu; The Canterbury Haiku; Luar de Abril (prêmio Bunkyo SP de Literatura em 2012); e Che Paraná Porã. Já foi vencedor em vários concursos literários. Mais informações: Instagram @sergiofpichorim

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

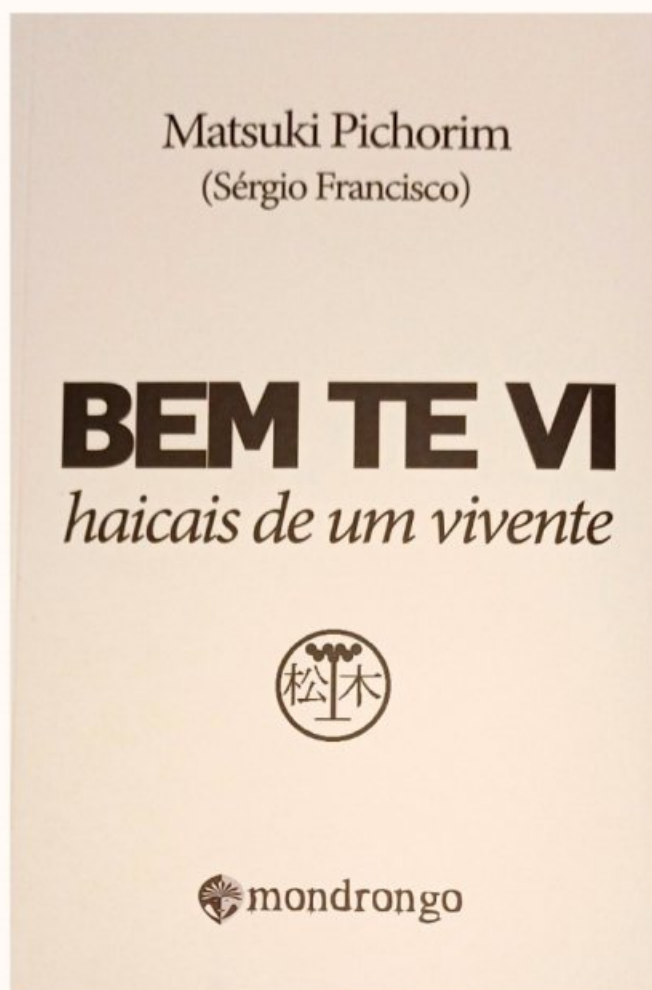
Matsuki Pichorim: Na adolescência eu lia livros exigidos nas aulas, mas eu gostava de aventuras e ficção científica. Minha graduação e pós foi na área de engenharia, e neste período me afastei da literatura geral para focar em temas técnicos/profissionais. Só mais tarde, depois dos 35 anos de idade, voltei a redescobrir a poesia através de um livro da poetiza paranaense Helena Kolody, onde vim a conhecer o haikai. A passagem de leitor para escritor foi gradual nestes últimos 25 anos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Bem Te Vi - haicais de um vivente” (editora Mondrongo), poderia comentar?

Matsuki Pichorim: Este livro contém 240 haicais organizados nas quatro estações do ano e mais dois anexos com textos didáticos que eu já utilizei em palestras sobre a poesia haikai ao longo dos anos em eventos de haikai. O livro traz também prefácios e comentários de 5 grandes poetas do haikai brasileiro na atualidade. Eu escolhi como título a experiência que é o haikai: ver o mundo mais plenamente, senti-lo e vivê-lo “bem”, por isso são “haicais de um vivente”.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Matsuki Pichorim: O dia-a-dia é a melhor hora e o lugar comum o melhor ambiente de criação. Em casa, no ônibus, na fila do mercado, no parque, em uma caminhada, não importa, basta estar atento para captar instantes poéticos e mágicos. O haikai é uma fotografia em forma de um pequeno texto poético. Basta clicar o botão da sensibilidade e registrar em um bloco de rascunho, num pedaço de papel ou até gravar um áudio para mim mesmo no celular. Depois em casa e com calma, lapidar o texto. Claro, a forte de inspiração sempre é a



natureza, na qual nós humanos também fazemos parte (apesar de a vezes negarmos isso).

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Matsuki Pichorim: Eis um trecho da introdução: ...o haikai é místico, é revelação, despertar (iluminação). Pois o exercício proposto pelo haikai, nos torna mais sensíveis, mais ligados ao mundo, mais seres humanos... Neste caminho, mais do que haicaistas ou leitores, somos todos viventes. Talvez uns menos sensíveis, e outros

um pouco mais atentos ao mundo e à dinâmica da vida. É esta atenção que se deve buscar.

Eis um fato: “O poeta, sentado no pórtico de um templo em ruínas, tinha o olhar fixo no nascente... Kahlil Gibran, que o via todas as manhãs, se encheu um dia de coragem e lhe perguntou o que fazia...

- Contemplo a vida, ele respondeu.
- Apenas isto?
- E não é o bastante?”

E do capítulo “Inverno” deixo aqui dois haicais:

Súbita alegria.
Um ipê na avenida
todo verde-rosa.

Noite de chuva.
Caídos no asfalto
moto, corpo e pizzas.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Matsuki Pichorim: Para adquirir o livro, o leitor pode me chamar no WhatsApp (41) 98421 2502 ou me procurar no Instagram (@sergiofpichorim). Aliás, diariamente eu posto fotohaicais de minha autoria nas redes sociais. Outros trabalhos e materiais literários podem ser

encontrados na página de minha universidade (UTFPR). Mecanismos de busca on-line, com os termos Pichorim e Haicai, podem achar isso lá. Também mantenho um blog de poesias em sfpichorim.blogspot.com

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Matsuki Pichorim: Vejo que o Brasil é um país de leitores, mas que tem muito ainda para crescer e melhorar. Especialmente se compararmos aos grandes países. Sinto que existe uma grande preferência dos brasileiros pela literatura estrangeira, fortemente influenciada pelas mídias. Infelizmente, os autores brasileiros têm um espaço mais reduzido em eventos e no mercado literário.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Matsuki Pichorim: Sempre tem, mas ainda estão bem gestação. Pretendo continuar a escrever haicais e também buscar mesclar a poesia haicai com textos em prosa, com minicontos e também com ilustrações, desenhos e fotos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Gitanjali de R. Tagore (1913)

Um ator ou atriz: Audrey Hepburn

Um filme: A Casa de Chá do Luar de Agosto (1956)

Um hobby: Pedalar na natureza

Um dia especial: Férias na praia

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Matsuki Pichorim: Deixo aqui alguns conselhos para a leitura de haicais: leia sem pressa, leia aos poucos, nas horas livres, um poema, uma página, não importa. Não precisa ler o livro em ordem, a leitura não tem começo nem fim. Após cada haikai, deixe o silêncio falar em você. O haikai sempre abre espaço para a experiência do leitor, os seja, não é uma poesia acabada. Recrie em você a experiência vivida/sugerida. E como diz o poeta Alvaro Posselt, “O haikai é o poema do agora. Curta-o intensamente!”



Entrevista exclusiva com Raul Schaefer Filho

POR ADEMIR PASCALE



Raul Schaefer Filho - Foto Divulgação

O autor é advogado, poeta, contista, com vários artigos publicados na imprensa do Estado de Santa Catarina, tendo participação em diversas antologias poéticas e de contos pequenos.

Reside em Florianópolis/SC.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Raul Schaefer Filho: Na verdade foi tímido. Publiquei poesias em periódicos estudantis, só bem depois vieram os outros espaços para divulgação de minha literatura.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Nós em poesia”, poderia comentar?

Raul Schaefer Filho: Senti que era o momento de reunir algumas poesias numa obra, assim nasceu “Nós em Poesia”. O título adveio de ter achado ser a poesia carente de espaços, com muita dificuldade de encontrar janelas, com muitos “nós” apertando, seguindo cópia do mundo em que vivemos.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Raul Schaefer Filho: O processo de criação é mais transpiração do que inspiração. As ideias chegam de mansinho e irrompem como um vulcão. Aí vou arrumando aqui e ali...

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Raul Schaefer Filho: Destaco uma diminuta parte do poema "Outonário": "a irascividade do vento arrasta folhas pelo chão/ e são tantas!/ outras driblam a atmosfera cinza/ e bailam insanas pelo éter/ pedindo socorro/ Outono anda longe ...".

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Raul Schaefer Filho: Hum... Acho que no site da editora Autografia, e também na Amazon. Sobre mim talvez no instagram @raulschaeferfilho.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?



Raul Schaefer Filho: Evoluímos muito. Principalmente no meio jovem, onde mais se interessam por leitura.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Raul Schaefer Filho: Sim, sempre. Trabalhando num novo volume de poesias e num livro de contos.

Perguntas rápidas:

Um livro: "O Retrato de Dorian Grey", Oscar Wilde.

Um ator ou atriz: Fernanda Torres

Um filme: "O Dia D"

Um hobby: além da leitura, um bom vinho.
Um dia especial: todas as sextas-feiras...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Raul Schaefer Filho: Não posso deixar de cumprimentar o abnegado Ademir Pascale

E a iniciativa de vocês da Conexão Literatura. Obrigado e sucesso para “Nós” todos.



Entrevista exclusiva com Tatiana Riceli

POR ADEMIR PASCALE

Tatiana Riceli - Foto Divulgação



Tatiana Riceli é Executiva de Recursos humanos por vocação, escritora, poeta e observadora sensível do cotidiano. Sua escrita une humor elegante, verdade emocional e cenas reais que acendem o mundo interior de quem lê. Autora de Quando o Processo Me Pegou Pelo Braço – Com Licença, Estou Me Reencontrando, Tatiana aborda recomeços, autocuidado e a coragem de olhar para si. Participa de antologias de conto, poesia e crônica, sempre com sua marca afetiva e inspiradora. Apaixonada por processos humanos e por gente, Tatiana transforma vulnerabilidade em narrativa e rotina em poesia.

Conexão Literatura: Como foi o seu início no meio literário?

Tatiana Riceli: O início da minha trajetória literária não teve anúncio, estreia ou ritual teve sensibilidade. Tudo começou quando percebi que alguns sentimentos só encontravam saída pela palavra. Passei a escrever durante minhas sessões de terapia, traduzindo em linhas aquilo que a voz não alcançava. Depois vieram as cenas do cotidiano, os encontros e desencantos, as sutilezas do viver. Escrever virou meu modo de organizar o mundo por dentro. E antes que eu nomeasse isso de literatura, ela já me escrevia de volta.

Conexão Literatura: Você é autora do livro Quando o Processo Me Pegou Pelo Braço – Com Licença, Estou Me Reencontrando. Poderia comentar?

Tati Riceli: Esse livro é meu reencontro com a vida e com a coragem. Ele tem humor, tem confissão, tem susto, tem amor próprio atrasado em vinte anos, mas chegando firme. É uma obra sem receita mágica e sem fórmula de emagrecimento. O que ela entrega é presença, consciência e aquele tipo de verdade que a gente tenta esconder, mas que aparece na porta da sala dizendo: "Oi, voltei!". É um livro para quem está cansado de se perder de si, e quer voltar com leveza, sem drama, sem heroísmo, só com humanidade mesmo.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são suas inspirações?

Tati Riceli: Meu processo criativo é uma mistura de observação, sensibilidade e zero glamour. Eu me inspiro nas pequenas cenas do cotidiano e quando digo pequenas, é pequena MESMO: o senhor esperando o ônibus, a conversa aleatória na academia, o vai e vem nos aeroportos. Tudo me provoca. Anoto tudo, transformo depois. Humor e emoção caminham juntos no meu texto, porque eu acredito que a gente entende a vida melhor quando ri de si e sente de verdade. Também me

inspiro muito na psicologia, nos meus afetos e, claro, nos meus recomeços.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os leitores?

Tati Riceli: "Um dia, percebi que o processo não vinha me cobrar nada. Ele só queria me mostrar a direção. E a direção, para minha surpresa, era para dentro."

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir seu livro e saber mais sobre você?

Tati Riceli: Fácil: é só acessar <https://tatiriceli.com.br/>

Lá tem o livro, as resenhas, textos, agenda literária e meus projetos. Também estou no Instagram @tatianariceli.autora, onde compartilho bastidores e reflexões com humor, verdade e um pouco de caos organizado que no fundo é a essência de qualquer processo.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Tati Riceli: A leitura no Brasil ainda é um desafio, sim, mas convivendo de perto com o meio literário, vejo o quanto existe um espaço incrivelmente acolhedor para quem quer mostrar seu talento. Há muita gente criando, muita gente



incentivando e muita gente abrindo portas. Quando a literatura se encontra com a verdade das pessoas, ela vira abrigo. E abrigo é o que mais precisamos.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Tati Riceli: Sim, e com muita energia! Meu próximo projeto nasce como uma continuação emocional do Processo: "Como Liderar Sem Se Perder". É uma obra sobre liderança humana, sustentável e real, aquela que não apaga quem lidera e não engole quem segue. Quero falar sobre equilíbrio, autocuidado, coragem e autenticidade dentro do mundo do trabalho, sem fórmulas prontas, mas com verdades que transformam. É o segundo braço

do meu reencontro, agora dentro da liderança.

PERGUNTAS RÁPIDAS

Um livro: A Coragem de Ser Imperfeito
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

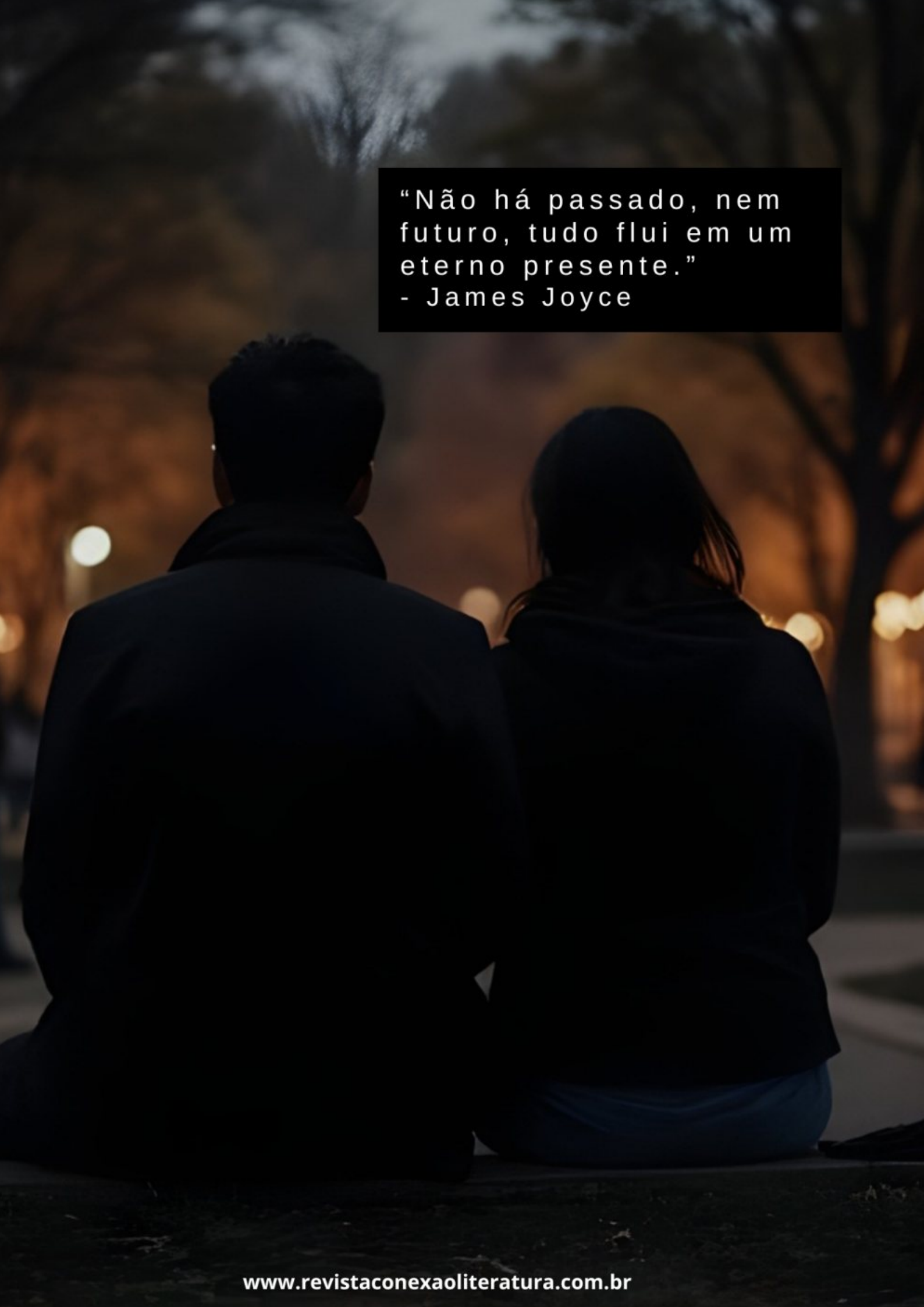
Um filme: Comer, Rezar, Amar, o GPS universal dos recomeços.

Um hobby: Gosto de treinar, musculação e boxe, como quem cuida de si com intenção. Hoje é meu hobby favorito: sentir corpo e mente funcionando em harmonia.

Um dia especial: Meus dias se tornam especiais quando alguém me diz que reconheceu um pouco de si na minha história. Há uma delicadeza nisso que me acompanha, porque mostra que o processo não termina em mim, ele continua no outro.



Citações de Grandes Autores

A couple is seen from behind, sitting on a dark bench in a park at night. The man is on the left, wearing a dark jacket and a scarf. The woman is on the right, wearing a dark jacket. They are looking towards a city skyline in the distance, which is illuminated by warm lights. The background is filled with the silhouettes of trees and the glow of city lights, creating a romantic and contemplative atmosphere.

“Não há passado, nem futuro, tudo flui em um eterno presente.”
- James Joyce



“As folhas secas cobrem
em abundância o caminho
das recordações.”

- James Joyce



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SE EU FOSSE

POR IDICAMPOS



Tantos caminhos reluziram no fim da minha infância, contudo corrompido pela idade, abandonei a criança que fui e mergulhei na adolescência. Homem feito, barbicha na cara, cheio de si, envolvido num universo cultural, ingressei na maturidade.

O espelho refletia a incerteza do futuro, as perguntas rondavam o imaginário, dentre tantas reflexões: qual seria o sentido da vida? Trazia tatuado no semblante a insegurança diante do destino, as dúvidas da jornada.

Começaram as especulações, as indefinições, os pensamentos rolavam na cabeça, viajava de olhos fechados no horizonte. Se eu fosse um astronauta, viveria com o nariz a cima das nuvens, no mundo da lua; mas se acabasse o combustível do foguete, despencaria feito um parafuso.

Se eu fosse um mosquito, seria o mais fofoqueiro, embrenharia na intimidade das pessoas, no namoro dos casais, no papo dos políticos, nos segredos dos banqueiros, nas artimanhas dos espertos; todavia terminaria os dias vítima de um tapa na orelha.

Se eu fosse invisível, penetraria na guerra, saberia a hora do tiro e pouparia a morte de milhares de inocentes; porém nunca votaria, nem possuiria o corpo para gozar os prazeres dos cinco sentidos.

Se eu fosse um político honesto, desses corretos, consciente da importância do serviço público, fraterno, preocupado com a educação, defensor da saúde; acabaria com um tiro nos miolos, alvejado pelos ladrões.

Se eu fosse o ganhador da loteria do bilhão, ajudaria um montão de gente: tiraria o povo da calçada, dava um prato de comida a quem tem fome, curava a dor do doente, afagava o coração dos apaixonados. Agradava a massa, no entanto, contaria com a punhalada nas costas.

O tempo passou, procurei em todos os cantos o ser em mim. Perdido neste labirinto encontrei a saída na composição, virei autor da história, encerrei toda questão. Entendi que se eu fosse o quê não sou, jamais escreveria, muito menos existiria.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Revista Conexão Literatura



DE NOVO?

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE



Mariano fechou a cortina, após espiar rapidamente para o lado de fora. Vidro da janela fechado, como gostava. Não lhe apetecia escancarar o campo de visão pública ao interior de sua casa térrea, na qual vivia já há dezenove anos, sendo o derradeiro ano sozinho, desde que sua irmã Dirce faleceu.

Os pais de ambos já tinham ido há muito mais tempo... Não se recordava ao certo dos traços de seus rostos e, às vezes, quando se encontrava em estado de certa melancolia, tirava para folhear, da última gaveta da escrivaninha sanfonada de madeira antiga, que ficava no escritório ao lado da sala de estar, o álbum de casamento dos pais, já danificado pelas traças e empoeirado, resultado da ação do tempo.

Dirce se casou com Augusto, um bom sujeito. Infelizmente não tiveram filhos, mas se quiseram tanto bem que, aos olhos de Mariano, a ausência não se fez sentir. Eram parceiros, muito carinhosos reciprocamente e não se desgrudavam. Augusto o acolheu como irmão e sempre respeitou seu modo ensimesmado. Mariano possuía um leve grau de autismo. Mas considerando a época em que foi educado, suas “esquisitices”, como seu pai nominava, tomaram dimensão maior do que ostentariam, caso fossem melhor compreendidas e elaboradas.

Queixar, até que não se queixava. Gostava de privacidade, sossego, liberdade para fazer o que quisesse. O que não era excepcional: caminhar pela praça da igreja matriz quando todos dormiam, de madrugada, para olhar as estrelas, estateladas no imenso céu negro; ler jornal tranquilamente no bar do Edvelton; conversar com os poucos conhecidos, quando se sentava num banco na praça da igreja do largo da Condessa ou simplesmente permanecer calado, se assim lhe apetecesse, o que era bastante usual.

Tirando seu embotamento natural, já que era seletivo quanto às pessoas que permitia que lhe acessassem, Mariano possuía um verdadeiro universo dentro de si. Seus pensamentos eram incessantes e se mostravam em profusão. Imaginava universos, planetas, vidas, cores, sons. Era extremamente curioso e atento a detalhes que poucos notavam e, geralmente, não se concentrava naquilo que as pessoas achariam o “normal” ou “esperado”. Como os monólogos alheios, assustadoramente tão comuns e enfadonhos.

Às vezes, parecia até mesmo ouvir seres invisíveis conversando consigo. Não eram vozes audíveis, mas imaginadas. Em seu diagnóstico clínico, esquizofrenia havia sido descartada desde a juventude. Então, tudo representava o fruto de sua mente prodigiosa.

Embora ninguém soubesse, além de sua falecida irmã Dirce e do ex-cunhado Augusto, que veio a óbito em decorrência de um ataque cardíaco fulminante três anos antes da esposa morrer, Mariano escrevia pequenos poemas. Os temas eram muitos. As nuvens pálidas, em flocos desfiados de algodão cru, flutuando no céu. O som caótico dos pardais, ao entardecer. O barulho das gotas d'água, quando chovia, chocando-se descompassadamente contra as telhas de cerâmica da casa térrea. O olhar escuro e brilhante do gato, não mais claro em sua pelagem, que habitava o imóvel vizinho, mas sempre estava à espreita. Ou mesmo uma diminuta formiga levando consigo,

vagarosamente, um cisco de pão francês aparentemente no que seriam as suas costas, se é que as possuía.

E havia o seu sonho de amor.... Sim, do seu jeito, Mariano descrevia o que considerava esse sentimento nobre e raro.

Para Mariano, o amor era uma companhia. Não perscrutava sobre sexualidade. Já havia sublimado os ímpetos da juventude, encontrando-se nas cercanias septuagenárias.

Apreciaria alguém silencioso como ele. Que admirasse as nuances do firmamento, em variadas tonalidades, que se sucediam no decurso do dia. Que gostasse de música suave, ruídos familiares, como os do vento e da chuva, sem a violência das tempestades, com seus trovões furiosos.

Poderia ter se casado com uma moça por arranjos familiares. Isso, em sua época, até que acontecia na cidade do interior. Hábito antigo, dos primórdios da constituição da sociedade local. Mas o que percebeu na única tentativa realizada, sob iniciativa dos pais, foi o olhar de receio e asco de uma jovem morena, magra, de baixa estatura e cabelos negros, chamada Joana.

Algo doeu dentro de si. Não compreendeu muito bem qual seria a causa. Mas um mal-estar avassalador tomou conta de seu ser ao se lembrar da expressão facial de Joana lhe observando, de forma esgueirada. Seu instinto de autopreservação impôs um sonoro não àquela presença deletéria.

Era inteligente, administrava bem o dinheiro depositado em banco, mas se confundia com a organização da casa e provisão de comida, produtos de limpeza e outros itens. Então, Maurício, filho do seu primo Josivaldo, um rapaz alegre e muito cordato que estava cursando faculdade de Ciências Contábeis, o auxiliava conjuntamente com sua mãe, Rita de Cássia.

Esta, prestativa e generosa, não se furtava em enviar uma diarista para fazer a faxina da casa, lavar as roupas de Mariano e passá-las. Ainda, providenciava a remessa de marmitas diariamente, além de mantimentos e outros gêneros alimentícios, medicamentos e o que mais se mostrasse necessário.

Sua rotina era isolada, monótona, árida de afetos, ainda que suas necessidades vitais estivessem sendo atendidas para que fosse considerado publicamente como um cidadão “decente”.

De toda sorte, uma coisa era certa: Mariano não se preocupava com a opinião dos outros.... até porque, segundo constatava, eles nunca tinham feito alguma diferença em sua existência, salvo poucas pessoas. Aliás, uma de suas características mais convenientes era justamente a abstração natural. Quase ignorava quem o cercava, mas não o que. Sua percepção era voltada à natureza e o que a integrava, excluindo em regra seres humanos.

Pela época do ano, vendo da janela os transeuntes apressados, o tráfego de veículos e, especialmente a decoração natalina nos postes, comércios e nas praças que frequentava,

não podia ignorar a aproximação do Natal, que sempre foi tão festejado por sua irmã Dirce.

Ela enfeitava a casa com objetos decorativos delicados, cujas cores basicamente eram verde, branco, dourado e vermelho, além de montar uma árvore de Natal artificial de tamanho médio, onde inseria fitas vermelhas e bolas de tamanhos e cores múltiplos, bastante brilhantes. Ao que se recordava, apenas no ano da morte de Augusto a casa ficara deserta e afastada da memória natalina.

O cheiro do bolo de Natal que Dirce assava, contendo passas e frutas secas, além de canela e mel, era algo que Mariano gostava muito de aspirar. Sentia falta disso, mas teria que se acostumar com a ausência o quitute pois Dirce não estava mais ali para preparar o quitute...

Foi expulso dessas reminiscências pelos passos ligeiros e firmes de Maurício, que fora visitá-lo no fim da tarde, trazendo-lhe pães frescos e frios da padaria para um pequeno lanche.

— Oi, tio Mariano, o senhor está bem?

Mariano retrucou, após olhar de um jeito um tanto vazio e contrariado na direção do moço:

— Sim, tô bem, sim. Mas não sou seu tio.

Maurício conteve o riso em virtude do mau humor do homem.

— Eu seeiiii, mas é assim que eu gosto de chamar o senhor, para mim é um tio. Antes que me esqueça, minha mãe mandou avisar que vou passar aqui no dia 24 de dezembro no início da noite para pegar o senhor.

— Pegar para que?!

Maurício riu gostosamente:

— Para cear conosco, tio! No Natal ninguém deve ficar sozinho.

— Mas de novo? Natal, de novo?!

Maurício apenas moveu a cabeça positivamente, de cima para baixo, sorrindo...

Mariano permaneceu cerca de dois minutos em silêncio, sendo observado por Maurício, que respeitou esse tempo. Suspirou longamente, e falou:

— Tá, Maurício. Fala para sua mãe que eu vou, sim. E agradeço.

Maurício ficou satisfeito. Após ajudá-lo a organizar a mesa do café para que fizesse a refeição, despediu-se com uma leve tapinha no ombro do esquisito senhor e saiu, tão rápido como entrou.

Caminhando na calçada, após fechar a porta da casa com cópias das chaves que sua mãe havia providenciado, foi meditando a propósito da interlocução com Mariano.

Sim, ele era incomum. Parecia imerso em seu próprio mundo mental. Sério demais. Aparentava estar absorto, indiferente à tudo. Porém, não era raro Maurício se surpreender com a percepção de Mariano, sua inteligência acentuada e observações absolutamente pertinentes que respondiam indagações, resolviam questões intrincadas, como quando comentava algum evento político após ler o jornal local, instigado pelo rapaz. E falou em voz alta, para si mesmo:

— É. Natal é exatamente sobre isso. Sobre acolhermos uns aos outros. E aceitarmos as pessoas como são.

E Mariano, tão introspectivo e cidadão exclusivo de seu universo particular, nunca passou um Natal sozinho, desde que Dirce se foi.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado “Para nossas meninas”, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MILHARES DE
LEITORES**

APENAS

R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br



COISAS DE DRAGÕES

POR NEY ALENCAR



“Um dragão dorme com os dois olhos abertos,
Mas fuja se ele os fechar,
É morte certa!”

— Antigo Ditado Anão

Caçar dragões é uma arte ingrata!

Para os dragões, principalmente, e em menor grau para os próprios caçadores.

Certa vez, e toda boa história começa com uma certeza duvidosa, Dandeliona caminhava rumo ao precipício de pedra que servia de entrada para a Caverna Carmesim Ardente, domínio de Rubrigário, o dragão vermelho, cuja fama de mau hálito e mau humor disputava acirrada corrida, sempre empatada em primeiro lugar.

A guerreira era uma visão que faria qualquer trovador se engasgar buscando rimas melhores com as quais pudesse conquistar-lhe o coração duvidoso.

Alta, esguia, com um olho verde e outro azul que brilhavam com duas intenções diferentes, vestia o corselete de malha dourada, terrivelmente bem ajustado, que abraçava seus seios como se a própria armadura tivesse orgulho de sustentá-los.

Nas mãos, carregava as lâminas que já haviam feito reis tremerem e demônios reconsiderarem pactos: a espada larga Ciúme na direita, que brilhava com uma exasperação própria, e a comprida adaga Inveja na esquerda, cuja lâmina fina parecia sempre pronta a sussurrar maldades.

Ao seu lado vinha Suindérius, o mago, um personagem magro, desengonçado, olhos verdes que se escondiam por trás de sobrancelhas eternamente em arqueamento crítico, e a pele morna e avermelhada como quem já se queimou tanto estudando magia que acabou ganhando o rubor permanente dos precipitados alquímicos que tanto manejara sem os devidos cuidados advindos da experiência da arte.

Vestia um robe azul-escuro cheio de bolsos que pareciam guardar mais poeira do que componentes arcanos, e fumava seu enorme cachimbo de cabo prateado.

Fumava sempre. Fumava em momentos tensos, alegres, perigosos, proibidos, e especialmente naqueles em que fumar era justamente o que não deveria fazer!

— Tem certeza de que o bicho vai estar dormindo? — perguntou Dandeliona, a experiência ditando uma cautela inaudita quando se tratava de bestas mágicas de alta catadura, erguendo Ciúme para afastar uma teia de aranha curiosamente organizada como um vitral gótico.

— Absoluta! — respondeu Suindérius, tragando tão profundamente que a brasa do cachimbo parecia uma estrela decadentíssima — Dragões vermelhos dormem profundamente ao entardecer. É um hábito ancestral!

Dandeliona ergueu uma sobrancelha e moveu um olho, o azul preferencialmente ao verde, mais tímido.

— E você sabe disso por quê? — sem sombra de dúvida uma questão importante que poderia decidir todo o transcorrer da aventura.

O mago soprou uma grande nuvem translúcida de fumaça violeta, que foi rapidamente levada embora por um vento curioso.

— Li num pergaminho muito respeitável e de difícil aquisição! — uma resposta válida ainda que inócua.

O problema é que o pergaminho, embora respeitável, falara também sobre como os dragões tinham olfato sensível, informação que o mago, por puro acaso ou negligência crônica, escolhera ignorar.

Coisa que por vezes podia ser fatal na arte!

A caverna se alargava diante deles como a garganta de um colosso de pedra.

Dentro, o ar tremeluzia com o calor acumulado e carregava um cheiro mineral e ácido, como metal recém-derretido.

Em algum lugar no fundo, um ronco surdo se alternava com pequenas tremidas no solo, sinais inequívocos de que Rubrigário, o Terrível, ressonava satisfeito.

Ou melhor: ressonava quase satisfeito!

Assim que Suindérius entrou meio passo a mais que Dandeliona, o dragão abriu um dos olhos com curiosidade.

A fenda vertical brilhou num dourado febril.

As narinas estremeceram.

O monstro ergueu a cabeça colossal, deixando rolar das escamas um brilho vermelho-vivo como brasas quebradiças que crepitaram pelo ar parado.

Farejou. Farejou de novo. E sorriu, mostrando os dentes como facas afiadas, enfileirados na bocarra arreganhada.

— Eu... acho que ele me notou — sussurrou Suindérius com um tremor perceptível na voz avassalada pelo medo pânico.

— Por quê? — instou Dandeliona, dando um passo atrás, só por precaução.

— Ele está... sorrindo. — conseguiu sussurrar o mago quase como uma desculpa.

Rúbrigar deu uma fungada profunda, tão potente que Suindérius foi puxado um passo para frente como uma folha descuidada agarrada por um redemoinho cheio de escamas e garras.

O dragão então abriu as asas com preguiça magnífica, e falou com voz que parecia feita de rochas se desfazendo numa queda eterna, o interior da caverna ribombou perigosamente.

— Quem ousa trazer tabaco à minha caverna? — o tom divertido e sarcástico da pergunta escondia as nuances tão bem conhecidas da artimanha matreira que por vezes tomava conta dos dragões, assim como dos gatos, quando querem brincar com sua presa.

O mago empalideceu.

— É... e-eu. Desculpe, majestoso senhor do fogo eterno... — era uma tentativa vã de ganhar tempo para uma fuga desesperada, e como era de se esperar, não funcionou.

Não houve tempo para mais desculpas.

Rubrigário inspirou, inflou o tórax titânico e lançou uma baforada de fogo tão vasta que pareceu iluminar o mundo com o nascer de um pequeno sol.

Dandeliona puxou o escudo que trazia às costas rapidamente para frente do corpo e deu três passos para o lado, evitando as labaresdas que apenas chamuscaram suas botas novas de foca que acabara de comprar à um custo deveras elevado no mercado da cidade mais próxima.

O clarão engoliu Suindérius até as botas.

Só não engoliu Dandeliona porque, no instante preciso em que o dragão expeliu as chamas, ele se engasgou de tanto rir ao ver o mago voando para trás como uma tocha humana acrobática.

— HahahAHAHAH— cof cof cof —HAHAHAHA!

Era de fato raro ver alguém flambado tão depressa e de forma tão efetiva.

Até mesmo para padrões dracônicos.

Dandeliona, ainda protegida pela sombra de uma estalagmite, observou horrorizada, e com certo constrangimento da parte dela, o mago virar carvão fino.

O cachimbo, pelo menos, sobreviveu por alguns instantes até estalar em cinzas.

— Suindérius... — murmurou ela, com uma resignação que só amizades longas conhecem.

O dragão continuava rindo.

Rindo tanto que se deitou de costas, batendo uma das patas na pedra, cuspidando pequenas fagulhas engasgadas em um ríctus de dor e divertimento.

Quando enfim conseguiu parar de rir observou, para sua surpresa, a silhueta esguia e bem delineada da guerreira parada ao lado de sua cabeça.

Resignou-se ao fato!

Dandeliona, mais que depressa enfiou Ciúme, ponta, lâmina e copos, olho adentro do dragão com uma manobra tão conhecida e letal que sabia-se muito bem porque os dragões evitavam abaixar a cabeça durante as lutas.

O monstro desabou sem um suspiro!

E assim, graças ao humor impróprio de Rubrigário, Dandeliona escapou com vida e com o tesouro.

Três horas depois, ainda suja de fuligem e frustração, a guerreira terminava de arrumar o saco de moedas, as três arcas e o fio de cabelo cuidadosamente enrolado, olhando para as botas com um olhar crítico.

Era tudo o que precisava para ir ao Templo de Lum, onde os sacerdotes, generosos, mas nunca gratuitos, podiam reatar o fio tênue entre corpo e espírito do mago.

E assim, diante do altar resplandecente, com as notas prateadas do ritual ecoando pelo ar e o fio de cabelo lançando seu mínimo brilho melodramático, Suindérius retornou ao mundo dos vivos, tossindo fumaça residual.

— Dandeliona... — disse ele, abrindo um olho — Funcionou?

— Funcionou, mas gastei meu ouro de emergência. — explicou ela com um muxoxo.

— Hm. Ainda bem que não era meu ouro.

— Eu sei — respondeu ela, com uma impaciência quase terna — E vamos conversar depois sobre fumar em cavernas.

O mago abriu os dois olhos, igualmente verdes, igualmente culpados.

— Talvez eu devesse parar... — uma constatação pueril.

— Talvez você devesse parar de mentir pra mim — ela retrucou acabando de pagar o sacerdote.

Uma longa pausa seguiu-se.

— ...posso pelo menos comprar outro cachimbo? — um pedido justo.

— Não!

E assim começava mais uma história, como tantas outras, em que Dandeliona tentava não matar o próprio mago antes que o próximo dragão o fizesse, talvez com êxito!

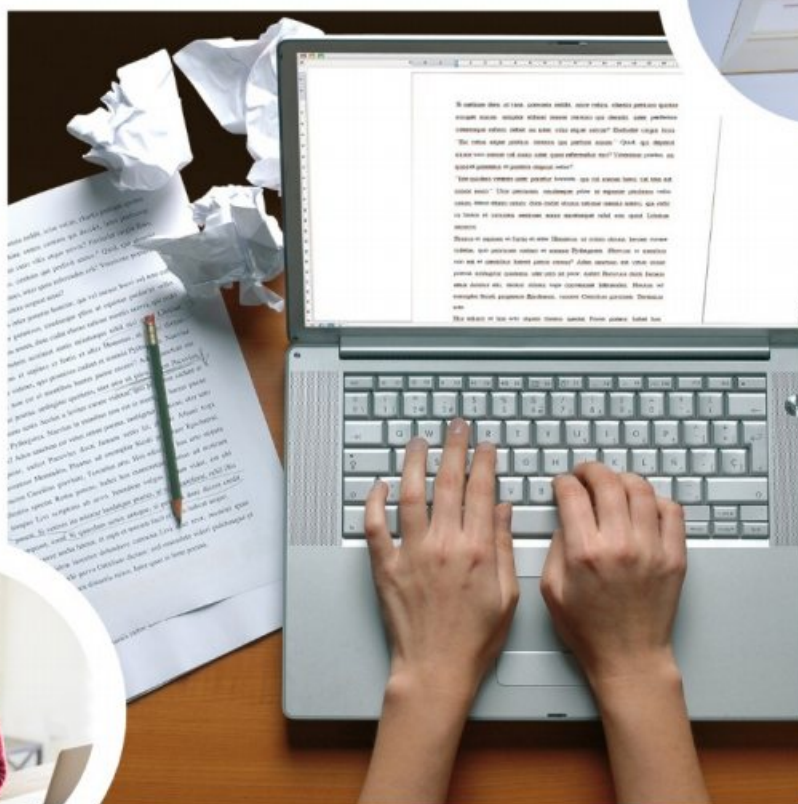


Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br

A VENDEDORA DE LARANJAS

POR RAUL SCHAEFER FILHO



O semáforo reflete a luz vermelha. Lucélia é rápida quando salta no asfalto e apresenta a laranja quase na face do freio: “olha a laaaraaannjaa! Vai uma aí, tio?” Poucos acabam comprando. Alguns por dó mesmo, um sentimento que aflora e não explica, só move. Vendo aquele ser mirrado e sujo, braços e lado da cabeça ulcerados, a pular feito um acrobata por entre os automóveis, de janela em janela, a verdade é que proporciona temor aos motoristas. Quando não, provoca mesmo uma repulsa, um asco. Aquele momento inexplicável de ir embora.

Todos os dias Lucélia está ali, debaixo do semáforo, naquele azáfama, esperando fechar e fazer parar os carros. É quando ela corre, salta, e com ligeireza oferece laranjas aos motoristas. Passa o dia quase inteiro naquele cruzamento. Come pouco ou nada, para que a fêria do dia chegue da melhor e mais precisada maneira às mãos da mãe e de seus irmãos ainda pequerruchos.

O sol da manhã escaldava o asfalto e as pessoas. Os carros tinham pressa. Os motoristas, suarentos, também mostravam impaciência. De repente o trânsito foi interrompido. Ninguém passava além da sinaleira. Um assalto a banco se realizava logo em frente. Movimento. Pânico. A polícia troca tiros com os meliantes. Lucélia, cesto de laranjas pendurado no braço magro, sai lépida por entre o zigue-zague dos veículos e busca desesperadamente um local de proteção. Abriga-se por detrás de uma placa de aviso qualquer. O tiroteio está brabo, intenso. Tem gente jogada, escondida, por baixo dos automóveis na tentativa de evitar o pior, por certo. Sem mais, cessam os disparos. Um dos carros arranca forte e com os rodados chiando. Instante em que se ouve uma tremenda explosão, estilhaços espalham-se por todo lado. Policiais e transeuntes desorientados deitam falação. A fumaça e o odor de pólvora, com a brisa, se esvaem. Aglomeram-se as pessoas. Percebe-se laranjas por todo o asfalto. Uma menina num pedaço do chão escuro cobre-se de sangue. Já não há pulo por entre os carros. O semáforo apagou. Laranjas não há mais.



Raul Schaefer formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis, tendo participado de várias antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**“Um livro é um sonho que você
segura com as mãos.”**

- Neil Gaiman





POR ROBERTO SCHIMA

MEU AVÔ ERRANTE

1 – SUKETOKI

Por onde começar?

Pode me chamar de Robi.

Eu sou neto de japoneses, *sansei*.

Suketoki era o nome de meu avô materno.

Sim, eu sei, soa gozado aos ouvidos tupiniquins, algo como "toc-toc". Ele nascera no Japão em 01/03/1905 e desembarcara do *Montevideo Maru* no Porto de Santos em 02/11/1933, aos vinte e oito anos. A princípio, fora trabalhar em uma fazenda chamada São Bento, juntamente com a esposa, Sueko, de vinte anos, minha avó. Estranhos numa terra estranha. Traziam o primogênito, Hiroyoshi, de apenas um ano. Não falavam patavina de Português e, a bem da verdade, jamais fizeram questão de aprender, principalmente durante a II Guerra Mundial, quando foram hostilizados e tiveram até seus álbuns de família apreendidos — para não dizer roubados — pelo governo. A mágoa atingira-os em cheio. No meio tempo, o filho também viera a falecer por falta de assistência médica, coisa comum naquela época. Ambos os fatos só reforçaram um sentimento de reclusão. Outros filhos vieram, mas Hiroyoshi, além de primogênito, fora o único de fato japonês, aquele que os acompanhara através de meio mundo na solidão dos oceanos. Uma perda dolorosa e irreparável. Anos depois, e após inúmeros percalços, vieram dar na capital paulista onde, por algum tempo, ele mantivera uma loja de discos e instrumentos musicais chamada Aitiku no tradicional bairro da Liberdade.

A fim de se refugiar da dor, minha avó Sueko voltara-se para as plantas. No quintal da frente, nos corredores laterais e, principalmente, no enorme quintal do fundo de casa cultivara bambus, árvores frutíferas, arbustos e centenas de flores de diferentes espécies, formatos e tamanhos, dentro e fora de estufas. Era quase um pequeno jardim botânico a atrair uma grande variedade de borboletas. Recordo-me dos queixumes de minha mãe: "Ela gosta mais daquelas plantas do que dos filhos!"

Já meu avô ensimesmara dentro dos próprios pensamentos, um mundinho particular feito de silêncio, olhares sonolentos e um semblante distante. Como seria esse mundinho? Mistério... Na meia idade, erguera um barracão de madeira e telhado de amianto onde guardava suas tralhas. Passava os dias a martelar, serrar, soldar, parafusar, consertar e montar. Proibira terminantemente os filhos de se aproximarem do local, o qual era mantido trancado a cadeado.

Toc-toc, toc-toc, toc-toc-toc...

Crec-crec-crec-crec-crec...

Nbac-nbac-nbac-nbac...

Era o que se ouvia.

A bem da verdade, eu não presenciara essas atividades. Sequer era nascido. Em minhas recordações mais antigas, ele já estava aposentado, aspecto cansado, vista fraca, movimentos vagarosos, gestos em *slow motion*. De frente alta e cabelos ralos completamente brancos, passava boa parte do tempo a dormir numa espreguiçadeira ao ar livre, entre o barracão e uma das estufas de minha avó, à sombra de um caquiseiro. Era

como se tivesse optado voluntariamente pelo refúgio interior à dolorosa realidade, mas sem abrir mão do odor de terra úmida dos jardins, da consciência de ter o céu azul por teto e do frescor da brisa em seu rosto.

Então, acontecera o evento que me levara a compor o presente relato.

Viera do alto, para além dos pássaros e das nuvens.

Do céu, sim, lá do distante céu...

2 - FUINHA

Foi durante uma madrugada de domingo para segunda-feira.

Um vizinho estava fora de casa, gritando abestalhado:

— E-e-está vindo! Tá vindo!... E-eles estão vindo!

Numa irritação crescente, eu abri a janela.

— Quem diabo tá vindo, Henrique? — perguntei, bocejando. — *Pelamordedeus*, são quatro e meia!

— Uma coisa, Robi, um mundo... Um planeta!

Henrique — um camarada da minha idade, sem queixo, olhos grandes tornados maiores por causa dos óculos fundo de garrafa — fitava o firmamento e rodopiava feito um pião perto de perder a força. Era do tipo esquisitão, fanático por discos voadores, Triângulo das Bermudas, assombração, Yeti, o Monstro de Loch Ness, deuses astronautas... essa baboseirada toda. Adorava uma teoria da conspiração a ponto de afirmar categoricamente ter o Clodovil morrido de morte matada por não ter papas na língua ao expor os podres de Brasília. Ainda que assim o fosse, alguém de fato se surpreenderia? Tanto quanto o assassinato do PC Farias não ter dado em nada. Acompanhei o olhar errático do vizinho, mas tudo o que pude ver foi a escuridão da noite e uma ausência completa de estrelas por causa das nuvens, da poluição e das luzes da cidade. O cara de fuinha gritou:

— É como o Oumuamua... Mas muito maior... Um planeta!

— Omua... quem? Cê tá bêbado, homem?

— Oumuamua... É havaiano!

— Que me importa se é havaiano, japonês, cearense ou do raios parta? Deixe-me dormir!

— Você não entende, Robi? Oumuamua veio do espaço interestelar numa velocidade descomunal. Viajou durante bilhões de anos, quando o Sol sequer existia, até chegar aqui para, em seguida, sumir para sempre. Era vermelho escuro, comprido feito um charuto. E acelerou durante sua partida... Acelerou! Alguns acreditaram que fosse artificial... Uma nave espacial!

Demorara para ele se referir a homenzinhos verdes. De minha parte, estava a ponto de perder a paciência, pois enfrentaria bastante amolação logo mais no trabalho. Respirei fundo e falei de forma pausada como se lidasse com uma criança:

— E eu quico? Pode ser interessante, Henrique, mas preciso manter os pés no chão. E não vou conseguir se não aproveitar as últimas horas de sono!

— Mas, Robi...

— Boa noite... Ou melhor, BOM DIA!

Com estrondo, cerrei a janela, e deixei-o tagarelando sozinho.

— Que saco! — resmunguei.

Criança não, um chato esquisoide isso sim.

Felizmente, sua gentil esposa saiu de casa e encerrou a novela:

— Vem já pra cama, desgraceira! Ou vai levá uma panelada no meio da testa!

A contragosto, ri com meus botões. Henrique que se danasse entre devaneios, delírios e rodopios. Pela milésima vez, perguntei-me como ele conseguira se casar.

3 - NO TRABALHO

— Que saco! — tornei a resmungar.

Quando as pálpebras se ergueram e me levantei da cama, a sonolência ainda tomava conta de todos os meus ossos e a cabeça reverberava feito um sino de igreja. Estava mal humorado e pouco me importei ao me deparar com a cara fechada do Fuinha tão logo saí para o trabalho. Ele que se ferrasse! Dó tive de sua mãe por tudo o quanto xinguei o pé no saco. O sujeito labutava na boa, quando e como queria, fazendo *home office*. Não precisava se preocupar com trânsito, fumaceira, buzinas, multidões ou a síndrome de napoleão do chefe. Eu sei, eu sei... Invejinha santa a minha. Foda-se! Eu andava apurado no serviço, sendo sempre exigido mais e mais sem a devida compensação. Apesar dos elogios e tapinhas nas costas, eu sabia que chegaria um momento quando não daria mais conta. E, via de regra, você só era bom enquanto fosse útil. Do jeito que andava o desemprego e minhas contas em atraso, via-me, conforme diziam os mais velhos, num mato sem cachorro. Ou seja, fu(@#\$\$%)!

Entretanto, qual não foi a minha surpresa ao encontrar todos no escritório — inclusive o "napoleão" — apalermados ao redor de uma TV portátil.

— De quem é a televisão, Perez? — sussurrei para o mais próximo.

— Do chefe.

— O que tá rolando?

— Não ficou sabendo, Japa?

— Se eu soubesse, não perguntava.

Ele quase gritou em meus ouvidos como se o palerma fosse eu:

— É um planeta errante!

Ecos do palavrório de Henrique pipocaram no meu cérebro feito *flashes* em festa de casamento.

— Vem do espaço profundo — continuou o colega — como o "Muamua".

— Oumuamua — corrigi, fingindo-me de esperto.

— É isso aí, Japa. Agora, quieto!

Aproximei-me do aparelho a fim de ouvir melhor o noticiário.

Um tom teatral de apreensão permeava a voz da âncora do telejornal — tão bela e peituda quanto ignorante daquilo que falava — ao citar um temor antigo sobre mundos em colisão. Refletia diversos finais de mundo alardeados por idiotas de diferentes gerações. Talvez o fenômeno pudesse ser intitulado de "Síndrome do Dinossauro" em face do asteroide responsabilizado pelo fim de tais criaturas. Senão uma catástrofe digna

de Immanuel Velikovsky, a matéria externava o pavor das forças gravitacionais do planeta errante afetarem as órbitas dos corpúsculos da Nuvem de Oort, do Cinturão de Kuiper ou da faixa de asteroides entre Marte e Júpiter. Cogitava-se sobre influências desastrosas na maré e consequentes *tsunamis* de proporções globais. Sinceramente, fiquei mais irritado pela beldade pronunciar "tissunami" em vez de *tsunami*. Qual a dificuldade? Por acaso ela dizia "mitissubishi"? Coisa de retardada...

Mas, fim do mundo ou não, chegou um momento em que o diretor surgiu de surpresa, deu uma boa ensaboada no chefe por toda aquela ociosidade. Este, por sua vez, ensaboou a todos nós por uma distração que ele próprio patrocinara.

A televisão foi desligada.

A pilha de serviço foi distribuída.

O mundo errante errou mais no espaço.

E, bem escorregadios, pusemo-nos a trabalhar.

Reconheço ter a curiosidade despertava pela coisa:

Oumuamua.

4 - PEREGRINO

Fora o primeiro e histórico caso documentado de um corpo celeste interestelar, um visitante do espaço exterior. Seu nome, tão estranho quanto Suketoki, tivera origem havaiana devido ao observatório responsável por sua descoberta situar-se no respectivo arquipélago vulcânico. O fato ocorrera em 19 de outubro de 2017 e, imediatamente, ressuscitara ecos sobre os enigmas do Universo e o fascínio pelo desconhecido — os quais entrara em dormência por décadas face a banalização da exploração espacial. Fãs de ficção científica evocaram o romance *Encontro com Rama*¹ de Arthur C. Clarke. Tratara-se de um evento excepcional, talvez mais pelas reflexões suscitadas do que por sua própria natureza, já em si excepcional. De que confins do espaço viera? Por quantas eras viajara de seu ponto de origem até alcançar o Sistema Solar? Por que empreendera tamanha jornada? Teria sido parte de um invólucro semelhante à Nuvem de Oort? Seria o fragmento de um corpo astronômico maior? Sua composição revelaria alguma peculiaridade, quiçá traços biológicos? Bem poderia ter iniciado a viagem milhões de anos atrás, antes do aparecimento do Homem na Terra ou do surgimento dos dinossauros ou da aparição da vida ou ser até anterior ao nascimento do Sol, por si uma estrela de segunda geração. Ah, quão extraordinário não seria se imaginar um habitante desse misterioso objeto a vagar por bilhões de anos através da eternidade!

Lastimavelmente, a descoberta de Oumuamua ocorrera quando o objeto já se distanciava do Sol. Esse explorador do espaço jamais retornaria, perdido para sempre no vácuo cósmico. Em todos os pesquisadores, deixara um sentimento de admiração, mas também de frustração, de pesar, de perda e de vazio. Se ao menos um fragmento tivesse sido coletado! Se ao menos uma sonda tivesse sido plantada em sua superfície! Até existira uma proposta nesse sentido, denominada Projeto Lyra, todavia, nunca saíra do papel.

¹ *Rendez Vous With Rama.*

— Jamais teremos outra oportunidade! — choramingaram.

E eis que, de repente, algo maior e mais inacreditável emergiu das profundezas.

Não um cometa.

Não um asteroide.

Não uma espaçonave.

Mas um mundo inteiro!

Tratava-se de um planeta órfão, ou seja, um corpo celeste do tamanho aproximado da Terra a rolar pelo espaço sem orbitar estrela alguma.

— Não é possível! — gritaram os astrônomos.

Cientistas se extasiaram, alguns até entraram em choque. Bateram-se uns contra os outros feito baratas tontas ou garotinhos ao redor de um bolo de aniversário. Queriam saber, provar, cheirar e tocar. Era inimaginável que semelhante encontro ocorresse justamente agora, dentro de um período de quatro bilhões de anos e meio da história da Terra e não muito tempo depois de Oumumua. Era sorte demais viver no ínfimo intervalo de tempo no qual o planeta errante, seguindo uma órbita hiperbólica, viria para um encontro com o Sol. No entanto, o impossível tornara-se realidade. A boa fortuna cintilara a todos. Houve até aqueles que, não obstante a mente analítica, murmurassem a palavra "milagre" e, às escondidas, agradecessem pela boa sorte à divindade de sua predileção.

Como de hábito, porém, não faltaram os catastrofistas, os místicos, os adivinhos, os oportunistas e os supersticiosos a entoarem suas familiares ladainhas. Embusteiros da desgraça, inflados de lero-lero, pululavam qual uma chaga sazonal sem cura ou urubus a pavonear ao redor de carne podre.

— Vendo a cura pro apocalipse!

— É castigo de Deus. Arrependei-vos!

— Vai colidir com a Terra!... O fim do mundo!

— Foi previsto pelos astros... É uma configuração maligna!

— Mudará a órbita terrestre: terremotos, maremotos, furacões, enchentes...

— Os alienígenas invadirão nosso planeta como naquele filme... Vão nos atacar, diacho!

Por parte da imprensa, o estardalhaço foi compreensível, afinal, confusão, ignorância, violência e bastante sensacionalismo faziam parte do cardápio, rendiam audiência e bons dividendos.

Apenas a uma minoria foi reservado o privilégio de reacender questionamentos existenciais, filosóficos e reflexões sobre as profundas implicações da visita. Não se referia à fantasias sobre alienígenas cabeçudos, calvos e de olhos grandes, ou humanoides escandinavos em trajes prateados, mas a aparição do planeta em si. E, agora, a situação pesara a favor dos cientistas, pois, a descoberta se realizara enquanto o objeto ainda se aproximava do Sistema Solar. O clamor entusiasmado tornou-se óbvio:

— Precisamos alcançá-lo!

O órgão internacional de astronomia, com a sua chatice e falta de tato típicas, batizou o astro com uma extensa denominação técnica composta pelos sobrenomes dos descobridores mais uma sequência de alfanuméricos. Alguém mais sensato aventou à boca pequena sobre a possibilidade de dar um apelido, assim como fora feito com a

australopiteco Lucy. Todavia, coube a um jornalista chegar à frente. Fez estampar na primeira página o nome que se tornaria popular no mundo inteiro. Não sem surpresa, havia algo de sensível, lírico e intimamente apropriado:

"Peregrino".

5 - CABEÇA DE GORGULHO

Foi pouco depois do almoço.

Num fim de semana, visitei meus avós maternos.

Residiam na mesma rua, cerca de meio quilômetro de distância.

Podem chamar de intuição, divina providência ou outra baboseirada qualquer.

Eu chamo destino.

Sem nenhuma surpresa, encontrei minha avó Sueko concentrada, diante de suas inseparáveis plantas. Entre orquídeas, jasmims, cravos, bromélias e suculentas, no momento, a baixinha dedicava atenção às carnívoras: dioneias, dróseras e nepentes. Borrifava água e retirava detritos. Deveria estar serena em sua atividade predileta, mas havia algo de estranho em seu comportamento. Em vez do semblante contemplativo, absorto à delicadeza dos espécimes, estava agitada, furiosa e resmungava frases no idioma natal que eu — enquanto bom "japonês do Paraguai" — pouco ou nada entendia.

— O que é que foi, bá?

Ela nunca fizera questão de aprender Português, embora tivesse entendido meu tom de interrogação. Gesticulou na direção do barracão e esbravejou mais alto:

— *Kusottare! Roba! Okama!*

— Bá! — censurei, entre a surpresa e o riso.

Ah, sim, algumas obscenidades nipônicas eu havia aprendido!

Ela me ignorou, corada e zangada, retornando às plantas. Não sem antes fuzilar outro olhar mortífero para a velha construção de madeira. Fez-me pensar numa versão japonesa, travestida e contrariada do genial ator Danny DeVito. Sem deixar transparecer, sorri perante a comparação.

— *Kutabare!*

Em seu refúgio, meu avô não se deu ao trabalho de responder. Duvido sequer que tenha escutado. Da varanda onde eu me encontrava, ouvi a barulheira vinda do barracão.

Toc-toc, toc-toc, toc-toc-toc...

Crec-crec-crec-crec-crec...

Nbac-nbac-nbac-nbac...

O que estaria aprontando? Conforme eu mencionara no início, atualmente, o velho Suketoki não passava de um idoso cansado. Dormitava a maior parte do tempo na espreguiçadeira sob a luz da tarde. Nada parecia capaz de removê-lo do lugar ou alterar-lhe o (des)ânimo. Então — por todos os milenares *kamis* do Japão —, o que significaria aquela barulheira? Era uma mistura ruidosa de lataria, madeira, serrote, marteladas, brocas e sabia-se lá mais o que. Poucas vezes e ainda criança, eu entrara naquele lugar e sempre às escondidas. Lembrava-me da obscuridade sinistra, das teias de aranha, da poeira milenar, do cheiro de madeira mofada e de terra úmida. Havia objetos diversos

encostados ou pendurados pelas paredes; pendiam também das vigas e fariam pensar em corpos enforcados não fossem os sons metálicos de tilintar. Para mim, o barracão representava o medo instintivo de cantos escuros, criaturas rastejantes e fantasmas.

— Di! — chamei do lado de fora, mãos em concha.

Os barulhos prosseguiram ininterruptos.

Toc-toc, toc-toc, toc-toc-toc...

Crec-crec-crec-crec-crec...

Nhac-nhac-nhac-nhac...

— Ei, Di! — insisti.

Então, meio sem paciência — não obstante o receio infantil —, aproximei-me e empurrei a porta. Conforme não poderia deixar de ser, ela rangeu nas dobradiças, evocando castelos assombrados. Fui impactado pelo odor de ferrugem misturado ao de serragem e bolor. A vista levou algum tempo para se habituar à penumbra. Como eu me recordava, havia tranqueiras dignas de um ferro-velho: chapas de metal, pesos de chumbo, frascos de plástico ou de vidro, bobinas, motores, fios elétricos, garrafas vazias — ou nem tanto —, relógios quebrados, rádios, televisores, telefones fixos e outros eletrodomésticos, chapas de zinco, jarros cheios de parafusos, pregos, arruelas, porcas, engrenagens e outras miudezas. Em três eletrolas cobertas de poeira, lia-se nas plaquetas de metal: "Aitiku", a antiga loja de vovô. O único sinal de organização era a bancada de ferramentas. De repente, uma coisa grande e desproporcional surgiu ao fundo, de um canto escuro e caminhou em minha direção.

— AAAIII!!! — gritei de pavor.

Tomara um baita susto, recuara um passo e quase caí de bunda no quintal.

A tímida luz do início de tarde cuidou de resolver.

A "coisa" medonha era o di Suketoki.

— Mas que porr...

Custei a reconhecê-lo, não fosse pelas calças largas de suspensórios e os chinelos de feltro. Enfiado na cabeça, trazia um estranho capacete repleto de protuberâncias. Assemelhava-se à geringonça do Dr. Emmett Brown, personagem do filme *De Volta para o Futuro*², interpretado por Christopher Lloyd. Só que o trambolho do meu avô era maior e mais grotesco.

— Di?!

Ainda sem pronunciar uma sílaba — seja como for, ele não compreendia patavina de Português —, pegou-me pelo braço e me arrastou até o fundo do barracão. Ressabiado, deixei-me conduzir, mas logo a desconfiança cedeu terreno à curiosidade e à franca admiração pela quantidade de quinquilharias. Não imaginava o quanto di Suketoki tinha de acumulador compulsivo e nem o quanto poderia caber dentro do modesto barracão. Tampouco deixei de notar a sua energia rediviva ao retomar às atividades de outrora. Apanhou outro capacete esquisito, o qual possuía uma espécie de tromba e, sem a menor cerimônia, meteu-o na minha cabeça. Abestalhado, continuei a deixar-me levar. Um fio espiralado saía da nuca e ligava a geringonça a um painel na bancada. Em seguida, o velho girou um botão e apertou uma tecla. Após o "clic" houve uma ligeira vibração e diferentes ruídos de estática, chiados e zumbidos. Então, ele apanhou um microfone e

² *Back to the Future*, Robert Zemeckis, 1985.

balbuciou algo em japonês. De repente, tive um sobressalto. Dentro de minha cabeça escutei a sua voz... Veio em Português! Dizia:

"Está me entendendo?"

— AAAAIIIIII!!! — berrei de novo, com mais vogais, espantado.

Meu avô deve ter compreendido como *Haaaaiii!* — Siiim! —, pois emendou.

"Que bom, Robi! Deu certo, deu certo, deu certo... O dispositivo tradutor deu certo!"

Fiquei atônito, incrédulo e abobalhado. Assim, vislumbrei o seu lado criativo, prodigioso e absolutamente desconhecido para mim. Era um cientista e inventor autodidata, um sábio *steampunk* oriental migrado para o terceiro mundo por força da necessidade.

Fantasiado de gorgulho gigante, eu quis saber:

— Como fez?... Como conseguiu...

"Sem tempo!", retrucou ele. *"Cuide de sua avó."*

— Como assim?

O velho suspirou, impaciente. Silenciou um instante como se sopesasse as palavras.

Por fim:

"Trei para Peregrino."

Fui tomado pela confusão.

— Como assim? — repeti feito idiota.

Achei não ter escutado direito. Os barulhos de estática e zumbidos persistiam dentro da minha cabeça. Ir para *Peregrino*? Embirutou de vez? Uma coisa foi inventar um tradutor a partir de ferro-velho. Incrível, de fato. No entanto, outra, bem diferente, seria criar um meio de transporte não apenas capaz de voar, mas atingir a velocidade de fuga, sair da órbita terrestre, percorrer milhões de quilômetros e, através de cálculos mirabolantes, alcançar o planeta errante. Ademais, *Peregrino* viajava veloz na direção do Sistema Solar, e o próprio Sistema Solar movimentava-se pelo espaço. Eram engrenagens de um vasto relógio sideral. Tive de rir.

— Pegará carona num foguete? — indaguei, sarcástico. — Inventou um teletransporte?

Ele praguejou alguma coisa que nem o capacete conseguiu converter para o Português. Em seguida, feito um LP riscado:

"Cuide da avó! Cuide da avó! Cuide da avó!"

Arrancou o capacete de minha cabeça e aquele que usava. Depois, empurrou-me para fora do barracão de madeira e trancou a porta por dentro. Lá ficou o pretenso Prof. Pardal entre tábuas carcomidas, válvulas, ferramentas enferrujadas e caixotes de bugigangas mil. Um verdadeiro eremitão em sua caverna. Perdido em meio a memórias passadas e visões de um futuro que jamais alcançara, meu avô materno esquecera-se de viver o presente e do convívio das pessoas a sua volta. Agora, obstinado, dedicava-se a sua última empreitada.

6 - *TOC-TOC MARU*

Nos dias, semanas e meses que se seguiram, Vô Suketoki passava o tempo a martelar, serrar, soldar, parafusar, consertar, montar. Reservara um espaço de vinte metros quadrados no quintal, para imensa contrariedade de minha avó, pois tivera de realocar várias de suas preciosas plantas. Ao mesmo tempo em que a obra se desenvolvia, o barracão se desfazia, pois boa parte da matéria-prima vinha dele.

"Uma espaçonave de tábuas, lataria e amianto?!", pensei, meneando a cabeça.

Francamente, cogitei de telefonar para os tios a fim de frearem aquela maluquice. Moravam todos distante dali: outra cidade, outro estado, até outro país. De um jeito ou de outro, cada qual buscou refúgio de um passado cujas lembranças e dores que não eram as suas. Pensei em telefonar, entretantes, não o fiz. Tive a vaga esperança de que algum deles aparecesse para uma visita e testemunhasse com os próprios olhos o crepúsculo do homem de outono. Outra porção de mim sentia um dó tremendo do velho. Jamais o vira tão animado, tão febril, tão... vivo! Receava ver alguém tirar dele aquela obsessão, afinal, era tudo o que lhe restava. Decerto, esticaria as botas imediatamente. De forma alguma, eu carregaria tamanha culpa para o túmulo!

Então, pouco a pouco, vi a coisa crescer e ganhar forma. Não fazia lembrar de modo algum um veículo espacial do tipo *Júpiter 2* ou *Enterprise*. Era mais uma escultura monumental de arte surrealista criada a partir de sucata por um hippie de zóio rasgado da terceira idade, chapado de LSD.

Minha preocupação maior era com a saúde do di. Temia vê-lo cair da escada, padecer de estafa ou ter um infarto. Suava feito um porco no rolete, os ralos cabelos grisalhos empastados na testa. Mas ele não dava mostra de cansar ou esmorecer.

— Aquieta o facho! — eu dizia.

E ele, quando ouvia, mandava-me parar de chateá-lo.

Meio de má vontade, minha avó trazia bolinhos de arroz, algas secas, conservas e peixe grelhado. Incomodada pelo barulho, fitava toda aquela bagunça num misto de raiva e desdém. Fazia gestos a indicar ter o marido perdido o juízo.

Não seria eu a contrariá-la, porém, tampouco dar-me-ia a satisfação ao concordar.

Quando, por fim, o di Suketoki deu o trabalho por concluído, utilizando novamente o estranho capacete, pediu-me:

"Pinte o nome da espaçonave no casco."

— Que nome? — perguntei, novamente transformado em gorgulho.

"Quero batizá-lo de Miyazaki Maru, porque Miyazaki foi a terra onde nasci."

— Por que não escreve em japonês em vez de eu escrever em português?

"Vivi mais tempo nesta terra do que no Japão, então, terá um nome japonês escrito em português."

Depois de toda a trabalhadeira que ele tivera, não me restava outra alternativa senão atendê-lo. E assim o fiz, buscando um espaço naquilo que sequer poderia ser chamado de fuselagem. Todavia, por pura molecagem, ciente de que ele não saberia ler e tampouco aquela monstruosidade sairia do chão, pinte: *Toc-Toc Maru*. Quando dei por concluído, ele

me fez descer da escada e, sem mais nem menos, expulsou-me da sua casa a fim de eu não assistir a decolagem.

Como assim, eu não poderia ver?

Era tudo o que me faltava!

Fiquei furo da vida.

— Mentiroso!

E parti.

7 - ANFITRIÃO

Nesse meio tempo, um consórcio mundial construíra a sua própria astronave. Sim, entre todas as hipóteses fantasiosas concebidas para explorar *Peregrino*, tal cooperação fora a maior das ficções. Só que, de fato, acontecera. Desavenças, rivalidades, intrigas e espionagens à parte, foi difícil imaginar a colaboração entre capitalistas e comunistas, judeus e muçulmanos, primeiro mundo e terceiro mundo, mas acontecera. Os futuros livros de História cuidariam de registrar esse tênue período como "A Paz Inusitada". E, antes que outro jornalista abelhudo passasse à frente, os engenheiros em comum acordo cuidaram de divulgar o nome fantasia da sonda dourado-prateada: *Anfitrião*. A bandeira impressa em seu casco trouxe uma estilização do planeta Terra.

Seria tedioso deter-me nos meandros políticos, econômicos, científicos, logísticos e até militares existentes por trás do monumental empreendimento. Tampouco sou *expert* em quaisquer dessas áreas — para não dizer de área alguma... Sendo assim, partirei para os finalmentes.

Quando o gigantesco foguete partiu de uma base na Europa Oriental levando *Anfitrião* em seu bojo, entardecia nos territórios comunistas. O rugido pôde ser ouvido a centenas de quilômetros do epicentro. No entanto, aqui na república das bananas, predominou o silêncio, e os primeiros raios de sol ainda despontavam no horizonte às escuras de uma fria manhã de dezembro.

O entusiasmo pela exploração espacial, fenecido desde que o término das missões *Apollo* e das primeiras *Pioneers*, *Voyagers* e *Vikings*, retornou com força total. Havia quantos séculos, a astronáutica deixara de ocupar as manchetes das primeiras páginas ou destacava-se no horário nobre dos telejornais?

Até eu, desligado de tais assuntos por um cotidiano medíocre, vi-me envolvido, impulsionado pela insanidade de meu avô Suketoki. Lia as reportagens avidamente, buscando nas entrelinhas respostas para perguntas que sequer saberia formular. Existia um universo maior, mais belo e significativo do que qualquer quatro paredes. Eu já tinha ciência disso, claro, porém, em termos domésticos: a beleza do campo, do mar, das montanhas. Até o momento, não me vira diante das dimensões literalmente astronômicas que o *Peregrino* revelara.

Naquela manhã em particular, abri a janela de meu quarto, disposto a inspirar o resquício da madrugada, dissipar meus pensamentos na imensidão do espaço sideral e fazer-me filósofo nem que fosse de pára-choque de caminhão. Em vez disso, fui dar de cara com Henrique, ensimesmado no seu quintal, atrás de um telescópio, os óculos fundo

de garrafa acima da testa. Até pensei em dar um "bom dia", mais por cortesia forçada do que por desejar que ele, de fato, tivesse um dia bom — talvez um "diabão". Contudo, o Fuinha sequer se deu conta do barulho das venezianas ou de minha presença, tamanha a sua concentração. Meu primeiro impulso foi suspirar aliviado, sair dali e procurar outra janela — a da sala, talvez — onde pudesse meditar em paz. Pois claro estava que, ao contrário dele, paz e concentração eu não teria naquele lugar. Entrementes, antes de sair de lá, pus-me a observar o protótipo de astrônomo amador. Talvez pela primeira vez na vida, não obstante os vários anos que o conhecia, enxerguei Henrique para além do véu de sarcasmo e implicância. Não que eu não tivesse lá meus motivos para me enfezar com ele. Certa vez, durante uma reforma em casa, pegara-o no pulo, furtando alguns tijolos empilhados na calçada. Abrira de supetão a janela — a mesma na qual me encontrava — e, encarando-o cumprimentara o infeliz, perguntando se perdera alguma coisa. O miserável, na maior cara de pau, inventara uma desculpa esfarrapada qualquer e recolocara os tijolos no lugar. Horas depois, porém, eu dera por falta do material outra vez. Mais do que depressa, colocara os tijolos para dentro do quintal. Afinal, quem roubava um, bem poderia roubar dez, cem ou mil. Eu poderia ter criado caso com ele sobre isso, mas não o fizera. Remoera a minha bronca como quem esmagava uma pulga entre as unhas. Todavia, depois do episódio, sempre ficara de pé atrás com o larápio por mais que o Fuinha demonstrasse querer amizade. No entanto, agora tentei enxergá-lo através do véu da desconfiança, da antipatia e do cinismo. Relutante, fui invadido por uma pontinha — bem pequena — de admiração pela sincera dedicação dele ao *hobby*. Senti curiosidade sobre o que estaria observando através do telescópio. Conseguiria enxergar *Peregrino*, o planeta errante? Em que pensaria enquanto a mente vagava através do infinito? Por fim, fechei a janela e fui para a sala.

Nos dias e noites que se seguiram, a televisão, as revistas e os jornais — sim, ainda existiam jornais, não obstante o avanço da Internet — não cansaram de mostrar passo a passo o progresso do *Anfitrião*. Todo o tédio que pretendi evitar estava lá. Diagramas. Entrevistas. Cronologias. Fotografias. Blá-blá-blá e mais blás. Inúmeras concepções artísticas foram criadas, inflamando a imaginação de todos. Teria luas? Talvez anéis? Como seria a superfície do planeta? Suas montanhas, vales, abismos e desfiladeiros seriam muito diferentes aos da Terra? E quanto a crateras? Seu relevo abrigaria meteoritos, micropartículas ou rastros de cometas capturados durante a viagem pelo espaço? Se houvesse água na superfície, certamente estaria sob a forma sólida. Entretanto, se possuísse um núcleo incandescente, o calor gerado aqueceria o gelo das profundezas a ponto de criar lençóis freáticos ou até um mar interior? Em caso afirmativo, abrigaria vida?

Uma característica de *Peregrino* se sobressaiu. Ele era escuro, muito escuro. Seu albedo aproximava-se de zero, de maneira que mesmo o hemisfério voltado para a luz do Sol pouco revelava da superfície. "Hemisfério", aliás, acabou por se mostrar uma força de expressão. Não obstante tivesse dimensões planetárias, *Peregrino* exibia contornos irregulares, semelhantes às de um asteroide de porte médio ou da maioria das luas do sistema solar. Pouco depois, outra descoberta agitou os meios científicos: o campo magnético se mostrou intenso.

— Isso indica a existência de um núcleo metálico em fusão!

A notícia gerou euforia, dada a sua implicação.

— Há um oceano líquido sob a crosta!

Penachos de cristais de gelo surgiram a medida em que o planeta errante se aproximava do Sol, ratificando, assim, a teoria dos mares interiores. Cientistas molharam seus babadouros — Por que não fraldas? —, tamanha a ansiedade.

Oceanos!

Mares!

Vida!

A sonda dourado-prateada pousaria, exploraria os arredores por meio de suas oito pernas de aranha, transmitiria as imagens em tempo real — descontando-se as horas-luz de distância, bem entendido — identificaria a composição da atmosfera, a pressão e a velocidade do vento, tiraria milhares de fotografias, faria vídeos e o principal: destacaria um pequeno drone-toupeira cuja missão seria perfurar o solo a fim de alcançar as águas misteriosas. Seria irônico se a missão lograsse sucesso, pois por décadas especulara-se de atingir os oceanos de Europa, mas todos os projetos jamais saíram das pranchetas.

Acompanhei o progresso da nave através do espaço, singrando velozmente o éter segundo os caprichos das leis gravitacionais e da inércia.

Foi quando recebi um telefonema da vizinha de meus avós.

— Melhor você vir até aqui!

— O que aconteceu? — perguntei.

— Sua avó, a D. Sueko, está histérica!

— O que houve? Murchou uma orquídea?

Seguiu-se um silêncio abrupto. E, impaciente:

— VEM LOGO!

E bateu o telefone.

Era uma sexta-feira, e eu me preparava para ir ao serviço. Pestanejei. Hesitante, liguei ao chefe, informando que me atrasaria. Contrariado, relembrou-me as metas a cumprir e a penalidade, caso não fossem alcançadas, porém, no final, conformou-se. O que mais "napoleão" poderia fazer?

Então, minha mente sofreu um estalo:

— O *Toc-Toc Maru!*

8 - O SUMIÇO

Estela, a vizinha da casa à direita, fora quem me telefonara. Era uma moça bonita, de cabelos louros, lisos e compridos, dotada de um par de grandes olhos verdes. Bem feita de corpo, tipo violão, o que, em geral, era realçado através de roupas justas na medida certa entre a austeridade e o atrevimento, coroava os atributos o fato de ser uma pessoa habitualmente simpática, coisa rara na juventude, em geral tão cheia de si. Seu único "defeito" era ter um namorado musculoso, praticante de artes marciais. Bem, nada era perfeito. Recebeu-me no portão da casa de meus avós e foi logo se desculpando pela grosseria ao telefone.

— É o nervosismo — explicou.

— Não foi nada — respondi, ciente do decote em "V" de sua camiseta.

— D. Sueko está lá atrás.

— Claro que está!

Lançou-me um sorriso tipo Marilyn Monroe, ladeado por um par de covinhas. Barbaridade! Como não perdoar uma criaturinha assim? Desviei o rosto a fim de não ser traído por meu próprio olhar. Ah, o magnetismo daquele busto tenro e empinado... Concentração!

Fomos para o fundo do quintal.

Lá chegando, deparei-me com minha avó. Caminhava de um lado a outro pela varanda, passando a intervalos regulares sobre o cimentado onde ficava um poço desativado. Ora resmungava. Ora xingava. Ora esbravejava... E ora chorava. Eu nunca a vira chorar.

Estela, embaraçada e dada por cumprida a sua missão, despediu-se.

Não consegui deixar de acompanhar o bambolear de seus quadris e o balançar dourado dos cabelos. O perfume floral manteve-se no ar por alguns minutos, rivalizando ao das flores a minha volta. Estela... Coincidência ou não, ela trazia uma estrela no nome. Bem apropriado, considerando-se estarmos vivendo tempos tão astrais. "Tempos astrais"... Hum, creio que o Raul Seixas teria adorado tal expressão!

"Concentre-se, idiota!"

A bá Sueko!

Deixei as divagações e voltei ao planeta Terra.

Claro, a barreira do idioma foi uma antiga e familiar dificuldade. No entanto, pelos gestos, por uma ou outra rara palavra em Português e pela breve corrida feita ao posicionar-me diante do barracão, tudo se esclareceu. Melhor dizendo, aquilo que sobrara na área antes ocupada pela velha construção de madeira. E, quanto a clarear qualquer coisa, tornou-se óbvio que havia muito mais perguntas do que respostas.

— O que aconteceu? — perguntei, abestalhado. — Cadê o di?

Minha avó me entendeu tanto quanto compreendi seu palavreado seguinte.

Tudo o que sobrara do barracão fora o piso cimentado, algumas toras fincadas no chão, latas amassadas e enferrujadas, cacos de telhas de amianto, restolhos de bugigangas, pregos, parafusos, porcas e arruelas espalhados aqui e acolá. Os objetos de maior volume eram os restos desmontados de uma das eletrolas — ainda a exibir a plaqueta "Aitiku" — e o exótico capacete de tromba de elefante que eu colocara outro dia. Examinando-o, reparei numa conexão entre ele e a eletrola através do fio espiralado na parte de trás. Válvulas, bobinas, relés, capacitores, solenoides e resistores se destacavam nas placas de circuito por entre o aveludado da poeira. Era inconcebível supor que uma engenhoca daquela pudesse funcionar e, menos ainda, traduzir qualquer idioma. O que teria acontecido? E quanto ao trambolho batizado de *Toc-Toc Maru*? Na área onde estava, pouco além do caquiseiro, havia um grande chamuscado no chão. Pegara fogo? Mistério... Fiquei tentado a fantasiar que o velho voara ao espaço na nave de sucata. Loucura? O que não seria doido em toda aquela história? E, maluquice ou não, o porquê dele deixar o capacete para trás revelou-se a seguir.

Para meu espanto e de minha avó, a eletrola começou a zumbir.

— AAAIII!!! — gritei.

A bá Sueko fez o mesmo na versão nipônica.

O som emitido assemelhava-se ao de um rádio antigo sendo sintonizado. Válvulas brilharam. Senti o capacete vibrar em minhas mãos. Vibrou, vibrou e vibrou feito um telefone a chamar, mas com a campainha desligada. Na eletrola, a barulheira prosseguia:

Estalidos.

Chiados.

Zunidos.

Movido pela curiosidade — que no meu caso matara mais de um gato — meti a geringonça na cabeça, alarmando a minha avó.

— Está bem! Está tudo bem! — assegurei.

Ela compreendeu e acalmou-se, talvez concluindo ter sido o neto contagiado pela doença do avô.

No silêncio claustrofóbico do capacete, esperei. Foi quando senti um formigamento nas orelhas. Então, das profundezas da mente, oriundo sabia-se lá de quais rincões de tempo e espaço, ouvi a voz feito um eco distante:

"Cuide de sua avó."

Vovô Suketoki.

— DIIIII?!

"Entendeu, Robi? Tome conta dela."

— Mas por quê? Onde está? Pirou de vez?

Confusão e alívio se mesclaram. Desejei enfiar as mãos pelos fones, agarrá-lo de onde quer que estivesse e trazê-lo de volta. Fiquei abobado, apreensivo, desesperado até. Pensei na minha mãe, nos meus tios, na polícia... Meu avô, pelo contrário, abandonara a agitação e a impaciência. A voz rouca era de uma calma, conformismo e irredutibilidade irritantes.

"Sem tempo" — retrucou. *"Cuide de sua avó."*

— Como assim?

O velho suspirou. E a voz chegou enfatiada de distâncias inimagináveis:

"Por mais de meio século, aguentei as lamúrias dela em silenciosa resignação. Sua avó sempre me culpou por termos saído do Japão e, principalmente, pela perda de Hiroyoshi. Como se eu tivesse poder sobre o destino! Como se as dificuldades econômicas em nossa terra fosse obra minha! Como se somente ela amasse nosso filho! A dor por ela sentida sempre foi a minha... Minha! Seu desespero foi o meu. Sua mágoa foi minha mágoa. A culpa atormentou-me durante todo o tempo: cada segundo, cada minuto, cada hora, cada dia, cada semana, cada mês, cada ano, cada década. Agora, estou perto do fim, sinto isso como um verme cavoucando minhas vísceras. Fiz o melhor que pude. Minha dívida para com ela está paga. Disse-o a ela. Ignorou-me solenemente, mais atenta às orquídeas. Então, realizei minha derradeira vontade, uma entre tantas reprimidas e abandonadas."

Aproveitei a pausa e, vacilante, indaguei:

— Qual?

O silêncio se estendeu. Enfim, falou:

"Já te disse. Estou a caminho de Peregrino."

9 - DIIIII!

— CUMÉ QUI É???

Se dissesse que se tornara gueixa ou que seu corpo cobrira-se de penas, talvez eu desse mais crédito. Aquela história havia ido longe demais.

— Onde é que o senhor está? — perguntei, sério. — Onde?

Houve uma pausa generosa no aparelho, a ponto de minha avó Sueko cutucar-me as costelas.

— *Nanja?*

Eu não precisava saber japonês a fim de entender o significado. Ergui os ombros, as mãos e o beijo em resposta. O beijo ela não viu, metido que eu estava na carapaça de gorgulho. Em vez de respostas, eu só dispunha de um caminhão de interrogações para despejar a seus pés.

Finalmente, em meio à estática, a voz fraca e rouca rompeu o vácuo:

"Aqui é tão tranquilo, imenso e vazio... Se eu soubesse, teria vindo antes. Nem me recordo quando foi a última vez que fiquei mergulhado em tanto silêncio. Acho que nem em sonhos. Peregrino está a minha frente. Ele cresce a cada momento, Robi. Queria que você estivesse aqui para ver, mas duvido que a sua mãe deixasse. Não tardará para que a órbita em hipérbole o leve embora do sistema solar para sempre. É uma oportunidade única! Uma em um milhão ou até em um bilhão de anos. Eu tinha que vir. É um mundo escuro, mal reflete a luz do Sol. Então, posso deduzir que, devido a luz absorvida e convertida em calor, a superfície deve estar esquentando no hemisfério iluminado e, no perigeu, deverá estar a ponto de derreter o chumbo! Como em Vênus... Sim, como em Vênus. Preciso me acautelar. Por outro lado, Peregrino possui um forte campo magnético e um oceano líquido sob a camada de gelo e rochas, abaixo do material escuro. Confirmo a emissão de jatos de vapor como se fosse um enorme cometa. Outra coisa para tomar cuidado. Quanto a gravidade, não será problema, pois está entre a da Lua e da Terra. Espero não enjoar..."

Ouvi aquilo tão abestalhado quanto besta eu poderia ser.

O que diabo significariam todas as suas palavras?

Queria me convencer de estar no espaço?

E sobre as informações científicas?

Como aprendeu tais coisas?

Ficou caduco de vez?

Era impossível!

— Olha, di, acho melhor voltar pra casa, senão a bá terá um piripaque!

Se ele me ouviu, não fez questão de responder. Em vez disso, acrescentou:

"Ah, interessante... Um brilho saindo da Terra! Finalmente, os cientistas tiraram a bundas das cadeiras e puseram mãos à obra. Então, não estarei sozinho. Bem, Robi, logo o Sol ficará entre mim e você. Perderemos contato. Assim que puder, tornarei a chamar. Sayonará..."

Houve um chiado, seguido de um clique e, em seguida, a estática predominou.

— DIIIII!

A conexão fora interrompida.

Passei o restante do dia a apaziguar o temperamento tempestuoso de minha avó. Apenas quando a noite despontava no horizonte foi que me dei conta de que, em

verdade, a tempestade situava-se dentro de mim. Ah, claro, ela xingou e esbravejou de montão. No fundo, porém, devia ser menos pelo pesar da falta do companheiro do que por não ter mais com quem ou de quem reclamar...

10 - DOIS BRILHOS

Um boletim de ocorrência foi feito — precisei aguardar o término do fim de semana, pois, malgrado a ascensão da violência no país e para deleite dos bandidos, de sábado e domingo a delegacia fechava —, e, claro, fui interrogado ostensiva e intensivamente, como suspeito número um no sumiço do velho. Mas logo enxergaram que daquele mato não sairia cachorro, gato, coelho ou seja lá que bicharada fosse da preferência deles. Ademais, a minha avó permaneceu ao meu lado para confirmar os fatos, não obstante a falta de um intérprete o qual ninguém se deu ao trabalho de procurar. Um investigador foi até o quintal examinar os restos do barracão. Fitou desconfiado o chão chamuscado. Saiu de lá mais confuso do que quando entrara.

Uma astronave feita de entulho?

Um velho caduco singrando o espaço?

Eu pensei no teor do relatório por ele escrito.

Assim, as semanas se passaram e nem sinal de meu avô.

O caso esfriou, e as "otoridades" encerraram-no sem nada resolver.

No fim das contas, minha mãe e tios revezaram nos cuidados com a bá Sueko.

Sempre fiquei com a pulga atrás da orelha. Periodicamente, ia até o local do antigo barracão, a pretexto de ir visitá-la. (Alguma esperança de rever Estela também, confesso.) Como sempre, minha avó não desgrudava os olhos de suas plantas, mal dando conta da minha presença, cada vez mais conformada com o chá de sumiço do marido e, eu diria, até aliviada por não ter mais ele por perto para se preocupar.

Foi lá pela terceira semana desde o ocorrido que, novamente, minha atenção se fixou no velho. A âncora de seios fartos na TV alardeou o sucesso da missão de *Anfitrião*, a sonda dourado-prateada. Não obstante a complexidade dos cálculos necessários, as manobras de aproximação tiveram êxito e o pequeno robô-aranha pousou no planeta errante. O mundo comemorou. Nunca um evento anterior conseguira tamanha unanimidade por parte de diferentes nações, povos, religiões, ideologias, camadas sociais, raças e opções sexuais. Quase fazia desejar a presença regular de um inusitado fenômeno celeste. O primeiro feito de *Anfitrião* foi testar a firmeza do solo com suas patas e fincar uma bandeira na qual tremulava a imagem da Terra estilizada.

Era noite e, ultimamente, meu vizinho Henrique, o Fuinha, andava mais atarantado do que nunca, tendo orgasmos por tudo o que se relacionava à *Peregrino*. Todavia, não mais me perturbou. Logo agora que eu ansiava em ter alguém para trocar umas ideias sobre o espaço e, quem sabe, desabafar sobre meu avô errante. Entretanto, após minha rusga, foi melhor assim, cada qual no seu canto. Havia pessoas que não se contentavam com uma mão estendida: ansiavam pelo braço todo. De jeito nenhum eu forneceria ao Fuinha a maior teoria da conspiração de todas.

Mas, de minha janela, podia bisbilhotá-lo atrás do telescópio, subindo e baixando os óculos na medida em que fitava o céu pela ocular do instrumento. Ele balbuciava:

— Não pode ser... Não pode ser...

Minhas orelhas arderam de curiosidade. Afinal, o que não podia ser? Até os pelos dos sovacos se arrepiaram.

Por sorte, o cônjuge do Fuinha apareceu e deu voz a minha dúvida. Bem, mais ou menos isso...

— Entra pra dentro, diabo! Se pegá resfriado, ainda leva uma sova por cima! Entendeu?

— Tô indo, benzinho. Só mais um pouquinho. Não estou entendendo...

— Num entende o que, sacristão? Num sabe o que é sova?

— Dois brilhos, avistei dois brilhos em *Peregrino*!

— Isso é desculpa pra num lavá a louça?

— Não é nada disso! Significa...

— Entra pra dentroooo!!!

Contrariado e derrotado, meu vizinho entrou *pra dentro*. Os dois combinavam tanto quanto água e óleo ou político e honestidade. No fundo, porém, convenhamos, eles se mereciam. De minha parte — sem significar um poder maior de percepção —, compreendi a implicação das palavras do sujeito: dois objetos haviam pousado no planeta errante... DOIS! Não podia ser verdade... Ou podia?

Anfitrião e... Toc-Toc Maru!

O lado racional e lógico de minha mente custou a acreditar nessa hipótese, preferindo explicar o sumiço de vovô como ele, de saco cheio, ter colocado o pé na estrada. Talvez estivesse em alguma pousada no interior, num hotel fazenda, sei lá. Mas o que justificaria o desaparecimento do trambolhão e seus cacarecos? Estela — de posse de um bom pretexto, fui bater palma na sua casa — dissera não ter escutado nenhum barulho de caminhão e, muito menos, visto algum estacionado em frente a casa de meus avós. Ademais, a nave de sucata não passaria pelo corredor. Tampouco percebera qualquer estrondo de decolagem vindo de um foguete *steampunk*. Era um mistério para o qual eu nunca encontraria solução. A menos que aceitasse o improvável.

E o improvável surgiu durante a madrugada.

11 - O ADEUS

Eu trouxera o capacete de gorgulho e a eletrola com a plaquinha "Aitiku" para casa. Deixava ambos permanentemente ligados.

Então, em meio a um sono sem sonhos, fui despertado por zumbidos e chiados daquela coisa. Levei algum tempo para compreender a situação e, quando a ficha caiu, levantei num pulo só.

— Di!

Esperançoso, meti o capacete na cabeça.

A noite corria lá fora em sua lentidão feita de escuridão, silêncio, orvalho e do cintilar de luzes longínquas.

Por fim, de um abismo ignoto, surgiu a voz rouca e familiar. De imediato, senti um aperto no peito. Nostalgia, saudade e afeição se misturaram dentro de mim. Senti falta do *toc-toc*, *crec-crec* e *nhac-nhac*. Passara a vida inteira sem entendê-lo e ele a mim. Justo agora, quando podíamos nos comunicar, ele fora embora. Do fundo de um poço sem fundo, ele falou:

"Olá, Robi, apenas ouça, pois não sei quanto tempo terei para falar. Peregrino é um mundo extraordinário. Pousei no lado escuro. Eu me censuro por não ter construído uma espécie de jeep como aqueles que os astronautas levaram à Lua. Minhas pernas são uma porcaria e não consigo caminhar direito pelo terreno acidentado ao redor do Miyazaki Maru — E não 'Toc-Toc Maru, seu cabeça de pudim! Acreditou que eu não descobriria? Há penhascos, cordilheiras, fissuras, planícies congeladas, cavernas, vulcões inativos, desfiladeiros e algumas crateras de impacto. Não tantas crateras quando eu supunha a princípio. Além do mais, as que vi estão bastante desgastadas pela erosão, o que me surpreendeu. Avistei gêiseres emitindo plumas de cristais de gelo, cujos jatos aumentaram de intensidade a medida em que o planeta se aproximou do Sol. Foi um espetáculo e tanto! Ah, sim, a força do campo magnético é significativa; e a atmosfera, tão densa quanto a da Terra, embora irrespirável. Vi um clarão a distância. Não será surpresa se eu descobrir um ou outro vulcão ainda em atividade. E nem quero mencionar minha expectativa quando a cavar um poço a fim de alcançar o oceano subterrâneo. Veremos, então, o quão doido serei! Entrementes, surpresa maior eu tive ao localizar vestígios secos de um rio e seus afluentes. Sim, Robi, rio! Ou seja, no passado, Peregrino já recebeu luz solar o suficiente a ponto de manter água líquida na superfície. Sabe o que isso quer dizer? Ele não nasceu órfão! Isso abre mais um leque de novas questões. Por que se separou de seu sol? Qual seria a estrela? Ela se tornou uma supernova? Quando isso aconteceu? Se teve rios, quicá oceanos, abrigou vida? Existem fósseis atualmente? É um mundo que desperta miríade de perguntas. Isso vale ou não uma vida? Quanto a Sueko, caso um dia o espírito da baixinha se apazigue e você achar conveniente, diga-lhe que, se saímos de nossa terra foi porque a situação assim nos obrigou — não que ela, no fundo, não soubesse —, mas que, sim, peço perdão pelos infortúnios que passamos no Brasil, pelas mentiras em que acreditei e, principalmente, pela morte de Hiroyoshi. Mas a dor que ela carregou não foi maior do que a minha. Essa é uma ferida que jamais irá cicatrizar."

Agarrado ao capacete como se ele fosse uma casca de ovo a qual eu estava prestes a esmagar, não resisti e gritei:

— DIII!!!

Todavia, o silêncio havia descido tal qual a mortalha da noite a cobrir a cidade.

Nada de zumbidos.

Nada de estática.

Nada de luzes.

Nada de voz.

O silêncio.

Frustrado e impotente, retirei a cabeça de gorgulho e fitei a eletrola.

Teria ele, de fato, alcançado o planeta errante? Teria eu ouvido a voz de um fantasma a milhões e milhões de quilômetros, vindo da escuridão infinita do espaço? Estaria eu perdendo os parafusos por começar a dar crédito a tamanha fantasia? Se tudo não passasse de um logro, meu avô bem poderia receber o título de maior mentiroso do mundo. Optei por manter o silêncio, ao menos por enquanto. Bastava eu a duvidar de meu próprio juízo. Abri a janela a fim de respirar o ar puro. Felizmente, o ladrãozinho de

tijolo não estava xeretando as estrelas com seu telescópio, caso contrário, teria me ouvido gritar. Confesso, porém, que, ao olhar para o vazio de seu quintal, bem como a quietude das outras casas, cada qual com suas pessoas, suas histórias, seus sonhos e suas memórias, fui tomado por uma angústia, um sentimento pungente de perda, de melancolia e de solidão parecido àquele que me acometia ao ouvir *Poor Side of Town*, do Johnny Rivers, *American Pie*, do Don McLean ou *Forever Young*, do Alphaville ("Colonizado!" — Eu sei, eu sei...). Pesou-me feito chumbo, consumiu-me como um sombra a se tornar cada vez mais densa, enquanto a tênue claridade de um novo dia emergia no horizonte.

Cheguei a ouvir meu avô uma última vez. Foi também de madrugada e perguntei-me se ele saberia disso e, de propósito, entraria em contato a fim de atrapalhar meu sono como uma forma de vingança por eu ter pintado o nome errado na nave. Os chiados soaram mais fortes; a voz, mais fraca, quase inaudível:

"Olá, Robi. Mais rastejando do que andando, segui um brilho que vira em uma região mais ou menos plana. Pensei ter achado um vulcão. Em vez disso, encontrei a sonda enviada pela Terra! A princípio, levei um baita susto ao ver aquela aranha dourada vir em minha direção. Conseguiram, os filhos da mãe realmente conseguiram. Quem sabe, as nações aprendam algo de positivo com a visita de Peregrino e a 'Paz Inusitada'? Principalmente, deixando suas estúpidas desavenças de lado. Desperdiçamos tempo demais com bobagens. Agora, espantados mesmo devem ter ficado os cientistas ao assistirem as minhas imagens através das câmeras do robô. Queria ser um mosquitinho para saber que explicação irão dar, se é que darão alguma. Deixei Anfitrião em paz a realizar seus experimentos. Mas — não conte a ninguém — roubei o drone deles! Poupar-me-á um trabalho enorme ao escavar o chão para atingir o mar interior. Por ora, posso até montar nele e usá-lo para ir mais longe e mais depressa no chão. Oh, o êxtase toma conta de mim! As descobertas se sucedem uma após a outra. Sabe o que foi desta vez? Aprisionado em uma montanha de gelo, encontrei vestígios de outras formas de vida... Eu juro! O mais impressionante é que não são nativos de Peregrino. Creio serem visitantes como eu que, em algum momento, abordaram o planeta e acabaram retidos. Fez-me pensar nos insetos apanhados pelas dróseras de sua avó. Levarei algum tempo até derreter o gelo e alcançar o que suponho ser a nave deles. Mas hei de conseguir! Oh, claro! O drone poderá me ajudar... Sim... É isso! Pena que Peregrino se afasta mais e mais do Sistema Solar. Não tardará a perdermos contato, e eu, assim como os visitantes no gelo, tornar-me-ei um naufrago espacial. Foi a escolha que fiz e não me arrependo. Repito: vale uma vida. Nesse interim, trouxe a minha espreguiçadeira para relaxar e admirar a paisagem. Assim sendo, Robi, não espere mais por uma nova transmissão. Talvez seja melhor supor que eu morri. Não fique triste. Estou longe demais até para os kamis me alcançarem. Mas uma parte de mim continuará junto a você enquanto de mim puder se lembrar. Sayonará, Robi!"

— Adeus, di — murmurei.

E desliguei para sempre.

Visitei minha avó várias vezes, contudo, nunca lhe contei sobre as mensagens.

Ocasionalmente, cheguei a ver Estela na casa ao lado. Ora ocupada em afazeres domésticos, ora abraçada ao namorado. Suspirei em resignação. Essa estrela estava tão distante de mim quanto aquelas a cintilar no céu.

12 - EPÍLOGO

Ufa! Finalmente conclui esta longa narrativa. Poderão perguntar: alguém dará algum crédito? E aqui de meu canto, responderei: isso importa?

Faz muito tempo que a bá Sueko se foi e, certamente, o di Suketoki também.

Estela se casou com o namorado, mudou de casa e nunca mais tive notícias.

Eventualmente, troquei de cidade, livrando-me do Henrique e ele de mim.

Hoje, décadas depois, com a mesma idade que meu avô tinha na época do desaparecimento, sou um homem de outono à espera de meu próprio crepúsculo. Se me for permitido escolher entre o céu ou o inferno, não haverá uma terceira opção? Em caso afirmativo, pedirei: quero ir para *Peregrino*.

Suketoki foi o nome de meu avô materno.

Eu sou neto de japoneses, *sansei*.

Pode me chamar de Robi.

E aqui, eu termino.

SOBRE ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e dez antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

REVISTA CONEXÃO LITERATURA
COLEÇÃO

JANE AUSTEN

1775–1817

Autora inglesa, cuja representação de pessoas comuns em seu cotidiano conferiu ao livro seu tom essencialmente moderno. Ao longo de sua vida, publicou quatro romances.

Mais de dois séculos após sua morte, seus escritos permaneceram populares e foram considerados clássicos atemporais.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA
COLECIONE

ALEXANDRE DUMAS

1802–1870

Dumas foi um prolífico e renomado autor francês do século XIX. Seus romances foram traduzidos para outros idiomas, e ele é um dos autores mais lidos da França.

Obras famosas: Seus romances mais célebres, incluindo *Os Três Mosqueteiros* e *O Conde de Monte Cristo*, continuam sendo populares hoje em dia e conhecidos por seus temas de aventura, vingança e redenção.





AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2026

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+812 MIL +283 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Divulgue nas edições da nossa
revista, entre em contato:

E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org
Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.02.2026



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd